

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

VANESSA RODRIGUES DA SILVA

**A FAIANÇA FINA E O COMPORTAMENTO DE CONSUMO NA FAZENDA SÃO
BENTO E ENGENHO JAGUARIBE NO SÉCULO XVIII-XIX NA SESMARIA
JAGUARIBE, LITORAL NORTE DE PERNAMBUCO**

**RECIFE
2017**

VANESSA RODRIGUES DA SILVA

**A FAIANÇA FINA E O COMPORTAMENTO DE CONSUMO NA FAZENDA SÃO
BENTO E ENGENHO JAGUARIBE NO SÉCULO XVIII-XIX NA SESMARIA
JAGUARIBE, LITORAL NORTE DE PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Cláudia Alves de Oliveira

RECIFE
2017

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

S586f Silva, Vanessa Rodrigues da.
A faiança fina e o comportamento de consumo na fazenda São Bento e Engenho Jaguaribe no século XVIII-XIX na sesmaria Jaguaribe, litoral norte de Pernambuco / Vanessa Rodrigues da Silva. – 2017.
120 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Cláudia Alves de Oliveira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2017.
Inclui referências e anexos.

1. Arqueologia. 2. Faiança. 3. Comportamento do consumidor. 4. Consumidores – Atitudes. I. Oliveira, Cláudia Alves de (Orientadora). II. Título.

930.1 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2018-122)

VANESSA RODRIGUES DA SILVA

**A FAIANÇA FINA E O COMPORTAMENTO DE CONSUMO NA FAZENDA SÃO
BENTO E ENGENHO JAGUARIBE NO SÉCULO XVIII-XIX NA SESMARIA
JAGUARIBE, LITORAL NORTE DE PERNAMBUCO**

Dissertação apresenta ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Aprovada em: 24/07/2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Cláudia Alves de Oliveira (Orientadora)
Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dra. Ana Catarina Peregrino Torres Ramos (Examinador Interno)
Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dra. Neuvânia Curty Ghetti (Examinador Interno)
Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Marcos Antônio Gomes de Mattos de Albuquerque (Examinador Externo)
Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Uma nova etapa está sendo finalizada e reservei algumas linhas para agradecer as várias pessoas que participaram desse processo e tornaram a caminhada mais leve.

Primeiramente, quero agradecer a minha orientadora a Professora Dra. Cláudia Oliveira fundamental para a conclusão deste trabalho. Desde o início me incentivando a pesquisa científica através da Bolsa de Integração Acadêmica - BIA e do PIBIC. Professora, não consigo expressar a gratidão pelas horas dedicadas às correções e sugestões, paciência, amizade e confiança ao longo desses anos. Obrigada por tudo!

Gostaria de agradecer aos demais professores e colaboradores que compõe o PPARQ, em especial aos professores Ana Catarina, Neuvânia Ghetti, Scott Joseph Allen, Daniela Cisneiros. Muito obrigada por toda contribuição.

Também não poderia deixar de agradecer ao professor Dr. Marcos Albuquerque pelas contribuições lançadas neste trabalho. Imensamente, grata.

A Juliana Roberto que sempre me apoia e incentiva. Obrigada por está presente em todos os momentos da minha vida e segurar os estresses e ausências consequências causadas na construção deste trabalho.

A minha mãe, Vany, por tudo que sempre fez e ainda faz para que eu chegasse até aqui e ao meu pai, Amaro que, infelizmente, não está entre nós.

Aos meus avós, Marlene e Valdir, que sempre me deram força em todas as decisões.

A Josilene Batista pelo vários momentos de risadas e por ser sempre amiga em todos os momentos.

Aos meus amigos Dyego Souza, Nathália Carolina e Katte Marrone, Lorena Abreu e Bruno Reis os levarei para toda a vida. Obrigada por toda paciência, conselhos e risadas.

Aos meus amigos e companheiros do mestrado Maria Marta, Leonardo Borges, Nicodemos Chagas, Bruno, Álvaro Duarte, Maria Aparecida, Filipe, Jouldes Duarte. Nos encontraremos nos campos e que venha o Doutorado.

Agradeço a CAPES (Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa de estudos que possibilitou a minha dedicação à pesquisa.

A todos: MUITO OBRIGADA!

RESUMO

Este trabalho apresenta o estudo do comportamento de consumo dos moradores da Fazenda São Bento e do Engenho Jaguaribe no século XVIII-XIX, situados na área da antiga Sesmaria Jaguaribe, no litoral norte do Estado de Pernambuco. O estudo do comportamento de consumo de um determinado grupo reflete nas relações sociais e econômicas e, conseqüentemente, pode-se compreender o modo de vida e o cotidiano em sociedade. Como unidades produtivas distintas, fazenda e engenho, questiona-se o comportamento de consumo de seus moradores em relação ao uso da faiança fina. Haveria um comportamento de consumo distinto ligado as atividades produtivas distinta? Existiria um padrão de consumo distinto entre os moradores do Engenho e Fazenda? Trabalhou-se com a hipótese de que os moradores teriam comportamento de consumo distinto devido a natureza das unidades trabalhadas. Este estudo teve por objetivo geral identificar o comportamento de consumo dos moradores das duas unidades produtivas, para tanto, nesta pesquisa foram utilizadas, além da pesquisa bibliográfica e histórica, a *Fórmula de Datação da Cerâmica* - Método de datação relativa que possibilita calcular a data média de ocupação de sítios históricos (South, 1972); *Escala Econômica de Miller* que buscou listar preços dos fabricantes de louças em Staffordshire, Inglaterra (1980); e a *Análise Tipológica* (Cor, Motivo, Técnica e padrão decorativo, esmalte, morfologia). A pesquisa demonstrou que tanto o sítio São Bento quanto o Engenho Jaguaribe possuem louças consideradas de baixo valor, *Bandedware*, seguidas da faiança fina *Transfer Printing* de valor mais elevado o que demonstra preocupação com os utensílios do cotidiano.

Palavras-chave: Sesmaria Jaguaribe. Comportamento de Consumo. Faiança Fina.

ABSTRACT

This paper presents a study of Fazenda São Bento's and Engenho Jaguaribe's residents consumption behavior in the 18th - 19th century, located in the former area of Sesmaria Jaguaribe, on the northern coast of Pernambuco State. The consumption behaviors' study of a particular group reflects on the social and economic relations and, consequently, it can comprehend the life style and daily life in society. As distincts productives units, farmer and plantation, the consumption behavior of theirs residents in relation to the use of fine earthenware is questioned. There would be a distinct consumption behavior linked to a disticnt productive activities? Would exist a distict consumption pattern between the residents of Engenho and Fazenda? The hypothesis that the residents would have distinct consumption behavior due the nature of the studied units was raised. This study aimed to identidy the resident's consumption behavior of two productives units, for that, in this research were used, besides the bibliographic and historical research, the Ceramic Dating Formula - A method of relative dating that allows calculate the average date of hitorical sites occupatio (South, 1972); Miller's Economic Scale that aimed to list the price of ceramic in Staffordshire, England (1980); and the Typological Analysis (Color, Reason, Technique and decorative pattern, Enamel, Morphology).The research demonstrated that both Fazenda São Bento and Engenho Jaguaribe have ceramic cosidered as low value, Bandedware, followed by fine earthenware Transfer Printing of higher value that demonstrate concern with the daily utensils.

Kyewords: Sesmaria Jaguribe. Consumption Behavior. Fine Earthenware.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Área continental de Santos – Área de expansão portuária desde 2011, antes área de proteção ambiental.	33
Figura 2 - Mapa do Litoral Norte de Pernambuco.....	38
Figura 3 - Localização da Fazenda São Bento	40
Figura 4 - Localização dos Sítios São Bento e Engenho Jaguaribe.....	43
Figura 5 - Planta de Divisão dos Setores	44
Figura 6 - Planta do setor I.....	45
Figura 7 - Divisão das unidades de escavação	49
Figura 8 - Ponto de acúmulo louça <i>Creamware</i> – São Bento	54
Figura 9 - Ponto de acúmulo louça <i>Pearlware</i> – Sítio São Bento	55
Figura 10 - Ponto de acúmulo louça <i>Whiteware</i> - Sítio São Bento	55
Figura 11 - Louça com Decoração <i>Blue Edged</i> com superfície modificada - Sítio São Bento	57
Figura 12 - Louça com Decoração <i>Green Edged</i> com superfície modificada - Sítio São Bento	58
Figura 13 - Louça com Decoração <i>Peasant Style</i> - Sítio São Bento.....	59
Figura 14 - Louça com Decoração <i>Peasant Style</i> - Sítio São Bento.....	59
Figura 15 - Louça com Decoração <i>Sprig Style</i> - Sítio São Bento.....	60
Figura 16 - Louça com Decoração <i>Sprig Style</i> - Sítio São Bento.....	60
Figura 17 - Louça com Decoração <i>Shell Edged</i> – Superfície não modificada -- Sítio São Bento	61
Figura 18 - Louça com Decoração <i>Shell Edged</i> – Superfície não modificada -- Sítio São Bento	61
Figura 19 - Louça com Decoração Faixas e/ou frisos - - Sítio São Bento	62
Figura 20 - Louça com Decoração Faixas e/ou frisos - Sítio São Bento	62
Figura 21 - Louça com Decoração Faixas e/ou frisos - Sítio São Bento	63
Figura 22 - Louça com Decoração Faixas e/ou frisos - Sítio São Bento	63
Figura 23 - Louça com Decoração <i>Transfer Printing</i> - Sítio São Bento	64
Figura 24 - Louça com Decoração <i>Transfer Printing</i> - Sítio São Bento	65
Figura 25 - Louça com Decoração <i>Transfer Printing</i> - Sítio São Bento	66
Figura 26 - Louça com Decoração <i>Transfer Printing</i> - Sítio São Bento	66
Figura 27 - Louça com Decoração <i>Flow Blue</i> - - Sítio São Bento	67

Figura 28 - Louça com Decoração Flow Blue - Sítio São Bento	68
Figura 29 - Louça com Decoração <i>Finger Painted</i> - Sítio São Bento	69
Figura 30 - Louça com Decoração Fitomorfa (dentríticos) - Sítio São Bento	70
Figura 31 - Louça com Decoração <i>Cat Eye</i> - Sítio São Bento	70
Figura 32 - Louça com Decoração <i>Cat Eye</i> - Sítio São Bento	70
Figura 33 - Louça com Decoração <i>Engine-Turned</i> - Sítio São Bento	71
Figura 34 - Louça com Decoração <i>Engine-Turned</i> - Sítio São Bento	71
Figura 35 - Louça com Decoração <i>Banded</i> - Sítio São Bento.....	72
Figura 36 - Louça com Decoração <i>Banded</i> - Sítio São Bento.....	72
Figura 37 - Louça com Decoração <i>Wave</i> - Sítio São Bento.....	73
Figura 38 - Louça com Decoração <i>Wave</i> - Sítio São Bento.....	73
Figura 39 - Louça com Decoração <i>Sponge</i> - Sítio São Bento	74
Figura 40 - Louça com Decoração <i>Sponge</i> - Sítio São Bento	74
Figura 41 - Louça com Decoração Carimbada - Sítio São Bento.....	75
Figura 42 - Louça com Decoração Carimbada - Sítio São Bento.....	75
Figura 43 - Louça com Decoração Plástica - Sítio São Bento	76
Figura 44 - Marca de Fabricante – Villeroy & Boch - Sítio São Bento.....	78
Figura 45 - Marca de Fabricante – Davenport - Sítio São Bento	79
Figura 46 - Marca de Fabricante – J & G. Meakin England - Sítio São Bento.....	80
Figura 47 - Marca de Fabricante – W. Adams - Sítio São Bento	80
Figura 48 - Marca de Fabricante – Patent Ironstone - Sítio São Bento	81
Figura 49 - Marca de Fabricante – Ironstone China - Sítio São Bento.....	81
Figura 50 - Peça de jogo de tabuleiro – Sítio São Bento	85
Figura 51 - <i>Shell Edged</i> – Superfície Modificada – Sítio Engenho Jaguaribe	96
Figura 52 - <i>Shell Edged</i> – Superfície Não Modificada – Sítio Engenho Jaguaribe.....	97
Figura 53 - Decoração <i>Sprig Style</i> – Sítio Engenho Jaguaribe.....	97
Figura 54 - Decoração <i>Peasant Style</i> – Sítio Engenho Jaguaribe.....	98
Figura 55 - Decoração <i>Faixas e/ou friso</i> – Sítio Engenho Jaguaribe	99
Figura 56 - Decoração <i>Faixas e/ou friso</i> – Sítio Engenho Jaguaribe	99
Figura 57 - Decoração <i>Transfer Printing</i> – Sítio Engenho Jaguaribe	100
Figura 58 - Decoração <i>Transfer Printing</i> – Sítio Engenho Jaguaribe	101
Figura 59 - Decoração <i>Flow Blue</i> – Sítio Engenho Jaguaribe	101
Figura 60 - Decoração <i>Flow Blue</i> – Sítio Engenho Jaguaribe	102

Figura 61 - Decoração <i>Faixas e Friso</i> – Sítio Engenho Jaguaribe	103
Figura 62 - Decoração <i>Wave</i> – Sítio Engenho Jaguaribe	103
Figura 63 - Decoração <i>Engine-Turned</i> – Sítio Engenho Jaguaribe	103
Figura 64 - Decoração <i>Engine-Turned</i> – Sítio Engenho Jaguaribe	104
Figura 65 - Decoração <i>Cat Eye</i> – Sítio Engenho Jaguaribe	105
Figura 66 - Decoração <i>Carimbada</i> – Sítio Engenho Jaguaribe.....	105
Figura 67 - Decoração <i>Carimbada</i> – Sítio Engenho Jaguaribe.....	106
Figura 68 - Decoração <i>Sponge</i> – Sítio Engenho Jaguaribe	106
Figura 69 - Decoração <i>Padrão Trigal</i> – Sítio Engenho Jaguaribe	107
Figura 70 - Fragmento sem decoração – Sítio Engenho Jaguaribe	107
Figura 71 - Técnica pintada a mão livre - <i>Peasant Style</i> – Sítio Engenho Jaguaribe	109
Figura 72 - Técnica pintada a mão livre - <i>Peasant Style</i> – Sítio Engenho Jaguaribe	110

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Decoração da Faiança Fina – Sítio São Bento.....	84
Gráfico 2 - Representação de faiança fina <i>Shell Edged</i> – Superfície Modificada e Não Modificada – Sítio São Bento.....	86
Gráfico 3 - Morfologia da faiança fina com Técnica Decorativa <i>Transfer Printing</i> – Sítio São Bento.	87
Gráfico 4 - Representação da Decoração <i>Dipped</i> – Sítio São Bento.....	88
Gráfico 5 - Variações Decorativas – <i>Bandedware</i> – Sítio São Bento.....	89
Gráfico 6 - Variações Decorativas – Mochaware – Sítio São Bento.....	90
Gráfico 7 - Morfologia das Louças Sem Decoração – Sítio São Bento.....	91
Gráfico 8 - Frequência das Formas das Louças no Sítio Bento.....	91
Gráfico 9 - Tipos de Decoração da Faiança Fina – Sítio Engenho Jaguaribe	94
Gráfico 10 - Variações Decorativas - Pintada a Mão Livre – Sítio Engenho Jaguaribe	95
Gráfico 11 - Representação de faiança fina <i>Shell Edged</i> – Sítio Engenho Jaguaribe.....	96
Gráfico 12 - Representação morfológica da faiança fina <i>Transfer Printing</i> – Sítio Engenho Jaguaribe.....	100
Gráfico 13 - Variações Decorativas – <i>Bandedware</i> – Sítio Engenho Jaguaribe	102
Gráfico 14 - Variações Decorativas – Mochaware - Sítio Engenho Jaguaribe	104
Gráfico 15 - Morfologia das Louças - Sem Decoração do sitio Engenho Jaguaribe.....	108
Gráfico 16 - Frequência das Formas das Louças do Sítio Engenho Jaguaribe	109

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Variantes da Decoração <i>Dipped</i>	68
Tabela 2 - Principais marcas de fabricantes e suas cronologias.	77
Tabela 3 - Marcas de Fabricantes encontradas nos Sítio Fazenda São Bento.....	78

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1	ARQUEOLOGIA HISTÓRICA E SUAS ABORDAGENS	19
2.2	CULTURA MATERIAL EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS	20
2.3	ANTECEDENTES DO USO DAS LOUÇAS EM SÍTIOS HISTÓRICOS	21
2.4	ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS: A CULTURA NA ÓPTICA DA NOVA ARQUEOLOGIA	24
2.5	FATORES DE INFLUÊNCIA PARA CONSUMIR	26
2.6	ARQUEOLOGIA COMPORTAMENTAL E AS LOUÇAS NO NORTE PERNAMBUCANO	27
3	SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS EM ESTUDO: FAZENDA SÃO BENTO DE JAGUARIBE E ENGENHO JAGUARIBE	29
3.1	OS ENGENHOS E FAZENDAS BRASIL E EM PERNAMBUCO.....	29
3.2	ARQUEOLOGIA HISTÓRICA E A LOUÇA DO LITORAL NORTE DE PERNAMBUCO.....	31
3.2.1	Sistema de Sesmaria em Portugal e no Brasil	31
3.2.2	Sesmaria Jaguaribe e as Pesquisas Arqueológicas na área de estudo	36
3.2.3	Sítios Arqueológicos da Sesmaria Jaguaribe	37
3.3	CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA DA PESQUISA	38
3.4	FAZENDA SÃO BENTO DE JAGUARIBE.....	40
3.4.1	Contexto Histórico e Arqueológico	40
3.5	ENGENHO JAGUARIBE	47
3.5.1	Contexto Histórico e Arqueológico	47
4	METODOLOGIA DA ANÁLISE DAS LOUÇAS	50
4.1	ESMALTE	53
4.2	TÉCNICAS E DECORAÇÕES	56
4.3	PINTADA A MÃO EM SUPERFÍCIE MODIFICADA	56
4.3.1	Blue Edged (Shell Edged)	56
4.4	PINTADA A MÃO EM SUPERFÍCIE NÃO MODIFICADA	58
4.5	TRANSFER PRINTING (DECALQUE).....	63
4.6	CHINOISERIE	65

4.7	BORRÃO AZUL (FLOW BLUE).....	66
4.8	DIPPED, ANNULAR OU BANHADA	68
4.8.1	Mochaware	69
4.8.2	Engine -Turned ou Rouletted Decoration.....	71
4.8.3	Bandado ou Border Lined	72
4.8.4	Wave	73
4.9	SPONGE.....	74
4.10	CARIMBADA (CUT SPONGE)	75
4.11	DECORAÇÃO PLÁSTICA – SEM PINTURA	76
4.12	MARCA DE FABRICANTE.....	77
5	ANÁLISE DAS LOUÇAS DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS EM ESTUDO	82
5.1	AS LOUÇAS DA FAZENDA DE SÃO BENTO DE JAGUARIBE.....	82
5.1.1	Faiança Fina – Sítio Arqueológico São Bento	85
5.1.2	Frequência de Formas.....	91
5.1.3	Marcas de Fabricantes	92
5.2	AS LOUÇAS DO ENGENHO JAGUARIBE	92
5.2.1	Faiança Fina – Sítio Arqueológico Engenho Jaguaribe	94
5.2.2	Frequência das Formas	108
5.2.3	Marcas de Fabricantes	109
6	CONSUMO E PODER.....	110
6.1	ENGENHO E FAZENDA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL.....	110
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
	REFERÊNCIAS	116
	ANEXO A - FICHA DE ANÁLISE - LOUÇA	120

1 INTRODUÇÃO

A Arqueologia de modo geral tem buscado compreender enfoques que se mobilizem com questões relacionadas ao status social, comportamento de consumo que, por conseguinte pode revelar o comportamento social de indivíduos e/ou grupos e, também, ideologias. Esses enfoques na acepção de Symanski (2009:08) possuem em comum a preocupação em entender os contextos locais considerando as forças mais amplas que moldaram o mundo moderno. Ainda pode-se relacionar esses enfoques diretamente a Arqueologia do Capitalismo. Estas pesquisas se distinguiram pelas novas abordagens e problemáticas que atribuíram aos sítios, onde objetivavam não só descrição do material arqueológico, mas também a compreensão das relações sociais, econômicas e culturais que permearam esses contextos (TOCCHETTO, 2010; SOUZA, 1995; SYMANSKI, 2009; FUNARI 1995; 1999; ALLEN, 1998; 2000; 2006 apud BARBOSA, 2012).

Esta pesquisa foi realizada na área da antiga Sesmaria Jaguaribe, um dos primeiros núcleos de povoamento do nordeste, datada de 1540, situada entre as vilas de Olinda e Igarassu, atuais municípios de Abreu e Lima, Paulista e Igarassu, onde pesquisas e escavações arqueológicas vem sendo realizadas desde 2001, demonstrando um grande potencial para o estudo da História Colonial brasileira.

Os trabalhos arqueológicos no município de Abreu e Lima vêm revelando informações importantes para o conhecimento sistemático do passado histórico e pré-histórico da área. Muitos sítios foram descobertos em decorrência de pesquisas acadêmicas realizadas e por auxílio da população residente nos arredores, pois os mesmos após participarem dos trabalhos de educação patrimonial que foram lá realizados, passaram a informar aos órgãos de proteção do patrimônio a presença de materiais arqueológicos encontrados por acaso. Os sítios arqueológicos descobertos nesse município ampliaram as informações nas linhas de pesquisa da Arqueologia Pré-Histórica e Histórica ambas as linhas encontram-se com várias publicações constituindo um rico acervo arqueológico resgatado nas campanhas arqueológicas realizadas.

A área possui um rico Patrimônio histórico, arqueológico, arquitetônico, paisagístico e natural. Devido a essas características surgiu o programa de pesquisa e extensão da Universidade Federal de Pernambuco, chamado *Programa Jaguaribe: Preservação Ecológica e Cultural da Sesmaria Jaguaribe (2001)*, visando à preservação ecológica e cultural da Sesmaria Jaguaribe, o qual conta com auxílio de professores e alunos de vários departamentos da Universidade Federal de Pernambuco e de outras instituições, sob a coordenação da

Professora Dra. Cláudia Alves de Oliveira. O Programa Jaguaribe tem por objetivo reconstituir a forma original do núcleo inicial de povoamento da Sesmaria, oferecendo a oportunidade para a população conhecer e interagir com o patrimônio de sua região, construindo, desta forma, uma consciência histórica.

Dentro da execução contínua do Programa Jaguaribe, houve alguns projetos como a “Prospecção de Sítios Arqueológicos na Sesmaria Jaguaribe”, onde vários sítios arqueológicos foram localizados. Entre esses podemos citar o Sítio São Bento, no município de Abreu e Lima, importante fazenda do século XVII, pertencente à ordem religiosa dos beneditinos de Olinda e as aldeias indígenas representadas pelos sítios arqueológicos, próximos a fazenda e ao Engenho Jaguaribe, como nos sítios Aldeia dos Macacos, Córrego do Ouro e Alto da Belenga e São Bento II (CAMPELLO; OLIVEIRA, 2005). Outro projeto que encontra-se em desenvolvimento é o “Educação Patrimonial na Sesmaria Jaguaribe – PE”.

Entre as pesquisas realizadas podemos citar, por exemplo, “A organização espacial da Fazenda de São Bento de Jaguaribe”, onde Carréra (2005) realiza um estudo comparativo das estruturas espaciais do engenho e da fazenda, indicando que a distribuição do espaço é definida pelo tipo de organização social prevalecente no período colonial; Bezerra, Silva e Santos (2005) pesquisaram a utilização de faianças portuguesas produzidas do século XVI, faiança fina inglesa que chegou ao Brasil através da abertura dos Portos brasileiros às nações amigas, a partir de 1810; No trabalho “A casa de vivendas do sítio São Bento”, Guedes (2005), procura reconstituir o “programa” de moradia rural da Ordem Beneditina a partir do estudo dos espaços, identificando à forma, a função, as técnicas construtivas desta estrutura, os materiais utilizados e as transformações ocorridas durante a sua utilização; Surya (2005) estuda os cachimbos cerâmicos encontrados na área da antiga Sesmaria Jaguaribe e compara com os encontrados no Sítio de São Bento; Silva (2006) no seu trabalho, “O cativeiro rural colonial: reconstituição arqueológica da senzala da fazenda de São Bento de Jaguaribe – Município de Abreu e Lima, Pernambuco”, propôs a recomposição do espaço habitado pelo negro escravizado no cerne da totalidade funcional da Fazenda de São Bento de Jaguaribe, a partir de um enfoque particular das estruturas arqueológicas evidenciadas.

A Arqueologia Histórica pode contribuir para o enriquecimento de informações sobre a localidade da antiga Sesmaria Jaguaribe que muitas vezes são escassas de documentação escrita. Conforme Barbosa (2012:15) através da cultura material é possível conhecer um passado mais plural em fontes e abordagens. As pesquisas arqueológicas nessa linha, segundo Kern (1996:181), “fundamentam-se no exame crítico dos vestígios materiais do passado, que

sobreviveram aos fenômenos de destruição naturais ou antrópicos, bem como da documentação escrita complementar”. Assim, aliando o estudo da Arqueologia Histórica e a cultura material dos sítios arqueológicos é possível construir novos olhares para uma sociedade que viveu em determinado local. Para Lima (1985:90), a Arqueologia Histórica tem condições de contestar ou confirmar registros escritos, preencher lacunas existentes [...], além de atingir os aspectos não conscientes das estruturas tecno-econômicas, sócio-políticas, ideológicas, etc., que não aparecem nos registros escritos.”

Durante os trabalhos de pesquisas arqueológicas na área da Sesmaria Jaguaribe foi coletado grande quantidade de faiança fina, material presente na maioria dos sítios históricos. Esse material teve acesso ao mercado brasileiro a partir da abertura dos portos às nações amigas no século de XIX. Essa época a sociedade brasileira passou por mudanças marcantes em sua configuração social, devido às alterações de comportamento social que atingia diretamente as pessoas que buscavam incorporar costumes e hábitos europeus. Como os países europeus estavam em busca de mercados para a venda de seus produtos, devido a produção em larga escala ocasionada pela Revolução Industrial, precisava escoar seus produtos e encontrou terreno fértil nos desejos de famílias que detinham maior poder aquisitivo.

A louça é um dos elementos da cultura material que está presente em maior parte dos sítios arqueológicos históricos. Segundo Pileggi (1958:194) esta categoria é entendida como produtos manufaturados de cerâmica, compostos de substâncias minerais, sujeitas a uma ou mais queima. Dessa forma, essa categoria engloba as faianças e faiança fina. Muitos autores optam por referir-se a faiança fina como louça ou mesmo usam os dois termos. Nesta pesquisa iremos usar o termo faiança fina e as citações utilizadas com termo louça remete diretamente a faiança fina.

Na Arqueologia Histórica, segundo Lima (1995, p. 01), “os fragmentos de louças são os principais vestígios recuperados e requer uma reflexão sobre os possíveis significados desses artefatos para a sociedade que os incorporou com tanta intensidade à sua vida cotidiana”. É possível não só descrever o material arqueológico, mas também buscar através deste a compreensão das relações sociais, econômicas e culturais que permearam esses contextos. Nesta perspectiva pode-se compreender o modo de vida de uma sociedade através do estudo do uso das louças. Este tipo de objeto pode ser utilizado como um indicador de poder aquisitivo por famílias abastadas para mostrar diante da sociedade seu poder de compra de artigos de luxo, ou para estabelecer as diferenças entre distintas camadas sociais

(TOCCHETTO, 2010; SOUZA, 1995; SYMANSKI, 2009; FUNARI 1995; 1999; ALLEN, 1998; 2000; 2006 *apud* BARBOSA, 2012, p. 16).

Na fazenda São Bento de Jaguaribe, pertencente a Ordem Beneditina do Mosteiro de São Bento de Olinda foram identificados durante as escavações os seguintes espaços sociais: a Igreja, a Senzala e a Casa dos Padres. Esses espaços sociais, conforme Zanella *et al.* (2002, p. 08) são locais onde “há encontro e confronto de singularidades que ali se expressam, constituem e transformam, configurando ao mesmo tempo como um coletivo e lócus de diferenças”.

O Engenho Jaguaribe, segundo Costa Porto (1965) é um dos cinco primeiros engenhos de Pernambuco, com estrutura típica de engenho: casa grande, senzala, moita e capela, a propriedade estava em funcionamento no século XVIII. Esse engenho teria sido adquirido em 1812, pelo viajante inglês Henry Koster para moradia. A pesquisa nesse sítio foi iniciada com escavação na área da capela, sendo ainda localizada a área da moita e da casa grande.

Ressalta-se que durante o período de escavação, nos sítios a fazenda São Bento de Jaguaribe e do Engenho Jaguaribe, foram evidenciados material arqueológico como louças (faiança, faiança fina e porcelana), cerâmicas, telhas e tijolos, férreos, vítreos.

Nesta pesquisa procuram-se, através do estudo faiança fina dos sítios acima citados, as relações sociais e econômicas existentes nas unidades estudadas, durante o período correspondente aos séculos XVIII-XIX. Qual o comportamento socioeconômico dos moradores da Fazenda São Bento e do Engenho Jaguaribe quanto a aquisição e o uso da faiança fina? Sendo unidades residenciais distintas, fazenda e engenho, haveria comportamento de consumo distinto entre seus moradores?

Acredita-se ter distinções entre as unidades estudadas, visto que, trata-se de unidades distintas, fazenda e engenho, seus moradores poderiam ter comportamento de consumo também diferentes. Esse estudo tem por objetivo identificar a relação da faiança fina com o status social e econômico dos indivíduos que as adquiriram. Procura-se compreender o comportamento de consumo e as relações sociais e econômicas dos moradores da Fazenda São Bento e do Engenho Jaguaribe entre os séculos XVIII e XIX, identificar a origem da faiança fina, definir a sua cronologia e discutir a relação da forma e uso das louças em diferentes unidades produtivas e habitacionais.

Neste sentido foi realizado o levantamento de dados históricos, fontes bibliográficas e foi realizada análise da faiança fina coletada durante as campanhas arqueológicas realizadas no sítio São Bento e Engenho Jaguaribe.

Além da pesquisa bibliográfica histórica e arqueológica, para o estabelecimento da cronologia da faiança fina encontrada nos sítios São Bento e Engenho Jaguaribe foi utilizada a Fórmula de Datação da Cerâmica - Método de datação relativa, que possibilita calcular a data média de ocupação de sítios históricos, (South, 1972). Na definição do valor da faiança foi utilizada a Escala Econômica de Miller que define a listas de preço dos fabricantes de louças em Staffordshire, Inglaterra (1980). Para a classificação da faiança foram utilizados os seguintes atributos: Cor, Motivo, Técnica e padrão decorativo, esmalte, morfologia, sendo a análise tipológica baseada nos estudos de Majewsky e O'Brien (1987) (*apud* TOCCHETTO *et. al.*, 2001).

O estudo arqueológico da faiança fina, juntamente com documentação histórica permitiu conhecer como se comportaram os proprietários da Fazenda São Bento e do Engenho Jaguaribe nos séculos XVIII-XIX.

Diante disso, o trabalho conta-com cinco capítulos. O primeiro capítulo discorre sobre a Arqueologia histórica, surgimento e contribuição, a cultura material e estudo das louças em sítios arqueológicos históricos. Apresenta-se também a cultura na óptica da Nova Arqueologia, que pode ser utilizada para compreender e revelar o passado das sociedades históricas. Trata também de pontos como Arqueologia do comportamento e comportamento de consumo, além dos fatores de influência para consumir e as louças no norte pernambucano.

Já o segundo capítulo versa sobre contexto histórico e arqueológico dos engenhos e fazendas nos séculos XVIII-XIX, os engenhos e fazendas Brasil e em Pernambuco, a Sesmaria Jaguaribe e Engenho Jaguaribe e Fazenda São Bento e outros sítios arqueológicos identificados nas campanhas arqueológicas realizadas, caracterização histórico e ambiental dos sítios objetos dessa pesquisa.

O terceiro capítulo discorre sobre a metodologia da análise das louças, apresentando os atributos analisados como esmalte, técnicas, decorações e marcas de fabricantes identificadas nas louças dos sítios Engenho Jaguaribe e Fazenda São Bento.

O quarto capítulo trata dos resultados das análises das louças dos sítios Engenho Jaguaribe e Fazenda São Bento, apresentando as técnicas decorativas de maior frequência nos acervos estudados.

Por último, o quinto capítulo trata do Engenho e Fazenda como representação social e como essas unidades se portaram diante da sociedade local no período proposto para este estudo, século XVIII-XIX.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ARQUEOLOGIA HISTÓRICA E SUAS ABORDAGENS

A Arqueologia apresenta aos historiadores novos caminhos para se conhecer um grupo ou sociedade a partir de sua cultura material. De acordo com Dickens (1982: XV) *apud* Lima (1985:87) a Arqueologia deve ser entendida como a disciplina científica que se utiliza de restos materiais para compreender o funcionamento de sociedades humanas específicas e da cultura em geral, o que torna a abordagem arqueológica válida para o entendimento de qualquer sistema de comportamental, passado ou presente.

Muitas vezes ligadas aos mundos gregos e romanos o termo, Arqueologia Histórica, não está relacionado a esses períodos clássicos e “se deu originalmente na América do Norte, e ali surgiu, há cerca de 30 anos, campo de estudo específico com esse nome, definido enquanto história escrita” (FUNARI, 2007. p. 51). O termo Arqueologia Histórica não é utilizado com o mesmo significado em diversos países como expressa Funari (2007:52):

O resultado, teoricamente, deveria ser uma distinção flexível entre os dois campos de estudo: um sendo o passado pré-colonial pré-letrado, nas mãos dos pré-historiadores, e o outro focando as sociedades letradas desde os babilônicos, e que seria o campo dos arqueólogos históricos. Mas, na prática, arqueologia histórica foi quase que totalmente aplicado ao “Novo Mundo” e, em razão disso, formou-se uma dicotomia fixa e dura, uma disjunção completa entre períodos da história humana. Por outro lado, arqueólogos trabalhando na Europa, China e em partes da África não estabeleceram fronteiras tão precisas, e o estudo de períodos históricos foi batizado de acordo com as “civilizações” ou períodos históricos. Por exemplo, as arqueologias clássica e medieval na Europa, ou a arqueologia islâmica em diversos países do Oriente Médio e da África. De fato, os arqueólogos treinados na Europa usualmente tem preferido visualizar a distinção entre pré-história e história como uma gradação. Desse modo, enquanto na Europa o desenvolvimento das letras e a emergência da história escrita ainda são vistos em termos evolucionistas, saindo das sociedades iletradas para as letradas, do simples para o complexo, na América do Norte, na Austrália e na África do sul, por exemplo, tem havido pouca inclinação para a separação, em algum sentido mais preciso, da história e pré-história. (FUNARI, 2007, p. 52)

As diversas abordagens sobre arqueologia sugere a existência de várias arqueologias “As arqueologias históricas ou não vêm sendo praticadas já há um longo período e em diversas partes do mundo” (Costa, 2002, p.09), essas várias vertentes explicam-se pelo fato de haver lugares totalmente distintos e, conseqüentemente, fatos históricos únicos nas diversas sociedades do passado.

Por algumas décadas havia a preocupação dos pesquisadores das ciências humanas de se deterem aos fatos históricos e políticos que faziam parte de documentação escrita e, inclusive, só se (re)conhecia o que era escrito, entretanto, se perdia muitas informações de costumes e hábitos, cotidiano das sociedades passadas, ou mesmo, eram escritas com visão unilateral que se preocupavam em registrar o que é importante para o grupo social ao qual estava inserido. Através de novas abordagens, a partir de 1960, começa-se a observar as questões das sociedades do passado histórico com o olhar para a materialidade encontrada nos sítios históricos, pois na Arqueologia Histórica busca-se, também, a compreensão do cotidiano, status social, costumes, hábitos e modo de vida das pessoas em dada sociedade e que muitas vezes foram excluídas dos registros oficiais da história.

A arqueologia histórica tem várias definições dentre elas é tida como “todos os estudos que usam tanto dados arqueológicos como históricos” (South, 2002). Comumente conhecida, segundo Funari (2007:52), como estudo das sociedades com registros escritos, mas nas últimas duas ou três décadas, suas características distintivas foram alvo de muito debate, com o objetivo de afastar o papel suplementar, de “história subordinada” que possuía. Seu reconhecimento como campo de pesquisa é um fenômeno relativamente recente, datada da segunda metade do século XX (LIMA, 1985, p. 88).

A Arqueologia enquanto ciência conseguiu independência ao desenvolver teoria e metodologia próprias, trabalho que tem sido realizado no decorrer dos últimos 50 anos. E não foi diferente dentro dos estudos da Arqueologia Histórica que buscou adotar novas tendências no estudo de sítios históricos e da materialidade neles encontrados. Essa vertente da Arqueologia, Arqueologia Histórica, não pode ser reduzida e subordinada a história, visto que segundo Lima (1985:90), ela decerto tem condições de contestar ou confirmar registros escritos, preencher lacunas aí existentes, precisar locais de ocorrências de fatos históricos, e assim por diante, podendo ir mais além, atingir os aspectos não-conscientes das estruturas tecno-econômicas, sócio-políticas, ideológicas, etc., que não aparecem nos registros escritos. Assim, através do que é descartado por pessoa de uma sociedade, suas deposições no espaço horizontal e vertical, possibilita compreensão de grupos sociais presente naquele espaço físico.

2.2 CULTURA MATERIAL EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

A Arqueologia através da cultura material procura compreender o modo de vida dos nossos antecessores. A cultura material, no caso da arqueologia, corresponde a fragmentos de

artefatos cerâmicos, vítreos, férreos, louças, entre outros vestígios, produzidos, usados e/ou descartados por grupos que viveram em determinada localidade anterior à nova ocupação. Pode ser considerada, portanto, como sendo “uma linguagem não-verbal que transmite, armazena e preserva o conhecimento social, constituindo um meio simbólico que orienta os indivíduos no ambiente natural e social.” (SHANKS; TILLEY, 1987; HODDER, 1988 *apud* MEDEIROS, 2005, p.18). Prown (1982:2) a cultura material é o estudo através de artefatos das crenças valores, ideias, atitudes e suposições - de uma determinada comunidade ou a sociedade em um determinado tempo.

A cultura material nos sítios arqueológicos afirma a presença do homem em dado local espacial. Como salienta Prown (1982:1) “existência de um objecto feito pelo homem é prova concreta da presença de ser humano com inteligência operacional no momento da fabricação” e reflete “consciente ou inconscientemente, direta ou indiretamente, as crenças dos indivíduos que fez, adquiriu ou usou-os, e, por extensão, as crenças da sociedade em geral a que pertenciam” (PROWN, 1982, p.1). Assim, a cultura material transmite como viviam as sociedades que as produziam, as usufruíam e as descartam, pois o homem criava e modificava o meio às suas necessidades. Todo o material cultural resgatados em escavação arqueológica reflete esse modo de vida do passado, seja ele pré-histórico ou histórico, sendo que este último conta, para sua interpretação, com o auxílio da documentação escrita como inventários de lojas e particulares, documentação de importação e exportação de produtos com datação de fabricação conhecida como é o caso de alguns produtos bastante encontrados em sítios históricos como garrafas de vidros e grés, faiança, faiança fina, porcelana. Esses produtos possuem técnicas produtivas bem definidas historicamente e refletem modo de vida, status social, poderio econômico das sociedades que as adquiriam.

Para Shanks e Tilley (1987) e Hodder (1988), a cultura material representa a estrutura social e organização espacial. Assim, sendo o espaço que foi construído representa a linguagem não verbal e reflete um grupo social.

2.3 ANTECEDENTES DO USO DAS LOUÇAS EM SÍTIOS HISTÓRICOS

Nas primícias do século XIX, o Brasil abre seus portos às nações amigas, com isso torna-se mercado consumidor dos produtos da Europa, que nessa época vivia o auge da expansão industrial e desenvolvimento capitalista (ARAUJO; CARVALHO, 1993, p. 81).

Com a diversificação nos bens de consumo, sobretudo ingleses, as novas camadas urbanas modificaram seu comportamento social, adaptando-se as novas condições com

aquisição de produtos antes restritos as elites rurais (LIMA; FONSECA; SAMPAIO; FENZ-NEPOMUCENO; MARTINS, 1989, p. 205).

[...] São introduzidos tecidos finos, como sedas, tafetás, rendas e bordados; jóias, leques, diademas e pentes para os cabelos, estes últimos indispensáveis à moda dos coques de palmo e meio de altura, os chamados "trepamoleques"; perfumes, cremes, óleos e loções para o cabelo e para a pele tornam-se imprescindíveis à toailete, tanto feminina quanto masculina, refinando a aparência da população urbana. Os interiores das residências, antes despojados, recobrem-se de papéis de parede; cristais e vidros, faianças e porcelanas são incorporados ao acervo doméstico; os pesados móveis coloniais são substituídos por mobiliário francês e inglês, e o piano torna-se peça fundamental nos lares cariocas (LIMA; FONSECA; SAMPAIO; FENZ-NEPOMUCENO; MARTINS, 1989, p. 207).

Atinente à louça, chega ao Brasil os produtos ingleses e franceses. A porcelana francesa agradou sobremaneira as camadas altas, já a faiança fina inglesa produzida em grande escala e preço mais acessível foi rapidamente incorporada ao cotidiano da população de médio poder aquisitivo. Dessa forma, aspirando vender mais e por um custo razoável, os ceramistas ingleses optaram pela adoção de novos motivos decorativos, adequados as suas novas ambições.

As louças são subdivididas para atender as necessidades dos consumidores do local onde eram fabricadas (uso interno) e louças voltadas para o comércio. Verifica-se que:

As faianças de uso interno marcam o estabelecimento do fabrico desse produto em Portugal e datam do final do século XVI até o término do século XVIII. Estavam voltadas para atender a demanda do mercado interno lusitano e de suas colônias, e se caracterizam pela sua popularidade, com formas simples e decorações de motivos singelos. (SILVA, 2006, p.96).

Já as louças voltadas para o comércio, ou seja, produzidas para exportação, de forma a atender uma demanda fora do local de sua produção, possuía uma tipologia variada, eram inspiradas nas porcelanas trazidas da China e demonstravam um cuidado mais apurado na sua confecção, servindo ao mercado de maior poder aquisitivo. (SILVA, 2006, p. 97). As louças de exportação chegavam aos diversos lugares e geravam uma cultura de consumo dentre as pessoas, porém nem todos poderiam tê-las e, em muitas ocasiões, eram utilizadas para expor o poder econômico de determinado grupo. Assim, de acordo com Barbosa (2012), acentuam-se:

Mudanças nos padrões de comportamento social e diversos costumes começam a ser incorporados dentro das famílias brasileiras, principalmente nas que dispunham de um maior poder aquisitivo. Percebe-se uma tentativa por parte destas em emular as elites europeias consumindo os produtos industrializados, produzidos em larga escala pela revolução industrial que

acontecia na Europa e buscava mercados consumidores para seus produtos. (BARBOSA, 2012, p. 17)

A faiança fina inglesa conquistou o mercado brasileiro não apenas pelas técnicas decorativas e qualidade, mas, especialmente, pela diversidade de padrões que englobava desde a *chinoiserie* - louças com decorações de influência oriental - a cenas bucólicas de paisagens inglesas (LIMA; FONSECA; SAMPAIO; FENZ-NEPOMUCENO; MARTINS, 1989, p. 208). Ademais, a descoberta de pastas brancas ou cremes (*whiteware* e *creamware*, respectivamente), com coloração uniforme, as quais não careciam da aplicação do estanho sobre a terracota, facilitou a produção em larga escala, tornando-a popular e comumente utilizada nos serviços de mesa e vasilhame (ARAUJO; CARVALHO, 1993, p. 82).

Em termos de características, Tocchetto (2001:21) define a faiança fina como uma categoria entre a faiança e a porcelana, resultante de uma louça com pasta permeável, opaca, com textura granular e quebra irregular que para se tornar impermeável foi esmaltada.

Symanski (2008:76) afirma que a análise desse tipo de vestígio pode fornecer indicações referentes ao período de fabricação das peças, de modo a se obter cronologias mais apuradas para estabelecer inferências sobre o consumo das pessoas que viveram em determinada área, tentando compreender o período de povoamento e as mudanças ocorridas.

O estudo do comportamento de consumo através da análise da faiança fina possibilita conhecer e compreender como viviam em sociedade os grupos que as adquiriram.

Nesta pesquisa será trabalhada a faiança fina, pois como visto anteriormente, é um instrumento excelente para identificar categorias sociais distintas, por ser bem documentada e possuir cronologias bem definidas no âmbito da arqueologia histórica.

Nos sítios arqueológicos históricos é bastante expressiva a presença da faiança fina, Symanski (1998:165) diz que “devido as louças serem encontradas em grande quantidade, diversidade, de formas, decorações e pastas, este material apresenta um enorme potencial interpretativo que vem sendo explorado por arqueólogos de diferentes orientações teóricas”. Dessa forma, em um sítio histórico, a louça é o material que apresenta o maior número de características passíveis de interpretação (PEIXOTO, 2009, p.24). Silva (2009), ressalta a importância das louças em sítios arqueológicos históricos para compreensão das práticas cotidianas do passado:

Um dos elementos mais utilizados pelos arqueólogos para o entendimento do cotidiano é, justamente, a louça que de modo geral, permite o aprofundamento no entendimento do passado, ampliando as bases para a sua

compreensão e cooperando para o entendimento das práticas cotidianas da coletividade de sua época (SILVA, 2009, p.21).

Albuquerque e Velozo (1993:82), em seus estudos sobre a faiança fina em sítios de contexto histórico afirmam que esta aparece com maior ou menor variação de padrões e em diferentes períodos histórico. A presença constante desse elemento material enfatiza a importância de seu estudo, podendo ser usada como unidade cronológica e sua incorporação ao mercado consumidor, permitirá visualizar um conjunto de aspectos sociais, econômicos e culturais refletidos pela sociedade formadora do sítio.

Nos sítios arqueológicos históricos do Brasil a faiança fina está sempre presente e em Pernambuco, ocorrem nos sítios localizados e estudados do litoral Norte ao Sul, do Agreste a Zona da Mata, possibilitando a compreensão socioeconômica das áreas onde são coletadas.

2.4 ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS: A CULTURA NA ÓPTICA DA NOVA ARQUEOLOGIA

No final da década de 1960, Binford apresenta ao mundo as Novas Perspectivas na Arqueologia – *New Perspectives in Archaeology* – e, define cultura como sendo “o sistema de meios que não dependem diretamente de funções genéticas (isto é, extra somático) e que serve para adaptar indivíduos e grupos aos seus ambientes.” (BINFORD, 1968, p. 323 *apud* ALARCÃO, 1996, p. 11). Assim, a cultura é vista como um todo (sistema) composto por várias partes (subsistema). O sistema é composto de vários subsistemas interligados e havendo alguma alteração durante o processo haverá uma ruptura desse sistema, ou seja, analisando uma cultura passada e observando-se alterações em algum dos subsistemas, pode-se prever que os demais subsistemas, também foram alterados (ALARCÃO, 1996).

Podemos dizer que a Nova Arqueologia considera a tecnologia como meio de adaptação ao ambiente físico e as instituições sociopolíticas como meio de organizar o corpo social, tendo em vista, é certo, ainda a exploração mais eficaz dos recursos, mas também, a adaptação dos homens uns aos outros. (ALARCÃO, 1996, p. 11).

Segundo Cesnik e Betrame (2005, p.13) “A cultura é o elemento primordial que dá unidade a uma sociedade e se cria com base em relações que fazem sentido nesse contexto. A cultura define a sociedade pela capacidade que ela desenvolve de criar elementos que permitem à própria sociedade se reconhecer.”

Para Alarcão (1996, p. 13) com o auxílio da etno-arqueologia e com apoio da teoria neo-evolucionista americana dos níveis sociais¹, os processualistas conseguiram desvendar a organização dos povos através dos vestígios materiais. Afirma que a Nova Arqueologia é capaz de reconstituir, a partir de registro arqueológico, as distinções sociais que uma determinada comunidade fazia. Assim essa vertente teórica tem por objetivo, como seu próprio nome indica, identificar e explicar os processos culturais que deixaram suas marcas no registro arqueológico (SYMANSKI, 1998, p. 18).

As louças são interpretadas como indicadoras do comportamento de consumo dos indivíduos que as adquiriram. Podem ser utilizadas para se compreender o *status* social, comportamento de consumo, o nível material de um determinado grupo social. De modo geral, através do estudo da louça é possível se ter acesso a dados que evidenciem e revelem determinados comportamentos. Pois, as escolhas de consumo do indivíduo refletirão os gostos dessa coletividade. (LIMA, 1993, 1995, 2002; SYMANSKI, 1996, 1998; TOCHETTO *et al.* 2001 *apud* SOARES, 2011).

Pode-se, por exemplo, identificar relações comerciais e de consumo, modas, valores, gostos, hábitos alimentares e de higiene. Refletem necessidades, disponibilidades, interesses de uma época, bem como condições socioeconômicas de seus consumidores. (SILVA, 2009; ALBUQUERQUE E VELOZO, 1993).

Dessa forma, é um estudo de importância significativa, visto que, revela modo de vida de grupos passados e, neste caso, espera-se identificar o modo de vida e o cotidiano dos que moradores da Fazenda São Bento e do Engenho Jaguaribe.

¹ Corrente teórica que distinguiu quatro formas básicas de organização a saber: bandos, tribos, chefados e estados (Service, s/d)ou, ainda, sociedades igualitárias, hierarquizadas, estratigráfica e estatais (Fried, 1967), essas classificações permitiram a organização sociocultural dos grupos humanos.

2.5 FATORES DE INFLUÊNCIA PARA CONSUMIR

O consumo das sociedades permite-nos levantar algumas questões sobre o ato de consumir, pois este pode transmitir no âmbito social “símbolos de diferenciação, atribuição de status, pertencimento e gratificação individual” (BARBOSA, 2004, p.8). Definir sociedade de consumo não é uma tarefa fácil, pois para alguns autores há um tipo específico de consumo denominado consumo de signo ou *commodity sign* retratado por Jean Baudrillard em *A sociedade de consumo*. Outros autores defendem que a sociedade de consumo engloba questões sociológicas mais amplas como pode ser observado abaixo na percepção de Barbosa (2004):

Para alguns autores, a sociedade de consumo é aquela que pode ser definida por um tipo específico de consumo, o consumo de signo ou *commodity sign*... Para outros a sociedade de consumo englobaria características sociológicas para além do *commodity sign*, como consumo de massas e para as massas, alta taxa de consumo e de descarte de mercadorias *per capita*, presença da moda, sociedade de mercado, sentimento permanente de insaciabilidade e o consumidor como um de seus principais personagens sociais. (BARBOSA, 2004, p.8)

Outra dificuldade em estudar sociedade de consumo é que este acaba sendo associado a sociedade de consumidores, cultura do consumo, cultura de consumidores e consumismo (Barbosa, 2004, p.3). Apesar de ser em muitos casos utilizados como sinônimos é necessário encontrar a distinção entre “sociedade de consumo e de consumidores e, de cultura de consumo e de consumidores” (Barbosa, 2004, p.3).

Utiliza-se cultura de consumo e/ou sociedade de consumo para enfatizar esferas da vida social e arranjos institucionais que não se encontram, na prática, uniformemente combinados entre si, podendo ser encontrados desvinculados uns dos outros. Isto significa que algumas sociedades podem ser sociedades de mercado, terem instituições que privilegiam o consumidor e os seus direitos mas que, do ponto de vista cultural, o consumo não é utilizado como a principal forma de reprodução nem de diferenciação social, e variáveis como sexo, idade, grupo étnico e status ainda desempenham um papel importante naquilo que é usado ou consumido (BARBOSA, 2004, p. 04).

Para Barbosa (2004:7) consumir, seja para fins de satisfação de “necessidades básicas” e/ou “supérfluas” – duas categorias básicas de entendimento da atividade de consumo nas sociedades ocidentais contemporâneas – é uma atividade presente em toda e qualquer sociedade humana e utilizar atributos da cultura material como elemento da construção e

afirmação de identidades, diferenciação e exclusão social são universais. Assim sendo, o ato de consumir é intrinsecamente cultural.

Consumir, no senso mais amplo, incorpora atividades relacionadas à satisfação das necessidades e desejos humanos. Estreitamente definido, relaciona-se aos padrões de gasto individual dos grupos doméstico ou de grupos e, especificamente, à aquisição e uso dos itens materiais. Dentro do campo da arqueologia, os estudos de consumo são geralmente focalizados sobre os bens do cotidiano ou matérias alimentícias (LEEDECKER, 1991 *apud* SYMANSKI, 1998, p. 21). Inclusive, “as atividades mais triviais e cotidianas como comer, beber e se vestir, entre outras, reproduzem e permitem estabelecer mediações entre estruturas de significados e o fluxo da vida social através dos quais identidades, relações e instituições sociais são formadas, mantidas e mudadas ao longo do tempo.” (BARBOSA, 2004, p. 06).

Para consumir alguns fatores influenciam na decisão de compra: 1) **Renda; Idade**, as pessoas passam pelas fases do ciclo de vida desde constituição de família com crianças, aos casais mais velhos cujos filhos estabeleceram as suas próprias famílias, além de idosos, todos tendo as necessidades de mudanças de bens de consumo tanto em quantidade e quanto em qualidade (Schiffer *et al* 1981; Wells e Gubar 1970, *apud* HENRY, 1987); 2) **Grupos étnicos**, influenciam e são influenciados pela cultura nacional; 3) **Disponibilidade no mercado de bens de consumo**, normalmente existe em zonas urbanas uma variedade de bens de consumo no mercado diferentes quanto ao tipo, estilo, marca, qualidade, tamanho e o consumidor fará suas escolhas de acordo com suas preferências; 4) **Preço**, Este influencia a escolha do consumidor, uma vez que se o item tem o preço além da capacidade do consumidor de pagar, não vai ser comprado.

Através desses fatores é possível, juntamente com a análise tipológica da faiança fina, traçar o comportamento de consumo, relações socioeconômicas e cultura de um grupo que viveu em uma sociedade pré-terita.

2.6 ARQUEOLOGIA COMPORTAMENTAL E AS LOUÇAS NO NORTE PERNAMBUCANO

A arqueologia comportamental tem uma abordagem teórica processual esta “surgiu como tendência teórica em 1960, com o objetivo de dotar a Arqueologia de um caráter científico e com a preocupação de contrastar e formular, por meio da observação dos registros arqueológicos, uma série de explicações e leis gerais sobre o funcionamento do comportamento cultural humano, diante das condições e eventos do passado e do meio

ambiente” (DI BACO, H. M; FACCHIO, N.B; LUZ, J. R, 2009, p. 217). Neste sentido se preocupa com os processos culturais que envolvem os vestígios arqueológicos e entende que é o comportamento humano que os modifica. A cultura é o resultado do comportamento humano, que é ensinado ao indivíduo no convívio social (SCHIFFER, 1987, p. 7). Também, compreende a reconstrução de comportamentos, organizando-os em uma sequência histórica e, em seguida, explicando a sequência em termos comportamentais. (O’Brien *et al.* 1998, p. 489).

O comportamento de consumo é expressado como “a participação de diferentes grupos sociais expressão local de um sistema econômico nacional” (Praetzellis *et. al.*, 1988 *apud* Symanski, 1998). De fato, a aquisição dos itens materiais nas sociedades pré-industriais e industriais ocorre, na grande maioria das vezes, através do comércio e, mesmo que sejam referentes a escolhas individuais, deve ser lembrado que o indivíduo é influenciado pelo ambiente sociocultural no qual está inserido (Symanski, 1998, p.22).

De acordo com Schiffer (1995, p. 34) a teoria comportamental, embora permaneça imatura, pode facilitar a construção de narrativas históricas ricamente contextualizadas. Mais significativamente, uma narrativa comportamental está centrada sobre as atividades reais de pessoas passadas.

Schiffer apresenta, também, um modelo entendido como cadeia comportamental de análise dos elementos materiais que é muito semelhante à análise de cadeia operatória, utilizada na Arqueologia, por Leroi-Gourhan na década de 1960.

Os processos básicos desse modelo são: aquisição, manufatura, uso, manutenção e descarte. Assim, a análise leva em consideração as áreas de procura de matérias-primas, de água, alimentos, como os objetos foram usados, fabricados, descartados e uma possível reutilização dos mesmos (SCHIFFER, 1972, p. 156).

Através do contexto arqueológico e observando os padrões pode-se compreender o contexto social e econômico dos grupos sociais que os utilizavam para, dessa forma, entender o comportamento destes grupos ou culturas que desses artefatos fez uso, os produziu ou os descartou em determinado período. Assim, consumir não é visto apenas como fator econômico e sim, também, social onde os gostos individuais refletirão na coletividade.

De acordo com Spencer-Wood (1987) para fazer inferências sobre o comportamento de consumo relacionado a *status* é necessário que os dados documentais sobre a condição econômica do grupo em estudo possam ser relacionados com os padrões arqueológicos. Assim sendo, um grupo social conhecido possui documentação histórica tratando de sua

condição socioeconômica sendo possível a análise de seus padrões de consumo a partir dessas evidências.

3 SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS EM ESTUDO: FAZENDA SÃO BENTO DE JAGUARIBE E ENGENHO JAGUARIBE

3.1 OS ENGENHOS E FAZENDAS BRASIL E EM PERNAMBUCO.

O Engenho Jaguaribe e a Fazenda de São Bento, ambos localizados em Abreu e Lima, Pernambuco, são objetos deste trabalho e, na nossa concepção, representavam o poder econômico desde o início das primeiras instalações ocorridas no século XVI. Nas pesquisas arqueológicas realizadas foram evidenciadas estruturas construtivas e uma gama de vestígios da cultura material de seus antigos moradores. A partir do estudo destes buscou-se relacioná-los com a documentação bibliográfica da área e assuntos relacionados a arqueologia e consumo.

Os engenhos produziam a riqueza da época colonial, o açúcar, que era exportado para metrópole portuguesa e demais países amigos. Desde as instalações dos primeiros engenhos no início da colonização que a capitania pernambucana se destaca na produção açucareira e teve muitos engenhos instalados em seus limites. Segundo Menezes (2009):

A economia açucareira teve forte influência na formação territorial de todo o Brasil, sobretudo na atual região Nordeste, pois, foi através do açúcar que os europeus puderam fundamentar as bases da ocupação efetiva no Brasil. A riqueza gerada por sua fabricação e comercialização permitiu que a colônia alcançasse grande desenvolvimento em todas as suas dimensões.

Andrade (2007) aponta dois pontos de engenhos implantados no Nordeste:

- a. Em Olinda que se expandindo sentido ao sul até Penedo e para o norte até Goiana, chegando no estado paraibano e no Rio Grande do Norte;
- b. Em Salvador, se espalhando por todo o Recôncavo Baiano.

Essa expansão significativa determinou estudos sobre como essas primeiras indústrias brasileiras foram determinantes para compreender o desenvolvimento dos núcleos rurais de povoamento, visto que para produção de açúcar era necessário grande contingente humano para os trabalhos de produção.

A vinculação entre o engenho e o povoamento se deve ao fato de que o engenho era então uma estrutura produtiva bastante complexa, pois eram desenvolvidas em seu interior, e em toda a extensão onde a cana era cultivada, diversas atividades relacionadas à produção do açúcar, o que

demandava uma grande quantidade de trabalhadores (MENEZES, 2009, p. 05).

Para Simonsen (2005) os engenhos dependendo do porte e devido as atividades complexas desenvolvidas e que exigiam o envolvimento de muitas pessoas para a realização eram assemelhados a pequenos povoamentos.

O engenho representava uma verdadeira povoação, obrigando a utilização não só de muitos braços, como as necessárias terras de canaviais, de mato, de pasto e de mantimentos. Com efeito, da casa do engenho, da de moradia, senzala e enfermarias, havia que contar com uns cem colonos ou escravos, para trabalharem umas mil e duzentas tarefas de massapê (de novecentas braças quadradas), além dos pastos, cercas, vasilhames, utensílios, ferro, cobre, juntas de bois e outros animais.

No século XVII a capitania de pernambucana possuía uma produção de grande proporção, representando a maior parte da produção de toda a colônia (MENEZES, 2009, p.05). Nesse ambiente circulavam e viviam pessoas que detinham o poder econômico local e, muitas vezes se destacam por utilizarem utensílios mais caros que nem todos que ali viviam tinham condições financeiras para obter.

O engenho era composto por estruturas para instalação de **moenda**, onde se extraía o sumo da cana-de-açúcar e a **casa das caldeiras** para cozimento do caldo. Além da **casa de purgar**, para o descanso do mel obtido no cozimento. Locais para realização de atividade de olaria, carpintaria, marcenaria, criação e plantação e, outras que por vezes eram julgadas necessárias. No próprio engenho, também, eram construídos armazéns para armazenar equipamentos e o açúcar produzido e o bagaço da cana muito utilizado para abastecer as fornalhas. Obviamente, também, existiam as habitações para os trabalhadores dos engenhos e para escravos, comumente conhecidas como senzalas.

Logo, a configuração espacial do engenho estava diretamente ligada a produção do açúcar e consistia em três fases: moagem, cozimento e purgar e cada uma dessas atividades eram realizadas em instalações distintas. A casa-grande e a Igreja cumpriam o papel de moradia e religioso, respectivamente.

A casa-grande, reservada para o proprietário do engenho e sua família para moradia fixa ou temporária, era “símbolo do poder e da autoridade do senhor de engenho, representava a função política e administrativa do conjunto. Possivelmente as casas de engenho mais antigas, eram mais simples, visto que a maioria dos investimentos era destinada à fabricação do açúcar” (MENEZES., 2009, p.05). Assim, na maioria dos engenhos a casa-grande

significava poder e controle do todo o processo de produção de açúcar e das pessoas que circulavam no engenho e a igreja, por sua vez, demonstrava a importância ao religioso, estavam localizadas em pontos mais altos do terreno.

As fazendas tinham papel principal de criação e moradia, nesse sentido ao contrário do senhor de engenho que dispunham mais recursos financeiros para as instalações produtivas para um melhor desempenho para a produção de açúcar e a moradia que muitas vezes possuía o interior da casa-grande mais simples, os fazendeiros buscavam mostrar o quanto possuíam em riqueza e dessa forma optavam por mobílias e conjuntos de utensílios de melhor qualidade e, conseqüentemente, de valor mais elevado (MENEZES, 2009).

Segundo Menezes (2009), geralmente, a sede da fazenda era cercada por jardins e pequenos lagos, além de fileiras de palmeiras que acompanhavam os que visitavam a família até a entrada principal. Internamente, possuíam salas de espera, sala de refeições, grande área de serviço com cozinha e despensa e dormitórios.

Compreender o modo como viviam os grupos humanos do passado, pré-históricos e/ou históricos, possibilita caracterizar o cotidiano dos indivíduos pertencentes a esses grupos, de forma a traçar um panorama das relações sociais e econômicas que eram vividas no período delimitado.

Os objetos utilizados por pessoas do passado podem nos dar informações de grande valor para compreensão de como se relacionavam na sociedade da qual faziam parte e esses objetos coletados de escavações nos permite saber as condições financeiras e posição social das pessoas.

3.2 ARQUEOLOGIA HISTÓRICA E A LOUÇA DO LITORAL NORTE DE PERNAMBUCO

3.2.1 Sistema de Sesmaria em Portugal e no Brasil

Foi no cenário de instabilidade política que se encontrava o continente europeu que foi promulgada a Lei das Sesmarias em 1375, por D. Fernando I, rei português no período de 1367 a 1383. Procurava-se identificar as terras vazias e improdutivas por causa da peste negra e tomá-las para redistribuí-las, no que se poderia notar algum indício de visão da função social da terra (COVOLAN; GONZALEZ, 2008, p. 06).

Era necessário o cultivo das terras de forma que pudesse ser extraído o máximo das mesmas em benefício dos cidadãos e conter a crise de abastecimento de materiais de

subsistência, dessa forma “os terrenos vagos ou ermos, apropriados ou doados para cultivo, se permanecessem incultos seriam confiscados e transferidos para quem os explorasse.” (RAU, 1982, p. 33-36 *apud* NEVES, 2001, p. 112).

A lei agrária que permitiu a redistribuição e ocupação de extensas faixas de terras, nas palavras de Nozoe (2006) diz que:

A Lei agrária de fomento da produção agrícola e do cultivo das terras ermas – reconquistadas aos mouros ou deixadas ao abandono por conta do declínio da população rural dizimada pela peste negra ou rarefeita pelo êxodo em direção aos centros urbanos –, a medida foi, posteriormente, denominada das sesmarias. (NOZOE, 2006).

Nas terras que viriam a ser o Brasil, o rei português não tinha o interesse de povoá-las, inicialmente, buscou os metais que não foram encontrados, posteriormente, resolveu encontrar especiarias que seriam bem aproveitadas em Portugal, por exemplo, o Pau-brasil que foi bastante explorado, pois dele era extraída a tinta que tingia os tecidos portugueses. Segundo Covolan e Gonzalez (2008):

Num primeiro momento da colonização brasileira, os portugueses não mostraram grande interesse pelas terras americanas, onde não encontraram as desejadas especiarias nem os cobiçados metais preciosos, mas apenas o pau-brasil, que passou a ser comercializado, sem que, para isso, fosse necessário implantar colonizadores nas terras. (COVOLAN; GONZALEZ, 2008, p.05).

Porém, alguns países, como Holanda, França e Inglaterra que não aceitavam o Tratado de Tordesilhas acordado entre Espanha e Portugal, começaram a investir e realizar visitas à Colônia Portuguesa. A partir dessas investidas Portugal começou a se preocupar em perder as terras e, por está em crise, resolveu implantar no Brasil o Sistema das Sesmarias.

A Coroa Portuguesa buscava uma solução para a ocupação das terras coloniais e por não possuir recursos financeiros suficientes para manter as terras resolveu implantar na nova colônia o Sistema Sesmarial que havia iniciado na metrópole. Segundo Neves (2001):

O regime de sesmarias estendeu-se ao Brasil com as capitânicas hereditárias, instituídas por D. João III, em 1534. Seu conceito continuou o mesmo de Portugal, com algumas adaptações, significando terras conquistadas, não ocupadas economicamente, doadas pelos capitães donatários e, mais tarde, pelos capitães governadores, com posteriores confirmações, para exploração de particulares, ou seja, território disponível para colonização de terceiros, com anuência governamental. (NEVES, 2001, p.120).

Baseado no latifúndio e na distribuição de terras para quem pudesse e quisesse desenvolver a agricultura foram distribuídas lotes de terras até 1822, quando foi proibida a concessão de terras. Na sesmaria os senhores detinham todo o poder permitido pela Coroa Portuguesa, inclusive, político e militar:

Entre 1548 e 1822, quando foi proibida a concessão de sesmarias, o Brasil já se tornara latifundiário, e os colonizadores legitimados pela Coroa tiveram cada vez mais terras aos seus cuidados, e sob estas terras eram senhores representantes da própria Coroa, usando do artifício de arrendar glebas sob seu poder a lavradores menores, deles recolhendo rendas, proventos e tributos, ou expulsando-os, quando de seu interesse. (COVOLAN; GONZALEZ, 2008, p. 06).

No Brasil o sistema de sesmarias foi implantado nas capitanias hereditárias, com a primeira sesmaria concedida do donatário Martim Afonso de Souza a Pero Góis em 10 de outubro de 1532. A área doada situa-se na região continental de Santos, defronte ao largo Caneu. Outra área nesta região estuarina de Santos foi doada por Ana Pimentel a Bras Cubas. O conjunto das terras citadas mais parte da sesmaria doada a Rui Pinto abrange atualmente áreas próximas ao Porto de Santos (Figura 01).

Figura 1 - Área continental de Santos – Área de expansão portuária desde 2011, antes área de proteção ambiental.



Fonte: www.planejamento.gov.br

Segundo Franco (2001) outra sesmaria que pouco se conhece é a que ocupa os atuais bairros da Graça, Chame-Chame e Jardim Apipema, posteriormente, transferidos para os beneditinos após a morte do beneficiário Diogo Álvares (Caramuru) que foi casado e teve filhos com a tupinambá Quayadin que recebeu o nome de Catarina. A área situa-se no estado da Bahia e foi instituída como sendo sua fundação no dia 29 de março de 1549, quando da chegada da esquadra de Tomé de Souza a Baía de Todos os Santos, no atual Porto da Barra. As controvérsias se dão, pois a área possui fatos históricos importantes para área anteriores a chegada de Tomé de Souza. Resumidamente, passou por algumas modificações com relação ao nome do local até a denominação atual de Salvador (antigo nome de São Salvador da Baía de Todos os Santos). As poucas pesquisas na área, talvez, tenham deixado espaços abertos na história do estado para essas inquietudes. Assim, sabe-se que o primeiro donatário Francisco Pereira Coutinho instalou a Capitania Hereditária, em 1536 e a localidade passou a se chamar Vila Velha do Pereira, porém antes de Pereira Coutinho, houve a Vila do Caramuru erguida pelo português Diogo Álvares, o Caramuru, que chegou a Baía de Todos os Santos em 1509, deixado pelos franceses para ser intermediário entre os nativos e os europeus para a negociação com pau Brasil.

Na capitania de Pernambuco, uma das que obtiveram êxito através da lavoura da cana-de-açúcar, encontrava-se a Sesmaria Jaguaribe onde, atualmente, contempla terras dos municípios de Paulista, Abreu e Lima e Igarassu.

A Sesmaria Jaguaribe surgiu em 1540, resultado da carta de doação que Duarte Coelho recebeu em 1534 do rei português, D. João III. No ano seguinte, em 1535, preparou uma comitiva composta de familiares, parentes e amigos e trabalhadores de diversas áreas para iniciar os trabalhos de povoação de suas terras. Através do rio Santa Cruz, no lado sul do canal de Itamaracá desembarcaram no mesmo lugar onde encontrava-se instalada a feitoria régia criada por Cristóvão Jacques (1516) e, aí começou os trabalhos para instalar os primeiros engenhos em Pernambuco (ALBUQUERQUE; LUCENA (1997), OLIVEIRA, 2004; NUNES; OLIVEIRA, 2009; MEDEIROS; 2005; ANDRADE, 2006; SILVA, 2006).

Segundo Oliveira Lima (1975), o “donatário levantou nas imediações dos lugares onde se tinham erguido as antigas feitorias de Cristóvão Jacques, as primeiras villas do seu feudo – Olinda e Igarau separadas cinco léguas uma da outra”.

A Carta de Doação, onde o rei de Portugal transferia em forma de doação a administração das terras da Capitania de Pernambuco a Duarte Coelho, trazia expressas algumas obrigações que deveriam ser seguidas pelo donatário como, por exemplo, fundar de

engenhos de produção de açúcar e Vilas. Assim, sendo e seguindo o acordo que estava na carta de doação, em 27 de setembro de 1535, Duarte Coelho funda a fundação a vila de Santa Cruz, as margens do rio Igarauçu e, também, construiu a capela de Santos Cosme e Damião, pois a data de fundação caíra no dia destes santos no calendário gregoriano (OLIVEIRA, 2004; NUNES; OLIVEIRA, 2009; MEDEIROS; 2005; ANDRADE, 2006; SILVA, 2006).

Houve conflitos entre os grupos indígenas que ocupavam terras em Igarassu e os portugueses que estavam dispostos a conquistar e ocupar mais terras, assim Duarte Coelho investe na exploração das terras ao sul e encontra um local apropriado para instalar a Sede de sua Capitania. Pessoalmente, administra o povoamento e desenvolvimento da capitania para um dos fatores para que Duarte conseguisse administrar sem maiores conflitos com os índios locais, foi o fato que alguns portugueses começaram a se envolver com índias locais como ressalta Shwartz (1988):

As relações com os nativos da região foram facilitados por uma série de uniões entre índias e colonos, entre os quais estava Jerônimo de Albuquerque, cunhado do donatário. Tais laços pessoais mostraram-se valiosíssimos mais tarde, quando os portugueses precisam repelir a resistência organizada dos indígenas. Duarte Coelho trabalhou ativamente em defesa de seus interesses de proprietário, atentando em especial para os alicerces econômicos de seus domínios.

Através do Foral em 12 de março de 1537, demarca terras e reservas partes dela como bem comum. As vilas de Olinda e Santa Cruz (Igarassu), também, são delimitadas, assim, as terras ao sul ficam sendo denominada de Olinda e as situadas do rio Paratibe sentido norte é determinada como Santa Cruz.

Duarte Coelho, proprietário, iniciou a doação de terras para promover o povoamento da nova colônia da Coroa Portuguesa para que assim os gastos da colônia fossem mínimos à Metrópole e com as doações de porção de terras os gastos com a povoação diminuiria e possibilitaria a ocupação das terras, pois os donatários se encarregariam pelo povoamento e produção da terra. Em 24 de julho de 1540, ao feitor e almoxarife da fazenda real Vasco Fernandes de Lucena, Cavaleiro da Casa Real, recebe a primeira sesmaria. Esta possuía uma légua de terras ao comprido por uma légua de terra de largura, situada ao norte de Olinda, no Jaguaribe.

As terras da sesmaria dividida entre Vasco Fernandes cabendo-lhe um quarto e o restante, um quarto para cada um dos seus filhos: Clara Fernandes, Francisco Fernandes e

Sebastião Fernandes (OLIVEIRA, 2004; NUNES; OLIVEIRA, 2009; MEDEIROS; 2005; ANDRADE, 2006; SILVA, 2006).

Segundo Costa Porto (1965):

É possível que o primeiro engenho fosse o “O Engenho Salvador”, pertencente ao donatário, construído em local ignorado, mas no Beberibe; o segundo, o de Jerônimo de Albuquerque, de invocação de N. Senhora da Ajuda, chamado também de Beberibe, ou ‘Engenho Velho” que funcionou pouco tempo, trocando-se a cultura da cana pela exploração de cal, onde hoje está instalada a “Fosforita Olinda”; o terceiro seria, talvez, aquele engenho que Afonso Gonçalves começara a construir em Igaracú, como se vê da narração de Fr. Vicente; o quarto, o de Santiago, de Olinda, de Diogo Fernandes, marido da famosa Branca Dias e que, como o de Igaracú, foi destruído na luta com o indígena, de 1553, conforme se vê na carta de Jerônimo, de 28 de agosto de 1555; finalmente, o último seria o de Jaguaribe, de invocação de Santo Antonio, construído por Vasco Lucena e onde, no século XIX trabalhou o inglês Koster. Depois que o segundo donatário limpou a costa, dos indígenas, foram-se espalhando os engenhos, registrando Cardim, em 1584, a existência de 66. (COSTA PORTO, 1965 p. 66-67):

A sesmaria que foi logo denominada de Sesmaria Jaguaribe, dentre as documentações históricas, é intitulada como a única encontrada lavrada pelo donatário Duarte Coelho.

3.2.2 Sesmaria Jaguaribe e as Pesquisas Arqueológicas na área de estudo

Segundo o livro de Tombo do Mosteiro de Olinda, a Sesmaria Jaguaribe foi doada a Vasco Fernandes, por Duarte Coelho em 1540 e foi um dos primeiros núcleos de povoamento do Nordeste, a Sesmaria Jaguaribe possui importância histórico-cultural inquestionável e, mais, abrange áreas de remanescentes da Mata Atlântica e de mangues localizadas entre o Rio Timbó e a barra sul do Canal de Santa Cruz compreendendo, assim, um ambiente natural de valor científico. Ainda encontramos nela o Porto Jatobá onde habita uma pequena comunidade de pescadores que dividem espaço com ruínas de antigos cais, estes possivelmente do período colonial (OLIVEIRA 2001; CAMPELLO; OLIVEIRA, 2005; OLIVEIRA; LIMA, 2003)

Nessa área, a pesquisa arqueológica através do Projeto “Prospecção de Sítios Arqueológicos na Sesmaria Jaguaribe” localizou vários sítios arqueológicos, resgatando a cultura e o modo de viver das populações pré-coloniais e coloniais. Entre esses podemos citar o Sítio São Bento e o Engenho Jaguaribe, objetos de estudo desta pesquisa, localizados no município de Abreu e Lima. Nesta pesquisa procura-se conhecer como se comportaram os

proprietários da Fazenda São Bento e do Engenho Jaguaribe nos séculos XVIII-XIX. Este comportamento, para ser mais claro, remete a vida social e econômica dos proprietários das duas unidades citadas, o engenho e a fazenda. Outros sítios localizados foram as aldeias indígenas (os sítios Aldeia dos Macacos, Córrego do Ouro e Alto da Belenga e São Bento II), todos eles situados nos morros próximos a fazenda e aos engenhos Jaguaribe e Inhamã. (CAMPELLO; OLIVEIRA, 2004).

3.2.3 Sítios Arqueológicos da Sesmaria Jaguaribe

Foi a partir de 2001, com a criação do Programa Jaguaribe, que a área da Sesmaria Jaguaribe começou a ter sucessivas campanhas arqueológicas e pode identificar vários sítios arqueológicos históricos e pré-históricos. Anterior aos trabalhos de escavação arqueológica houve um período de pesquisas e estudos históricos, além de educação patrimonial para os professores das escolas públicas de ensino fundamental no município de Paulista e dois seminários para a comunidade. Esses trabalhos iniciais foram fomentados através de concessão de bolsa de iniciação científica, ofertadas pela Pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação (PROPESQ) a alunos do curso de História, posteriormente foram beneficiados alunos de outros cursos, como Turismo e Arqueologia. Ressalta-se, também, a participação voluntária de alunos da UNICAP e FUNESO.

Os sítios históricos identificados em Abreu e Lima foram Sítio Timbó, Engenho Jaguaribe, Engenho Desterro e, pré-histórico, têm-se os sítios Alto dos Macacos, Alto da Belenga, Alto do Corrégo do Ouro. Em Paulista, temos identificados os sítios históricos Forno Salinas, Sítio Maranguape e o sítio Igreja Nossa Senhora dos Prazeres e, por último, no município de Igarassu o sítio histórico Engenho Inhamã (OLIVEIRA, 2005 RELATÓRIO IPHAN).

No período de 2008 a 2010 foram identificados outros sítios arqueológicos através do projeto prospecções arqueológicas na Sesmaria Jaguaribe. De forma geral, os sítios identificados e cadastrados na base do IPHAN correspondem a sítios históricos, pré-históricos e multicomponencial. Dentro desse período houve várias campanhas que possibilitaram continuidade sistemática das pesquisas arqueológicas as quais permitiram a descoberta de mais sítios arqueológicos, além das ocorrências arqueológicas estas identificadas próximo ao Porto Jatobá, Abreu e Lima.

Dos sítios arqueológicos identificados e cadastrados no IPHAN nem todos tiveram realizadas escavações arqueológicas à época, o sítio Engenho Jaguaribe, por exemplo, teve

sua primeira escavação realizada em setembro de 2015, devido aos poucos recursos financeiros dispostos para os estudos arqueológicos da área. Mais informações sobre a escavação do Engenho Jaguaribe será exposta no capítulo 5.

3.3 CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA DA PESQUISA

O litoral pernambucano está dividindo em Litoral Norte, Sul e Região Metropolitana, o setor a qual a pesquisa está destinada é o Litoral Norte (Figura 02) que compreende municípios Araçoiaba, Goiana, Igarassu, Ilha de Itamaracá, Itapissuma, Itaquitanga, Paulista e Abreu e Lima, que fazem parte da divisão político-administrativa denominada Região Metropolitana de Recife (RMR) (ANDRADE, p. 73, 2006; IBGE, 2006).

Estudo realizado pelo LGGM-UFPE (1992) apontam que as estruturas geológicas que foram identificadas no Litoral Norte correspondem a formações Barreiras, Beberibe, Gramame e Maria Farinha, além de sedimentos recentes formados por terraços marinhos, depósitos aluviais, depósitos fluviolagunares, depósitos de mangue, depósitos de praia e Recife.

Embora a maior extensão dentre as formações constituintes da Bacia Sedimentar Costeira Pernambuco-Paraíba seja a Formação Barreiras. Integrando a Bacia Sedimentar Costeira Pernambuco-Paraíba, com cronologias que vão do Cretáceo ao Pleistoceno, os terrenos do Litoral Norte estão constituídos por depósitos terciários, sobre um embasamento cristalino que aflora numa faixa estreita de sua porção oeste. (OLIVEIRA *et al.*, 2005; OLIVEIRA, 2011).

Figura 2 - Mapa do Litoral Norte de Pernambuco



Fonte: IBGE, 2010.

A área onde se encontra situados os sítios arqueológicos estudados neste trabalho consta com remanescentes da Mata Atlântica e de mangues localizadas entre o Rio Timbó e a barra sul do Canal de Santa Cruz compreendendo, assim, um ambiente natural de valor científico. Ainda encontramos nela o Porto Jatobá onde habita uma pequena comunidade de pescadores que dividem espaço com ruínas de antigos cais, estes possivelmente do período colonial (OLIVEIRA 2001; CAMPELLO; OLIVEIRA, 2005; OLIVEIRA; LIMA, 2003).

Segundo a classificação de Köppen, a área que corresponde as terras onde foi instalada a Fazenda de São Bento de Jaguaribe compreende ao clima tropical úmido ou pseudo-tropical. Com temperatura média anual oscilando em 24°C, nos meses frios, e 27°C, nos meses quentes. Com relação a precipitação pluviométrica anual, em média, chega a 1.610,7 mm, com chuvas de outono a inverno, através de ciclones da Frente Polar Atlântica em período ano correspondente aos meses de abril a agosto.

Particularmente, o município de Abreu e Lima, onde foi localizada grande quantidade de sítios arqueológicos durante as campanhas realizadas, está localizado, geologicamente, na Província Borborema, sendo constituído pelos litotipos dos complexos Salgadinho e Vertentes e dos sedimentos das formações Beberibe, Gramame, do Grupo Barreiras e dos depósitos Fluvio-lagunares e Aluvionares (CPRM, 2008).

3.4 FAZENDA SÃO BENTO DE JAGUARIBE

3.4.1 Contexto Histórico e Arqueológico

A Fazenda São Bento, localizada no litoral Norte pernambucano, está situada no município de Abreu e Lima a 07°54'07,4" de latitude sul e 34°52'21,2" de longitude oeste (CARTA SUDENE) e a 69 metros de altura acima do nível do mar (Figura 3).

Desde o início do XVII até o século XIX os beneditinos a geriam, além de estarem instalados em terras da capitania de Pernambuco desde 24 de julho de 1540 conforme o livro de tombos e o Manuscrito do Arquivo do Mosteiro de São Bento de Olinda. Desde a colonização das terras brasileira as Ordens religiosas estiveram presentes, sempre no intuito de catequisar e ensinar as doutrinas seguidas para os colonizados, índios e/ou escravos.

Muitas ordens religiosas vieram à colônia de Portugal para realizar suas expedições missionárias e trouxeram algumas contribuições como ressalta Andrade (2016:12):

Os franciscanos trabalharam junto às aldeias indígenas e na prosélite, em que são considerados os mais famosos oradores sacros. Os capuchinhos, vindos da França, chegaram primeiro no Rio de Janeiro e no Maranhão. Apenas em 1654 chegam ao Recife, iniciando um importante trabalho de catequese. Os carmelitas tiveram seu primeiro convento fundado em Pernambuco, em 1584, chegando a ter 13 conventos e, em 1686, constituíram uma vigaria independente de Portugal.

Em Salvador a ordem Beneditina fixou, em 1581, o primeiro mosteiro da Ordem com intuito de expandir a doutrina Beneditina e atrair mais fiéis através dos trabalhos de catequização. Seguiu, em 1592, com destino a Olinda estabelecendo-se na Capitania Pernambucana.

Figura 3 - Localização da Fazenda São Bento



Fonte: Detalhe das cartas da Sudene – Folha SB.25-Y-C-VI/3-SO MI-1293/3-SO e SB.25-Y-C-VI-3-SE. A localização da Fazenda de São Bento de Jaguaribe está representada com X vermelho. OLIVEIRA (2005).

De acordo com a historiografia a ordem Beneditina possuía e adquiriam suas propriedades como engenhos e fazendas, não praticavam a mendicância e utilizam suas propriedades para obtenção de renda para sustentar o mosteiro e para aplicar nas atividades religiosas. Bastante pesquisado concerne à história Beneditina, o Livro de Tombos Mosteiro de São Bento de Olinda revela os bens móveis e imóveis, riquezas da Ordem Beneditina.

A Fazenda de São Bento de Jaguaribe, propriedade rural, encontra-se inserido no livro de tombos como sendo propriedade beneditina desde o século XVII, dentre as informações do livro destaca-se a localização da fazenda que é reforçada como estando nos limites das terras da antiga Sesmaria Jaguaribe, Andrade (2006:13) confirma:

O Livro de Tombo do Mosteiro de São Bento de Olinda (1948) contém a relação das terras compradas e recebidas por doações, pelos beneditinos, incluindo a Fazenda de São Bento de Jaguaribe, propriedade dos monges desde o século XVII, localizada nas antigas terras da Sesmaria Jaguaribe. Essas terras foram doadas, no início, a Vasco Fernandes, pelo donatário da Capitania, Duarte Coelho, no ano de 1540; este fato está registrado no livro

de Tombo do Mosteiro de São Bento. As informações sobre o uso da fazenda indicam que havia uma ligação direta com o sistema econômico da Ordem.

As informações extraídas do Livro de Tombos de São Bento de Olinda, dá-nos descrições sobre aquisição das terras onde foi implantada a Fazenda da Ordem Beneditina. Historicamente sabe-se que Duarte Coelho doou muitas terras para os que tivessem finanças para investir e disposição para trabalhar a terra e um dos beneficiários foi o seu feitor e almoxarife Vasco Fernandes de Lucena e seus filhos que foram beneficiados com terras localizadas na antiga Sesmaria Jaguaribe. Uma transcrição deste mesmo livro de 1948, folha 149, revela-nos o sobre a doação “translado da data de huma Legoa de terra em quadra, que fes Duarte Coelho a Vasco Fernandes para elle, e soes filhos, que he a terra, em que temos a Fazenda Jagoaribe.

Neste livro, também, pode observar todas as transações comerciais realizadas: compras, vendas, doações de terras, além de informações sobre a geografia local e lugares de instalações de engenhos como, por exemplo, os engenhos Ayamam, atualmente conhecido como Inhamã, e, o Jaguaribe que será tratado no quito capítulo.

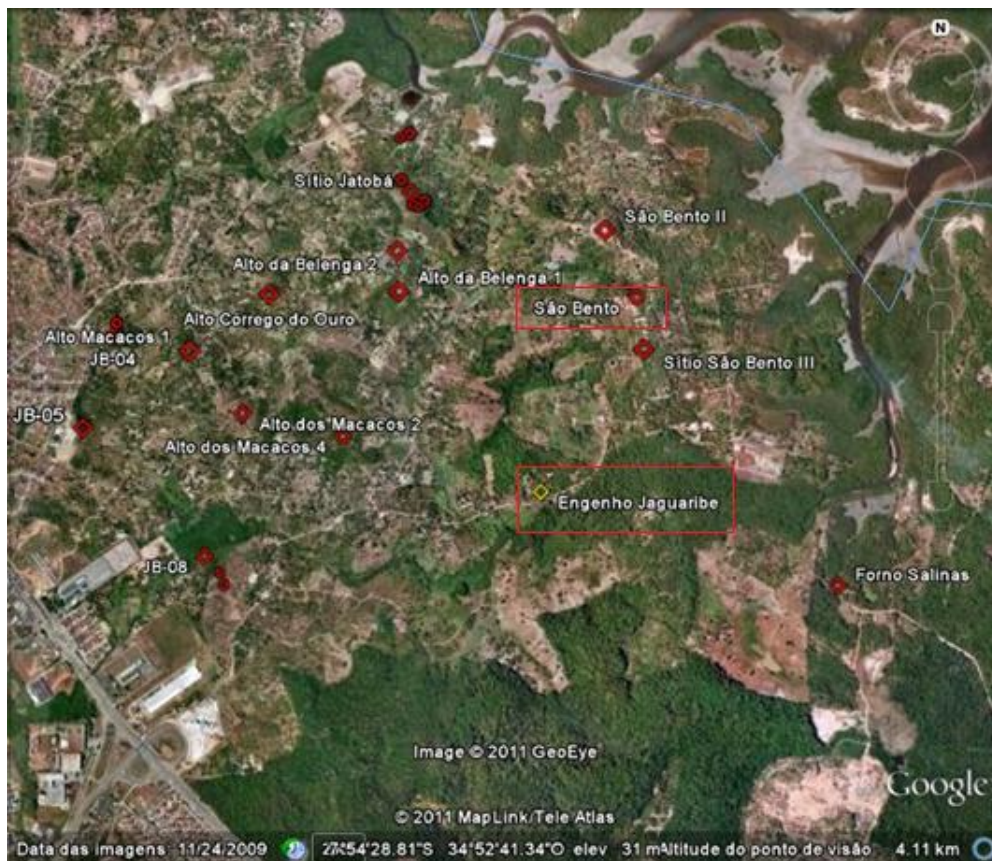
Na bibliografia disponível é possível saber que a fazenda possuía: olaria, com dois fornos; caieira, na qual era produzida a melhor cal da região; salina; engenho de farinha; depósitos para armazenar os produtos manufaturados e uma agricultura de subsistência em que se cultivava milho, mandioca, arroz, feijão, café e legumes. Além de uma capela, a casa de vivenda, duas senzalas, cozinhas nas senzalas, adega, enfermaria, rouparia, estribaria, uma cacimba, construídas pelos religiosos; também tinha canoa, criação de caprinos e carro de tração animal (ANDRADE, p.71, 2006; ROCHA, 1948 *apud* ANDRADE, p. 72, 2006).

As pesquisas arqueológicas realizadas na Fazenda São Bento de Jaguaribe tiveram como intuito inicial notificar espacialmente as estruturas arquitetônicas encontradas na área, além de estabelecer um modelo geral de propriedade rural (ANDRADE, p. 2006). Como falado anteriormente os primeiros trabalhos foram realizados em 2001, onde houve os primeiros levantamentos de sítios arqueológicos, prospecções e, posteriormente, gradualmente escavações arqueológicas (Figura 4).

A primeira campanha foi realizada no período de 21 de fevereiro a 11 de março de 2005. Neste período foi desenvolvido o trabalho dissertativo *Reconstituição de uma Fazenda Colonial: Estudo de Caso Fazenda de São Bento de Jaguaribe*, autoria de Mércia Carréra de Medeiros.

A segunda campanha de pesquisa arqueológica na fazenda foi realizada no período de 16 de janeiro a 13 de fevereiro de 2006. Desta campanha foram produzidas duas dissertações: *A Casa de Vivenda do Sítio São Bento* de autoria de Ana Paula Guedes de Andrade, e a dissertação de Fabiola Amaral Jansen intitulada *O Cativo Rural Colonial: Reconstituição Arqueológica da Senzala da Fazenda de São Bento de Jaguaribe*.

Figura 4 - Localização dos Sítios São Bento e Engenho Jaguaribe



Fonte: Google Earth (2011)

De forma geral, a metodologia aplicada aos trabalhos de campo durante as campanhas realizadas no sítio São Bento consistiu, inicialmente, na limpeza da área e reconhecimento das estruturas e, posteriormente, foi realizado o setoriamento que englobou as unidades arquitetônicas identificadas no sítio dando origem as trincheiras denominadas em algarismo romano que foram subdivididas em quadrículas numéricas de 4m² e quadrantes de 1 m², nomeados com letras minúsculas, ou seja, foi utilizado código alfanumérico visando nomear e controlar os materiais arqueológicos dispostos no espaço vertical (MEDEIROS; 2005; ANDRADE, 2006; SILVA, 2006).

Também foram realizadas sondagens através de prospecção nas quadricula no intuito de identificar e delimitar estruturas e espaços e suas respectivas funcionalidades, além de coleta de material em contexto arqueológico. A realização de definição de trincheiras para os trabalhos permitiu a delimitação da ordem da deposição dos vestígios quando foi abandonado pelo o homem. As decapagens realizadas foram por níveis artificiais de 15 cm de profundidade, acompanhada pelo o registro fotográfico, desenhos e croquis.

Em 2005, foram definidas sete trincheiras (trincheira I, trincheira II, trincheira III, trincheira IV, trincheira V, trincheira VI, trincheira VII) que foram distribuídas em locais estratégicos onde havia estruturas arqueológicas, onde foram encontrados lâmina de machado em granito polido, além de cerâmica, louça, faiança, vidro, metal, ossos, grés, sementes, colar de conta, botões, carvão e material malacológico, material construtivo, piso antigo da igreja e estruturas de colunas.

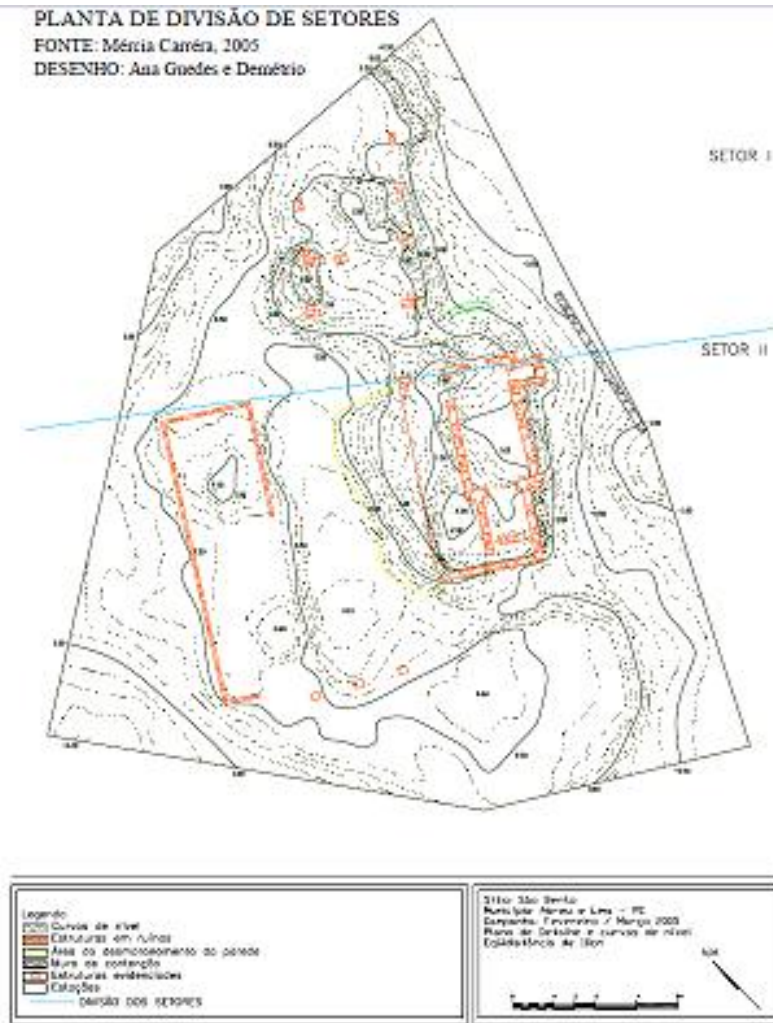
Durante as sondagens realizadas buscou-se observar a existência de sepultamentos na área interna da igreja, visto que era comum, em igrejas, a prática de rituais funerários no Brasil Colonial era frequente. Após a limpeza e retirada de grande quantidade de material construtivo, pode-se observar o antigo piso da igreja que foi registrado através de fotografias e desenhos e, posteriormente, coletados os vestígios arqueológicos de forma a manter a integridade do mesmo e acondicionado em sacos plásticos.

Ressalta-se que todo o material arqueológico coletado foi encaminhado para triagem, limpeza, tombamento e, posterior análise no Laboratório de Estudos Arqueológicos – LEA-UFPE.

Em 2006 dando continuidade aos trabalhos iniciados foi realizada a escavação arqueológica da área da casa dos padres (unidade habitacional). O sítio foi dividido em três setores (I, II, III), de forma a possibilitar a sistematização e a recuperação das estruturas remanescentes. De acordo com a Planta de Divisão de Setores (ver figura 5), temos:

- Setor I - Corresponde a unidade habitacional;
- Setor II - Área da igreja e parte da senzala e;
- Setor III - Área da senzala.

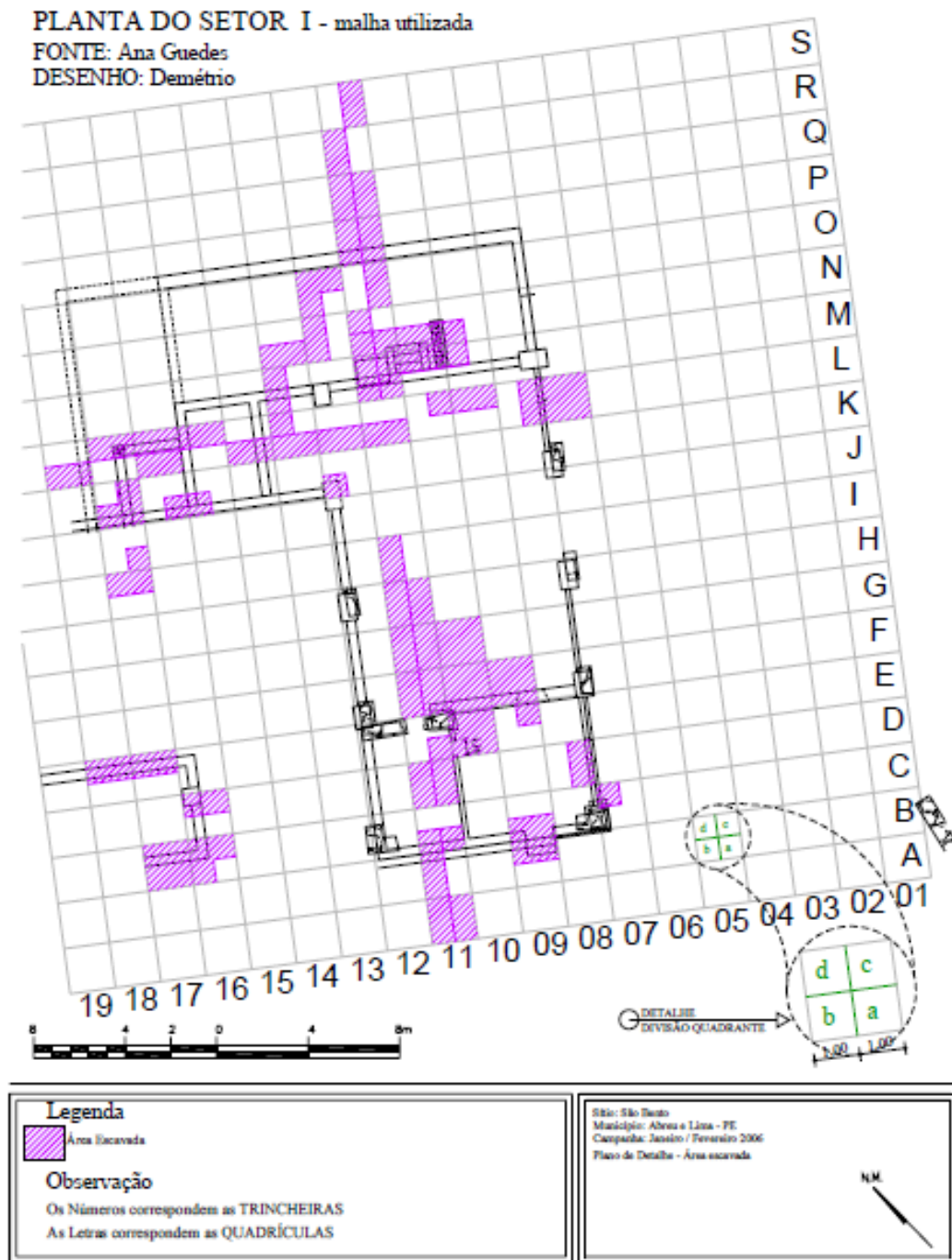
Figura 5 - Planta de Divisão dos Setores



Fonte: OLIVEIRA (2005)

A malha utilizada nessa escavação foi de malha de 2x2m, com trincheiras nomeadas alfanumericamente que pode ser observada na figura 6 - Setor I.

Figura 6 - Planta do setor I



Fonte: OLIVEIRA (2005); Ana Paula (2005)

Na campanha de 2006 foram evidenciados estruturas construtivas (reboco, tijolo, argamassa, pedra calcária e pedra cabeça de nego, argamassa), vidros (garrafa de vidro), metais (utensílios como colher, garfo, chaves, moeda), faiança fina, faiança, porcelana, cachimbo e material malacológico, tampa aparentemente de depósito de mantimentos de cozinha, largamente utilizada na década de 70 do século XX, além a presença bioperturbadores como raízes de árvores.

3.5 ENGENHO JAGUARIBE

3.5.1 Contexto Histórico e Arqueológico

Na história do início da povoação da capitania de pernambucana tem-se informações sucintas do conhecimento sobre a existência do Engenho Jaguaribe que é citado por Costa Porto (1965) como um dos cinco primeiros engenhos da capitania.

No início dos trabalhos advindos do Programa Jaguaribe em 2001, o sítio Engenho Jaguaribe foi localizado e apenas registrado à época como é relatado Oliveira (2005: 09) no relatório do Iphan sobre os trabalhos arqueológicos na Sesmaria Jaguaribe:

Até o presente momento foram identificados 11 sítios arqueológicos na região entre os municípios de Paulista, Abreu e Lima e Igarassu (Tabela 01 – Figura 01). Lembramos, entretanto que os sítios Engenho Jaguaribe, Engenho Inhamã, Engenho Desterro, Sítio Timbó, Sítio Forno Salinas e Sítio do Frio foram apenas localizados não havendo nenhuma intervenção arqueológica, ou seja, realizamos apenas o reconhecimento do tipo de sítio e do material encontrado em superfície (Relatório Iphan, 2005).

O sítio arqueológico Engenho Jaguaribe está localizado nas coordenadas 0293117 – 9125150 e, passou por sua primeira escavação em 2015 como será abordada no próximo tópico.

A primeira campanha arqueológica foi realizada no mês de setembro de 2015 e seguiu em parte, os mesmos princípios metodológicos dos trabalhos arqueológicos empregados nas escavações ocorridas na Fazenda São Bento de Jaguaribe. Inicialmente foi realizada a coleta superficial de material arqueológico e a limpeza da vegetação que presente na área onde seria realizada a escavação, além de, paralelamente, ser realizado o reconhecimento da área e o levantamento fotográfico das estruturas cobertas pela vegetação e entulhos.

Logo em seguida foram realizadas as sondagens através de prospecção nas quadricula no intuito de identificar e delimitar estruturas e espaços e suas respectivas funcionalidades, além de coleta de material em contexto arqueológico. Através do controle altimétrico e planimétrico dos vestígios arqueológicos foi, realizado o setoriamento do sítio em sua totalidade, visando um melhor gerenciamento espacial da área em estudo.

A realização de definição de trincheiras para os trabalhos permitiu a delimitação da ordem da deposição dos vestígios quando foi abandonado pelo o homem. As decapagens

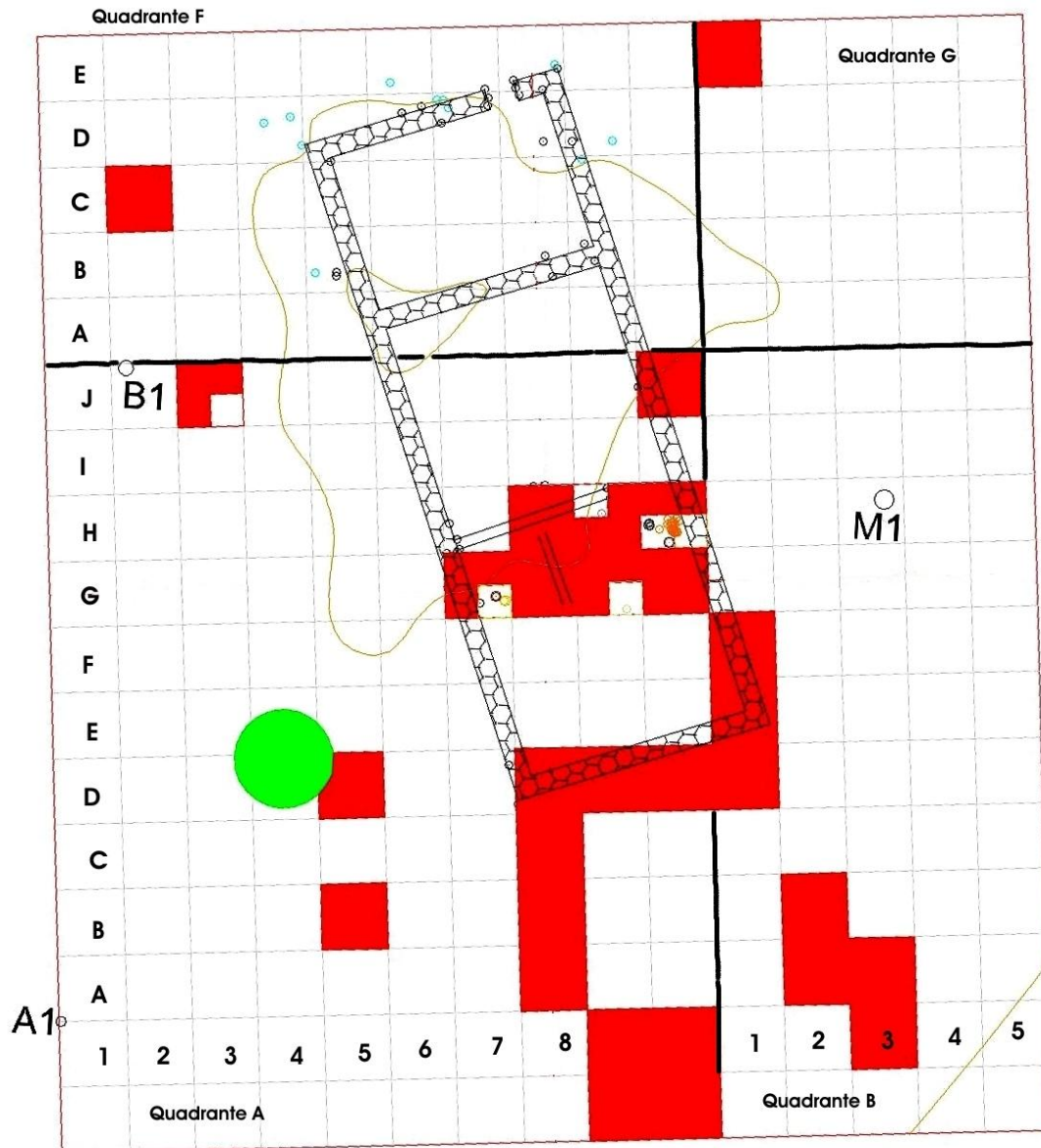
foram realizadas pela remoção de entulhos e por níveis artificiais de 15 cm de profundidade, acompanhada pelo o registro fotográfico, desenhos e croquis (OLIVEIRA, 2016).

Dentro de cada trincheira definida o material arqueológico e estruturas, além das modificações da sedimentação do solo que por ventura ocorressem eram observadas e registradas através de fotografia e desenhos. O material arqueológico era coletado e armazenado em saco plástico e identificado por etiqueta que continha informações como número de etiqueta, nível, profundidade, tipo de material, quadrícula para amarração do material ao local onde foi coletado e, dessa forma, não perder as informações espaciais.

O material arqueológico coletado nesta campanha corresponde a faiança fina, faiança, material vítreo, material construtivo (tijolos, lajotas, reboco, pisos, telhas).

Na figura 7 pode-se observar a área onde ocorreram as intervenções de subsuperfície no Sítio Engenho Jaguaribe.

Figura 7 - Divisão das unidades de escavação



Fonte: Relatório IPHAN - Os Primeiros Engenhos Coloniais da Sesmaria Jaguaribe (2016).

4 METODOLOGIA DA ANÁLISE DAS LOUÇAS

Louça é uma denominação genérica, compreendendo todos os produtos manufaturados de cerâmica, compostos de substâncias minerais, sujeitas a uma ou mais queimas. Em português é utilizado o termo louça, espanhol, loza e em inglês earthenware (PILEGGI, 1958, p.194).

Nas campanhas realizadas na fazenda de São Bento teve-se um número expressivo de louças, dentre elas, porcelana, faiança e faiança fina. Esta última utilizada para complementar os estudos deste trabalho.

A faiança fina é uma louça com pasta permeável, opaca, de textura granular e quebra irregular que para se torna permeável a líquidos, de ser coberta por um esmalte (Symanski, p. 166, 1998 *apud* Worthy p. 334, 1982).

Faz-se necessário uma análise deste material arqueológico a fim de perceber de que modo estas estavam sendo assimiladas no contexto específico do engenho e fazenda. Para tanto é necessário a utilização de uma metodologia de análise adequada as louças, como vem sendo feitos por pesquisadores que estudam essa categoria cerâmica em sítios históricos no Brasil (SYMANSKI, 1997; LIMA, 1995; TOCCHETTO *et. al.*, 2001 *apud* BARBOSA, p. 86).

A faiança fina é uma categoria intermediária entre a faiança e a porcelana e resultou da revolução na indústria cerâmica inglesa do século XVIII e chegando no mercado com características próprias que a distinguiu dos demais tipos que até então eram comercializados (CARVALHO e ARAÚJO, 1993). Para Bracante (1981:129) esta cerâmica representou o esforço dos oleiros ingleses na busca de novos processos para substituir a faiança portuguesa que tinha sido até o século XVIII de uso predominante.

De forma geral, pode se dizer que a faiança contém uma pasta porosa, a faiança fina tem a pasta menos porosa e a porcelana não é porosa e o determinante para a porosidade da pasta é a queima sofrida pela peça, quanto maior intensidade da queima menos porosa a pasta da peça ficará.

As louças na sociedade são itens padronizados com períodos de produção definidos e dessa forma são usadas por muitos autores em suas pesquisas como indicadores cronológicos. O *terminus post quem*, um dos métodos mais utilizados nos estudos arqueológicos, consiste em considerar o ano de início do artefato mais antigo para o início da formação do depósito arqueológico. Em 1972, Stanley South desenvolveu um método de datação relativa que possibilita calcular a data média de ocupação de sítios históricos, denominado de *Mean*

Ceramic Data Formula, em tradução livre, *Fórmula de Datação de Cerâmica* é um recurso baseado no reconhecimento de padrões altamente regulares de variação na popularidade da cerâmica através do tempo. Este recurso monitora a cronologia de sítios através da cerâmica (SOUTH, 2007, p. 6) e pode ser utilizada através da aplicação da seguinte expressão:

$$Y = \frac{\sum_{i=1}^n X_i \cdot f_i}{\sum_{i=1}^n f_i}$$

Onde, **X_i** refere-se a data média da produção de cada tipo de louça; **f_i** a frequência (ou quantidade) de fragmentos de cada tipo e **n** o número de tipos de louça na amostra (SOUTH, 2007).

Assim sendo, segundo Barbosa (2012) a data média de ocupação do sítio é calculada e obtida quando é realizada a multiplicação de cada tipo por sua respectiva data média que, posteriormente, deverão ser somados aos demais tipos que já foram trabalhados. Dessa forma, a data média é obtida quando os fragmentos considerados para o cálculo são divididos, obtendo-se deste modo a data média para ocupação do sítio estudado.

Para South (2007) os padrões de artefatos, que refletem um período de ocupação no qual foi acumulada a mostra arqueológica, são examinados por meio de fórmulas de reconhecimento de padrões. Este conceito é focado em determinar a data de produção dos artefatos para obter uma interpretação sobre a possível datação do sítio.

Porém, precisa-se ter cuidado para utilizar o método e analisar de forma mais apurada todos os fatores que surgirão para justificar, por exemplo, a ausência de um determinado tipo de louça, preocupação compartilhada e de concordância com alguns arqueólogos a citar Deetz (1977) que afirmam que a utilização deste método deve ser feita com ressalvas, visto que um grande número de fatores pode ser considerado para explicar a ausência de um determinado tipo de artefato em um sítio arqueológico (SYMANSKI, 2001:137).

Análise das louças nas pesquisas de arqueologia histórica leva em consideração a observação de algumas variáveis saber: de morfologia, cor, técnica e padrão decorativa, motivo decorativo, período e esmalte. Segundo Tocchetto *et. al.* (2001) atributos fornecem

indicadores alusivos, entres tantos outros aspectos, a tendências referentes a consumo e gosto, bem como ao período de fabricação das peças. Nos sítios históricos brasileiros percebe-se cronologias mais precisas quando todos esses variáveis ou atributos são combinados na análise (SYMANSKI, 1997; TOCCHETTO et al, 2001; LIMA, 1995).

As datas e períodos citados são para Symanski (1997) discutíveis para contextos brasileiros, que aponta a primeira metade do século XIX como mais comuns às louças *pearlware*. Esta afirmação se deve as pesquisas realizadas que resultaram em publicações, onde através de fontes escritas como inventários post-mortem, constatou que estas louças estavam sendo vendidas no Brasil mesmo em períodos do possível abandono destes modelos na Europa.

E para compreender o comportamento de consumo dos moradores de um sítio muitas pesquisas são orientadas pela escala econômica que foi proposta em 1980 por Miller, pois “o poder de compra do individuo estará refletido na qualidade do material encontrado no registro arqueológico” (BARBOSA, 2012, p. 46).

Escala econômica proposta por Miller (1980), buscou listas de preço dos fabricantes de louças em Staffordshire, Inglaterra, para os anos de 1796, 1814, 1833 e 1846 e em uma fabrica escocesa denominada de *Fife Potery* para o ano de 1855. Posteriormente, Miller expandiu sua pesquisa e sua escala econômica pode ser utilizada para análises das louças até o ano de 1880. Um dos aspectos observado pelo pesquisador foi que os preços das louças variavam principalmente em função da complexidade técnica na aplicação da decoração (SYMANSKI, 1997; 2001; LIMA, 1995 *apud* BARBOSA, 2012, p. 46).

A escala econômica de Miller obteve resultados positivos quando aplicada ao trabalho realizado no Solar Lopo Gonçalves por Symanski na identificação do comportamento de consumo das famílias que ali viveram. A escala econômica contribui, pois lista a média dos valores das louças fabricadas dessa forma informa as mais caras e mais baratas no contexto econômico da época.

Majewsky e O'Brien (1987 *apud* TOCCHETTO *et. al.*, 2001) realizaram considerações que foram adaptadas por Tocchetto *et. al.* (2001) permitindo que os fragmentos de louças fossem analisados considerando as variáveis apresentadas abaixo que são bastante utilizadas por pesquisadores para análise das louças extraídas em sítios arqueológicos históricos (**Anexo**):

- **Cor:** Cor da decoração da faiança fina;

- **Motivo decorativo:** Elementos que compõe a decoração da peça, por exemplo floral, paisagem, geométrico (listras, faixas, triângulos, círculos, etc);
- **Cena:** construída por uma paisagem (comum nas louças decoradas com a técnica do *transfer printing*);
- **Técnica decorativa:** Como era realizada a decoração sobre o objeto (pintada a mão livre, carimbo, esponja ou transferência);
- **Padrão decorativo:** Conforme Araújo e Carvalho (1993:82) é uma designação geral de motivo decorativo que por alguma contingência passou a ser adotado por um grande número de fabricantes.
- **Estilo:** conforme a bibliografia (*spring* e *peasant* para os motivos florais pintados a mão livre e *chinoiserie* para desenhos de inspiração chinesa);
- **Modelo:** Faz-se referência a uma decoração específica atribuída pelo fabricante quando identificada a marca impressa na base do objeto. (TOCCHETTO *et. al.*, 2001:23; ARAÚJO e CARVALHO, 1993:82);
- **Morfologia:** muito raramente as peças chegam inteiras às mãos dos arqueólogos para estudo, assim, os fragmentos resgatados podem de ser identificados como borda, bojo e base, apêndices (alças e asas), essa variável se torna importante, pois dependendo da morfologia do pode-se identificar o objeto e, conseqüentemente inferir sua funcionalidade.
- **Esmalte:** O biscoito da faiança fina é banhado de esmalte podendo ser *pearlware* que apresenta em tons levemente azulados reservados, principalmente nos pontos de acúmulo, bordas e bases, devido ao acréscimo de óxido de cobalto. *Creamware*, o esmalte de coloração esverdeada, principalmente nos pontos de acúmulo, bordas e bases, advinda da aplicação de óxido de chumbo. E, *whiteware*, que apresenta esmalte totalmente branco.

4.1 ESMALTE

De acordo com os critérios que foram definidos para a análise da faiança fina tivemos como primeiro atributo analisado o esmalte, pois possui uma cronologia amplamente documentada em relação ao período de utilização.

Grande desenvolvimento da indústria cerâmica britânica, segundo Noel Hüme (1991), foi o resultado de processo de produção que permitiu o surgimento de artigos cerâmicos *creamware*, *pearlware* e *whiteware*, três tipos de esmaltes utilizados na produção da faiança

fina. O esmalte serve para dá vitrificação às peças que permite a proteção das mesmas e de suas decorações. Geralmente, são identificáveis através da observação dos pontos de acúmulo das louças como bordas e bases, apêndices (alças, asas) além de possibilitar a identificação da cronologia das peças.

Josiah Wedgwood em 1759 começou a aperfeiçoar o processo da produção da louça que resultou em um objeto de corpo creme com esmalte com coloração esverdeada nos pontos de acúmulo (Figura 8), pois no processo era aplicado o óxido de chumbo. Essa louça passou a ser conhecida como *creamware*. Foi o primeiro tipo de faiança fina manufacturada e, normalmente, não apresentam decorações e marca de fabricante (TOCCHETTO, 2001, p.23; GARCIA, 1990 *apud* CALDARELLI, p.120).

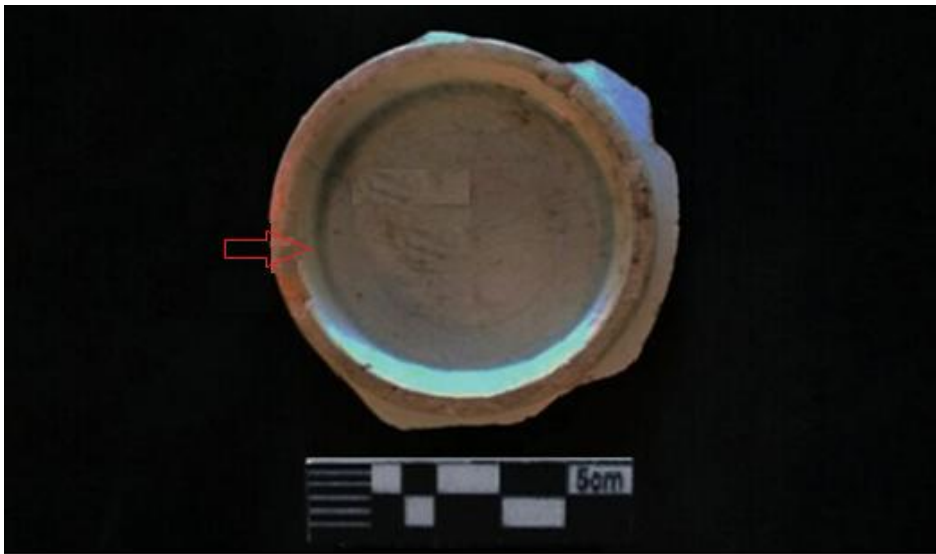
Figura 8 - Ponto de acúmulo louça *Creamware* – São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Já no começo do século XIX, em 1810, surge a louça perolada ou pérola, também conhecida como *pearlware* fazendo com que a louça creme ou creamware em 1815 estivessem praticamente desaparecidas do mercado. “Sua produção foi mantida, embora limitada, a formas relacionadas à higiene pessoal, tais como bacias e urinóis” (MILLER, 1980 *apud* TOCCHETTO et al, 2001). O esmalte da louça *pearlware* possui um tom meio azulado nos pontos de acúmulo como bordas, bases e apêndices devido ao o óxido de cobalto que é acrescentado durante o processo de produção (Figura 9).

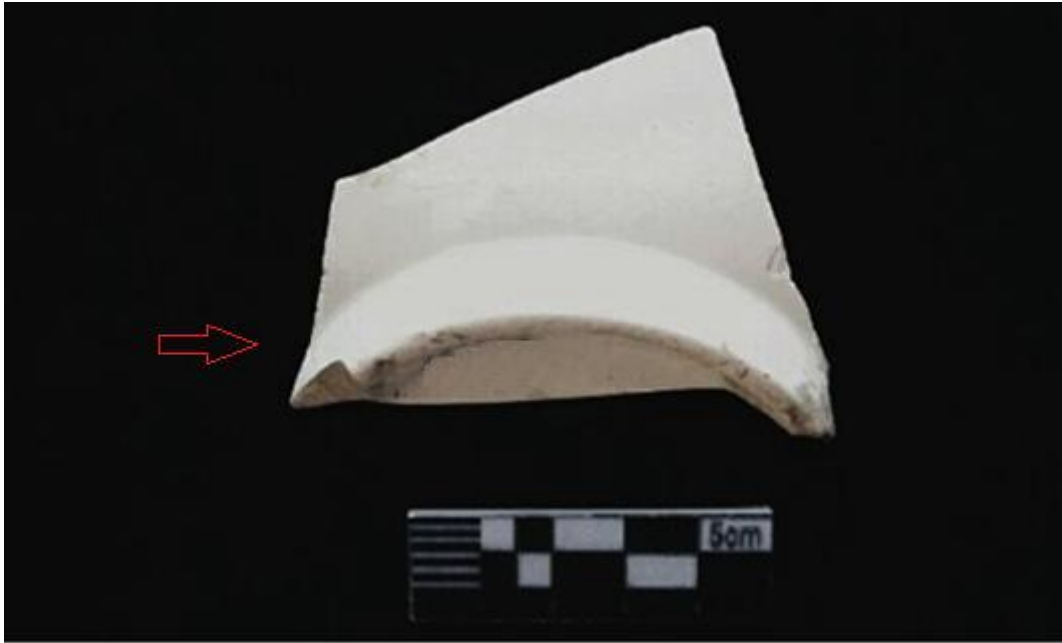
Figura 9 - Ponto de acúmulo louça *Pearlware* – Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

As técnicas de produção não paravam de ser desenvolvidas e, assim, novas técnicas surgiam e tornou a produção da *pearlware* obsoleta está começou a ser abandonada entre 1830 e 1840 e, entrou em cena a louça *whiteware* (Figura 10). Segundo Tocchetto *et. al.* (2001), a louça *whiteware* passou a ser produzida no início do século XIX, em torno de 1820, mantendo a sua popularidade até os dias atuais.

Figura 10 - Ponto de acúmulo louça *Whiteware* - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

4.2 TÉCNICAS E DECORAÇÕES

4.2.1 Pintadas a Mão Livre

As louças pintadas a mão livre podem ser consideradas de dois tipos: as pintadas a mão livre em superfície modificada ou superfície não modificada. A pintura a mão livre, consta na aplicação da decoração das louças de forma manual, geralmente, era realizada por mulheres nas olarias e, posteriormente, encaminhada para ateliers onde passavam pelo processo de esmaltagem.

4.3 PINTADA A MÃO EM SUPERFÍCIE MODIFICADA

4.3.1 Blue Edged (Shell Edged)

A decoração *Shell Edged* apareceu, inicialmente, em louças fabricadas em *creamware*, tornando-se, posteriormente, o tipo mais comum de decoração em peças rasas e do tipo prato, em *pearlware*. As cores aplicadas na borda eram, usualmente, o azul e o verde. As amostras mais antigas apresentam-se, geralmente, bem pintadas, através de pinceladas aplicadas a partir da borda, criando uma aparência de plumagem.

O *Shell Edged* azul, também, conhecida como *Blue Edged* (ver figura 11) foi um tipo de louça decorada bem popular, pois era a mais barata dentre as decoradas. Como teve a sua produção encerrada na década de 1850, apresenta-se como um bom marcador temporal para sítios arqueológicos de períodos históricos. O *Shell Edged* verde ou *Green Edged* (ver figura 12) é mais raro, tendo sido produzido desde 1780 até a década de 1840 (Symanski, 1997; Lima, 1989). Compreendendo, assim, entre os séculos XVIII e XIX o uso desse tipo de decoração.

Segundo Miller (1980) essas eram as louças de mesas mais baratas disponíveis no século XIX, sendo *Green Edged* mais raras.

Figura 11 - Louça com Decoração *Blue Edged* com superfície modificada - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 12 - Louça com Decoração *Green Edged* com superfície modificada - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

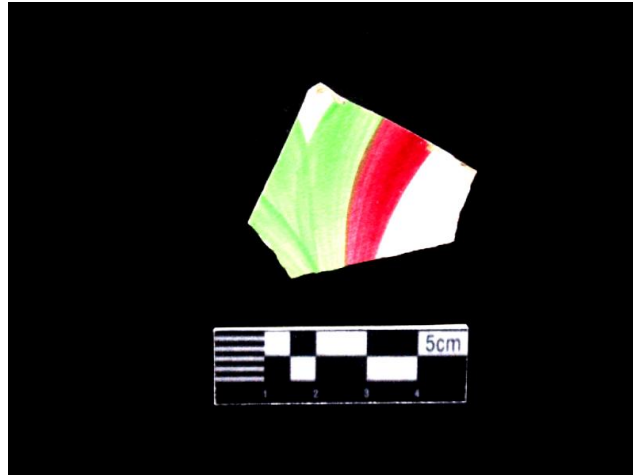
4.4 PINTADA A MÃO EM SUPERFÍCIE NÃO MODIFICADA

Peasant Style

O *peasant style* ou policrômico (ver figuras 13 e 14) é uma decoração que apresenta como temática, flores estilizadas, pintadas à mão em traços grossos que cobrem muito da superfície da peça, com policromia que utiliza principalmente as cores verde, rosa, azul e vermelho. Este tipo de decoração foi comum entre os anos de 1810 e 1860, sobretudo em louças do tipo *pearlware*, nas cores cobalto monocrômico e tons terrosos policromos como verde acastanhado, pardo, laranja e amarelo.

Para as décadas de 30 e 60 do século XIX a bibliografia especializada aponta o uso de cores brilhantes como preto, verde, vermelho, azul e rosa, que obtiveram maior popularidade entre os anos 40 e 50 do mesmo século (MAJEWSKI & O'BRIEN *apud* TOCCHETTO *et. al.*, 2001: 25).

Figura 13 - Louça com Decoração *Peasant Style* - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 14 - Louça com Decoração *Peasant Style* - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Sprig Style

Também, conhecida como *Thin Line* (ver figuras 15 e 16) é composta por pequenos elementos florais e finas pinceladas. Sua produção, também, data do século XIX entre os anos de 1830 e 1860. Este estilo deixa a maior parte da peça sem decoração, foi mais comum em louças do tipo *whiteware* tendo seu período de popularidade entre as décadas de 40 e 60 do século XIX, apesar de serem produzidas já a partir da década de trinta do mesmo século (TOCCHETTO *et. al.*, 2001: 25).

Figura 15 - Louça com Decoração *Sprig Style* - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 16 - Louça com Decoração *Sprig Style* - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Shell Edged (Blue Edged)

Este estilo decorativo é uma variedade do *Blue Edged* que sem incisões ou com a superfície não modificada (ver figuras 17 e 18), são consideradas falsificações como atesta Symanski (1997:166) as louças com está decoração são consideradas “falsificações” e começaram a ser produzidas quando a produção da *Shell Edged* legítima foi interrompida, sendo comuns entre 1860 e 1890.”

Figura 17 - Louça com Decoração *Shell Edged* – Superfície não modificada -- Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 18 - Louça com Decoração *Shell Edged* – Superfície não modificada -- Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Faixas e/ou Frisos

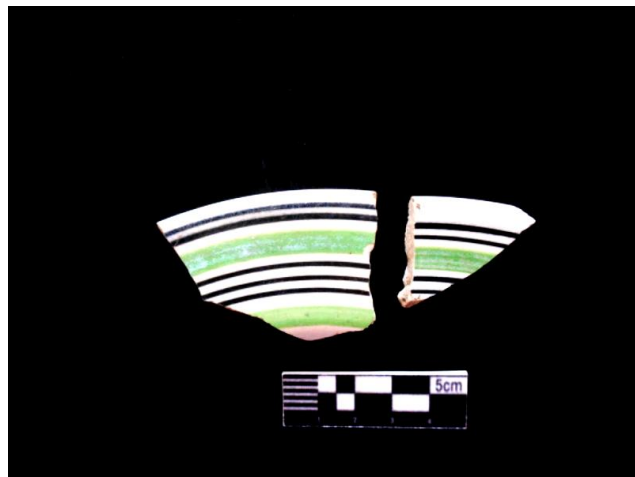
Louça com produção do final do século XVIII ao início do XX, este padrão é feito com a peça girando no torno e com pincel fixado nas mãos do artesão. As faixas e frisos são apresentados associados, porém há variações que apresentam ambos sozinhos (ver figuras 19 a 22). Também bastante popular devido ao baixo custo.

Figura 19 - Louça com Decoração Faixas e/ou frisos - - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 20 - Louça com Decoração Faixas e/ou frisos - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 21 - Louça com Decoração Faixas e/ou frisos - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 22 - Louça com Decoração Faixas e/ou frisos - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

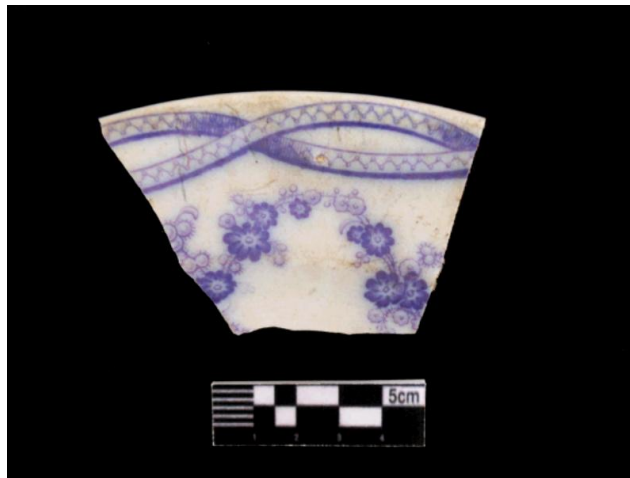
4.5 TRANSFER PRINTING (DECALQUE)

A técnica de impressão por transferência, desenvolvida a partir de 1750 pelas manufaturas inglesas, surgiu em substituição às técnicas de pintura à mão, que eram muito onerosas (Tocchetto *et. al.*, 2002). Este processo foi possibilitado pelo avanço tecnológico experimentado pela industrialização inglesa, diminuindo os custos e permitindo, portanto, a produção em série (García, 1990). Desenhistas e gravadores especializados produziam as placas de impressão, atendendo diversos fabricantes. Por esse motivo, diferentes fábricas

produziram peças com decorações similares ou idênticas, dificultando a identificação do fabricante a partir de fragmentos. “O processo do *transfer* se caracterizava por ser relativamente simples, embora implicasse em um trabalho com equipe” (TOCCHETTO *et. al*, 2001:28). Ver figuras 23 e 24.

O processo da técnica consistia em gravar o desenho com incisões bem profundas em placa de metal. Com a placa aquecida a tinta era espalhada e seu excesso era removido com uma espátula. Posteriormente, a placa metálica era coberta com papel de seda umedecido e passado por uma prensagem simples onde o desenho estampado no papel era transferido para a cerâmica que já havia sofrido queima. A finalização da decoração consistia em esfregar uma flanela e sabão de potássio para que o papel tenha aderência e, em seguida, a cerâmica era mergulhada na água o papel ser deslocado e, por fim, era banhado em solução de esmalte e levado ao forno para a última queima (ALBUQUERQUE & VELOSO, 1993: 83 *apud* TOCCHETTO, *et al*, 2001:29).

Figura 23 - Louça com Decoração *Transfer Printing* - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 24 - Louça com Decoração Transfer Printing - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

4.6 CHINOISERIE

Estilo surgiu através das interpretações europeias de padrões chineses e bastante comuns no período entre 1816 e 1836. Produzido preferencialmente azul, apesar terem sido produzidas nas cores verde e rosa, Possuía um modo de produção bastante identificável, pois em suas bordas eram impressos desenhos geométricos em formato de borboletas, chaves, ovas de peixe, losangos e favos de mel (ver figuras 25 e 26). Este padrão é encontrado, especialmente, nos aparelhos de jantar, ao menos na maior parte do século XIX (SUSSMAN, 1978 *apud* TOCCHETTO *et. al.*, 2001:34).

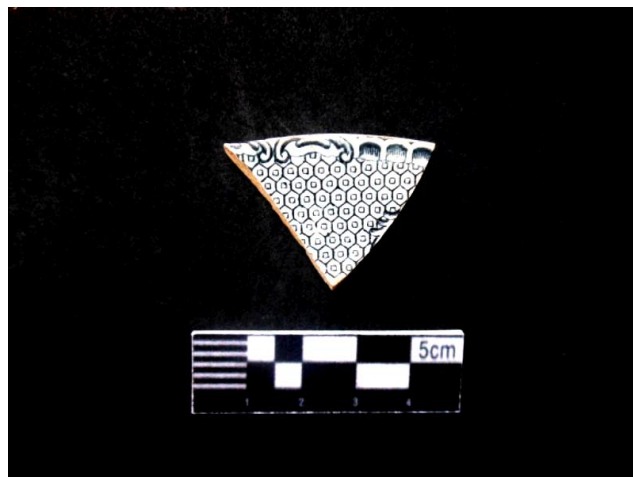
Dentro do estilo *chinoiserie* existia outros padrões surgidos das inspirações observados em porcelana chinesa. No Brasil, o *Willow Pattern*, também, conhecido como “pombinhos”, era o mais conhecido, sua produção remonta de 1790 e tornou-se muito popular no século XIX e sendo produzido até 1880 por 54 estabelecimentos ceramistas ingleses. Foi fabricado principalmente na cor azul, embora existam exemplares em verde e rosa (MILLER, 1991:98) e estavam avaliados em inventários entre 150 e 166 réis a unidade (SYMANSKI, 2007:198).

Figura 25 - Louça com Decoração Transfer Printing - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 26 - Louça com Decoração *Transfer Printing* - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

4.7 BORRÃO AZUL (FLOW BLUE)

A decoração *Flow Blue* (ver figuras 27 e 28), também, conhecida como Borrão Azul que origina um tipo de estampado em azul no qual a tinta escorre intencionalmente dentro do esmalte, produzindo um aspecto borrado. Foi introduzido na Inglaterra entre 1835 e 1845, sendo popular até 1901, principalmente para exportação (LIMA, 1989).

Tinha sua aplicação em faiança fina com a técnica transfer printing e, também, nas pintadas a mão (Miller 1980; Schávelzon, op. Cit.) a obtenção da técnica se dava:

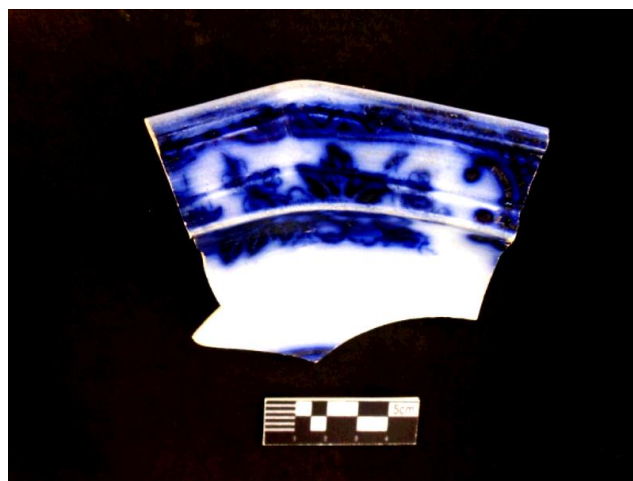
Através da colocação de recipientes contendo cloretos voláteis - cloreto de amônia, óxido de cálcio - no forno durante a queima para aplicação do esmalte, provocando um aspecto borrado, que varia desde um discreto halo em torno do desenho até a dificuldade de discernimento dos detalhes da borda ou do motivo central. A pintura azul escorre, fundindo-se ao esmalte e penetrando na superfície porosa da cerâmica (TOCCHETTO *et. al.*, Op. Cit., 2001, p 36).

Segundo Tadeu e Velozo (1993) desde o século XVI que o azul de cobalto era usado na decoração da faiança. Era uma das únicas cores que garantia suportar as altas temperaturas utilizadas no processo de vitrificação.

A faiança fina com decoração borrão começou a ser fabricada em larga escala a partir do ano de 1835. Eram peças caras e utilizadas, prioritariamente, por famílias mais ricas. Na década de 30 do século XIX foi introduzida em Staffordshire e teve sua produção até o século XX.

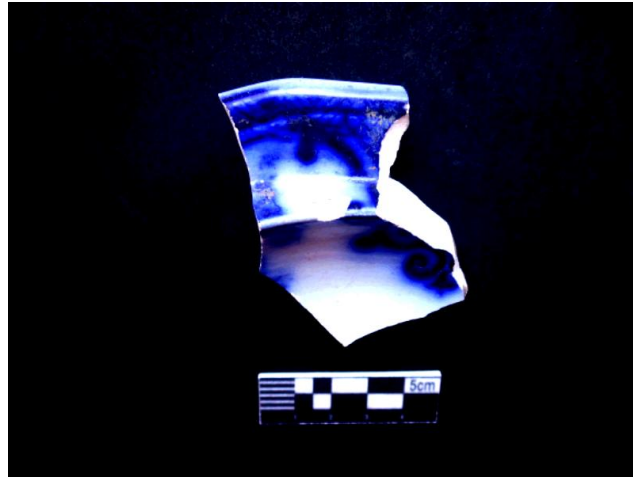
Cada época desde o início de sua produção era representada por desenhos predominantes como cenas orientais, paisagens históricas inglesas e americanas, elementos como salgueiros, bambus, palmeiras e macieiras, casas de chá, pagodes, torres e pequenos personagens com trajes da época (Tadeu e Velozo, 1993 p.92).

Figura 27 - Louça com Decoração *Flow Blue* - - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 28 - Louça com Decoração Flow Blue - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

4.8 DIPPED, ANNULAR OU BANHADA

Louça produzida através do uso de uma camada fina de argila colorida na forma de faixas e listras, ocasionando um leve relevo na superfície. Ampla produção a partir de 1790 até o início do século XX. Decoração comumente encontrada em louças com formato côncavo, exemplificando, podemos citar, as xícaras, canecas, tigelas, bacias e urinóis. Na tabela 04, agrupamos algumas variantes que apresentam em vários estilos, dentre os quais se destacam (TOCCHETTO, *et. al.*, 2001:25, SYMANSKI, 1997:160):

Tabela 1 - Variantes da Decoração *Dipped*

Variante	Característica	Período de Produção
Wave	Frisos ondulados e faixas.	Até 1840.
Blue Banded	Largas faixas azuis.	Até 1940.
Yellowware	Louça amarela com faixas coloridas.	Meados do século XIX.
Banded Simples	Larga faixas e frisos coloridos	Durante todo século XIX.
Mochaware	Pintado com dedo em formas ondulares e circulares (<i>Cat Eye, finger painted, fitomorfo</i>)	Entre 1830 e 1860.
Engine-Turned	ou Desenho geométrico em relevo,	Entre 1790 e início do

Rouletted Decoration	formando um desenho em xadrez.	século XX.
----------------------	--------------------------------	------------

Fonte: TOCCHETTO (2001); SYMANSKI (1997) – Adaptada

4.8.1 Mochaware

Louças com decoração de motivos dentrítricos e aparência de alga associadas a faixas e frisos, produzidas no começo da última década do século XVIII. A variedade *mochaware* (ver figuras 29 a 32) do padrão decorativo *dipped* ou annular, consiste em um modelo pintado com o dedo em formas onduladas e circulares (*finger painted*), e dentro dessa classificação existem outras “sub-variedades”: olho de gato (*Cat Eye*), fitomorfo.

Esse modelo era produzido na Inglaterra entre 1830 e 1860. Foi um tipo de louça de baixo valor, usada em peças côncavas, como canecas, malgas e jarras. Em estudos arqueológicos norte-americanos, esse tipo de louça é associado a sítios arqueológicos afroamericanos e a tavernas (Alexandria Archaeology Museum, 2001).

Figura 29 - Louça com Decoração *Finger Painted* - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 30 - Louça com Decoração Fitomorfa (dentríticos) - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 31 - Louça com Decoração *Cat Eye* - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 32 - Louça com Decoração *Cat Eye* - Sítio São Bento

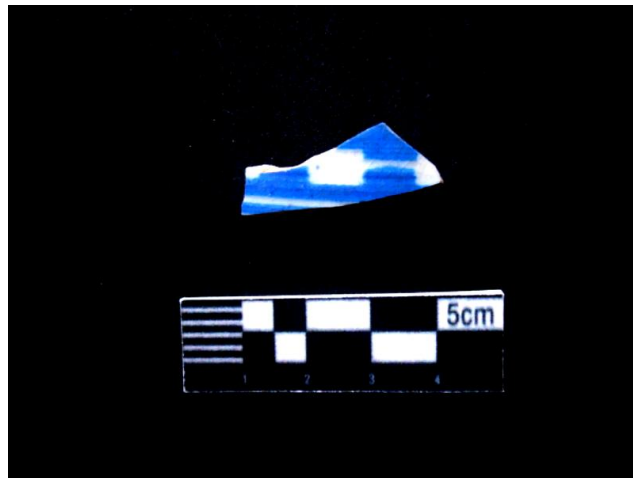


Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

4.8.2 Engine -Turned ou Rouletted Decoration

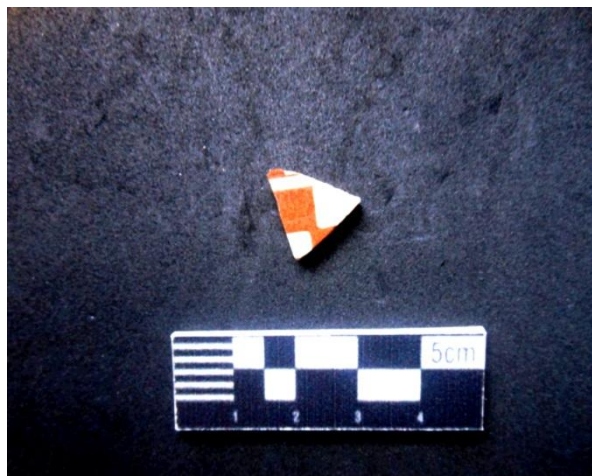
Também conhecido como Decoração por Carretilha (ver figuras 33 e 34) apresenta motivo decorativo geométrico em relevo, formando um desenho em xadrez. Consiste na aplicação de instrumento pressionado sobre a superfície da peça, criando depressões de formas geométricas, que podem ser contrastados com a adição de cores (SOUSA, 1998).

Figura 33 - Louça com Decoração *Engine-Turned* - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 34 - Louça com Decoração *Engine-Turned* - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

4.8.3 Bandado ou Border Lined

Também é conhecida como *banded* (ver figuras 35 e 36) é um padrão decorativo que consta da aplicação de faixas e frisos contornando a boca ou o corpo da peça e pode ser apresentado em monocromia ou em policromia. Faixas paralelas, espessuras distintas e desenho em carretilha, produzida entre 1790 e início do século XX.

Figura 35 - Louça com Decoração *Banded* - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 36 - Louça com Decoração *Banded* - Sítio São Bento

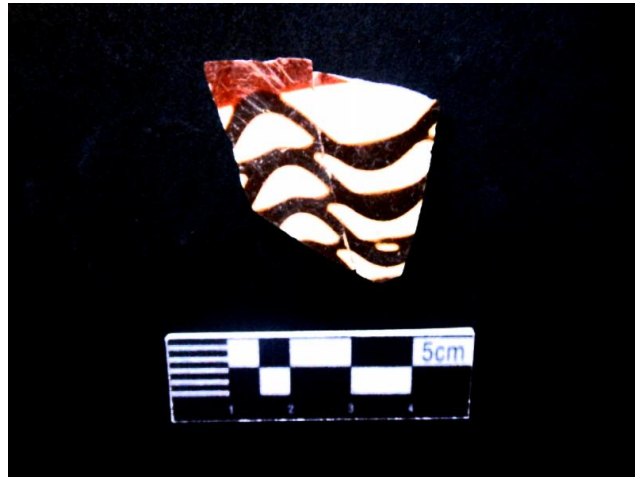


Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

4.8.4 Wave

Decoração *Banded* caracterizada por com listras e/ou faixas onduladas foram produzidas até 1840 (ver figuras 37 e 38).

Figura 37 - Louça com Decoração *Wave* - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 38 - Louça com Decoração *Wave* - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

4.9 SPONGE

Louças decoradas por técnica mais simples que surge em substituição ao Spatterware, com decoração realizada com o auxílio de uma esponja. As louças em *sponge* (ver figuras 39 e 40) apresentam o mesmo valor que as louças em *shell edged* na qual, dentre as louças decoradas são as que possuem um menor custo (MILLER, 1991, p. 111). Miller (1991) informa que após o uso do carimbo que é datado do final de 1840, esta técnica decorativa tornou-se comum e passou a ser usadas em utensílios de chá, mesa e toalete.

Figura 39 - Louça com Decoração *Sponge* - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 40 - Louça com Decoração *Sponge* - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

4.10 CARIMBADA (CUT SPONGE)

As louças decoradas pela técnica *cut sponge*, também conhecidas como carimbadas (ver figuras 41 e 42) foram introduzidas no mercado em 1845 e fabricadas até o início do século XX (TOCCHETTO, *et. al.*, 2001:26, SYMANSKI, 1997:165). Essa técnica consiste na aplicação da decoração com auxílio de cut-sponge, pincéis ou pedaços de panos que, impregnados com tinta, eram aplicados sobre as peças, reproduzindo motivos decorativos.

Os motivos mais comuns encontrados nesta técnica são figuras geométricas e florais e, ainda frisos. Bastante comum é a associação desta técnica com a pintura a mão livre (TOCCHETTO, *et. al.*, 2001:26, SYMANSKI, 1997:165).

Figura 41 - Louça com Decoração Carimbada - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 42 - Louça com Decoração Carimbada - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

4.11 DECORAÇÃO PLÁSTICA – SEM PINTURA

Trata-se de louças que não apresentam nenhum tipo de decoração e superfície modificada e suas decorações são moldadas em relevo (ver figura 43). A ausência desses elementos pode constituir uma opção decorativa (TOCCHETTO, 2001, p.41), Esse tipo de decoração, geralmente é encontrada em xícaras, pires e pratos (MAJEWSKY E O'BRIEN *apud* TOCCHETTO, 2001, p.40).

Em muitos sítios históricos são identificados fragmentos de faiança fina sem pintura podendo esses fragmentos fazer parte de uma peça decorada ou ser uma peça sem pintura por opção do artesão ou fabricante, por exemplo, pode-se citar o padrão Trigoal que é decorado com ramalhetes de trigo em relevo moldado e começou a ser produzido em 1851 por Edward Walley's (Sussmann, 1985). Ainda de acordo com Sussman (*idem*) é observado que o ápice de produção foi entre 70, 80 e 90 do século XIX, segundo Symanski (1998) é produzida atualmente, inclusive, no Brasil a partir do século XX.

Figura 43 - Louça com Decoração Plástica - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

4.12 MARCA DE FABRICANTE

Observar a marca de fabricante é importante pois pode nos revelar o período de fabricação, a origem exata da louça, obtendo uma datação mais precisa (TOCCHETO, 2001, p. 42). Assim, as marcas eram gravadas na face externa da base da peça de faiança fina e vários fabricantes explicitavam próximo a essas marcas, o nome do local de origem dos produtos e muitas vezes incluía o nome do padrão decorativo (TOCCHETTO, 2001, p. 42).

Segundo Albuquerque e Velozo (1993) a aplicação da marca poderia ser feita de diferentes maneiras, a saber:

- Usando uma marca de “*transfer*”, que vem próximo ao padrão.
- Um carimbo também poderia ser usado após a vitrificação;
- Imprimindo um cartucho na matéria macia;
- Pintando os dados na superfície, antes ou após a vitrificação;
- Gravando diretamente no barro cru.

Baseando-se na seleção feita por Petra Williams, Albuquerque e Velozo (1993, p. 89) foi elaborada uma lista das principais marcas e suas respectivas cronologias (Ver tabela 02).

Tabela 2 - Principais marcas de fabricantes e suas cronologias.

Fabricante	Período
STONE CHINA	1805
NEW FAIANCE	1805
INDIAN STONE CHINA	1812
IRONSTONE CHINA	1813
OPAQUE CHINA	1814
IMPROVED STONEWARE	1824
STONEWARE	1828
IRONSTONE CHINA	1830
IRONSTONE	1838
PEAEL WHITE	1838
INDIAN IRONSTONE	1839
IMPERIAL IRONSTONE	1859
ESPECIAL WHITE/ STONEWARE	1870
IMPERIAL IRONSTONE CHINA	1875

Fonte: Albuquerque e Veloso, 1993.

Dentre os fragmentos de louças analisadas foram identificadas marcas de fabricantes conhecidas e de origem inglesa. Ao observar as marcas identificou-se que elas pertencem a indústria inglesa, são elas:

Tabela 3 - Marcas de Fabricantes encontradas nos Sítio Fazenda São Bento

Fabricante	Período
Davenport	1805
J&G Meakin England	1890
Ironstone - W. Adams & Co	1812
Ironstone China	1813
Patent Ironstone China	1814
Stone China	1805
W. Adams & Sons	1812
Villeroy & Boch	1815
J.M. & S / J.M & Son	1837 a 1897

Fonte: Vanessa Rodrigues (2016).

Villeroy & Boch – Fundada em 1748 em Lorena, França, por Jean-Fraçois Boch e Nicolas Villeroy. A companhia se instala em outros países da Europa e a partir de 1815, aplica-se o processo de impressão de cobre que permite que os produtos a serem oferecidos a preços mais baixos (ver figura 44).

Figura 44 - Marca de Fabricante – Villeroy & Boch - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Davenport - Fundada por John Davenport, a fábrica de localizava-se em Longport, na Inglaterra, fabricando faiança fina e outras categorias de cerâmicas entre os anos de 1774 e 1887, utilizando diversos designers de marcas ao longo de sua produção.

No ano de 1830, passou a ser comandada por seus filhos William e Henry, com parceria até o ano de 1835. As marcas mais antigas apresentavam a palavra Davenport em letra minúscula, geralmente, associada a uma âncora (ver figura 45). Após 1805, o nome Davenport passou a ser impresso em letras maiúsculas (Miller, 2000, p.128).

Figura 45 - Marca de Fabricante – Davenport - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

J & G. Meakin England - Fundada pelos irmãos James e George Meakin no ano de 1851 em Staffordshire, produzindo peças em faiança fina (ver figura 46). Em 1970 incorporou-se ao Grupo Wedgwood, mantendo essa nomeação até 1980. O termo ENGLAND na marca refere-se a produção da peça no período de 1891 e 1906 (Miller, 2000 p.129).

Figura 46 - Marca de Fabricante – J & G. Meakin England - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

W. Adams - Indústria de faiança inglesa, estabelecida em Cobridge, Staffordshire, fundada em 1769 e com funcionamento até os dias atuais. Seus produtos exibem uma grande diversidade de marcas que, em sua maioria, foram empregadas em períodos definidos, deste modo, facilitando a datação das peças.

Na faiança fina pertencente ao período entre 1800 e 1864 a marca W. Adams (Ver figura 47) é impressa em baixo relevo. Já, as que estão associadas ao nome do padrão decorativo relacionam-se ao período entre 1819 e 1864 (Miller, 2000, p.129).

Figura 47 - Marca de Fabricante – W. Adams - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Já as marcas **Patent Ironstone China** (ver figura 48) e **Ironstone China** (ver figura 49) são marcas de patente inglesa que atuaram na produção de peça em faiança fina, fundadas no ano 1813 e 1830, respectivamente (ALBUQUERQUE E VELOZO, 1993, pp.89-90).

Figura 48 - Marca de Fabricante – Patent Ironstone - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 49 - Marca de Fabricante – Ironstone China - Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

J.M. & Son e J.M. & S – Faiança fina produzida no padrão *Willow* em Staffordshire (Inglaterra) por John Meir & Son que trabalhou entre 1837 e 1897 (ARAUJO; CARVALHO, 1993).

5 ANÁLISE DAS LOUÇAS DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS EM ESTUDO

5.1 AS LOUÇAS DA FAZENDA DE SÃO BENTO DE JAGUARIBE

No conjunto de fragmentos de louças do sítio arqueológico São Bento foi identificado quantidade significativa de faiança fina de diversas técnicas, padrões e motivos decorativos. Os fragmentos compunham peças de jarros, pratos, malgas, xícaras, pires que fizeram parte do conjunto de utensílios dos moradores da Fazenda São Bento. Para melhor facilitar a compreensão sobre as várias técnicas, padrões e motivos decorativos, abaixo serão apresentados os fragmentos agrupados de acordo as técnicas e ressaltados os padrões identificados durante a análise laboratorial.

No sítio arqueológico São Bento foi identificado e contabilizado um total de 6618 fragmentos em faiança fina, sendo que 2133 (32%) fragmentos são provenientes da doação de moradores que ao longo dos anos os coletavam e os guardavam, formando um acervo pessoal das louças que os encantavam e por acharem as peças bonitas as guardavam e durante a realização das campanhas arqueológicas e os trabalhos de educação patrimonial foram entregues a equipe de Arqueologia. Salientamos que dentre os fragmentos doados pela população local foram identificados louças com decoração transfer printing (11%), Mochaware (18%), Bandedware (18%), Shell Edged (25%), Sprig Style (10%), Peasant Style (4%), Faixas e frisos (7%), Flow Blue (3%) e Sem Decoração (4%). Já 4485 (68%) fragmentos são provenientes das escavações arqueológicas realizadas e serão trabalhados neste trabalho. Em seguida pode-se observar a frequência dos tipos decorativos das louças identificadas *in loco* durante as pesquisas arqueológicas.

A maioria das louças é de origem inglesa e em menor quantidade foram identificados fragmentos com a marca de fabricante francês **Villeroy & Boch**.

Neste trabalho através da análise dos atributos foi possível estabelecer a frequência das técnicas de produção, dos tipos de padrões, esmaltes, cor da decoração período de fabricação

e morfologia das peças. Foram identificadas faianças finas com diversas técnicas e padrões decorativos, a saber: carimbadas com padrões geométricos e florais, decoração *Sponge*, fragmentos com decoração plástica. Além dos fragmentos de peças em *Dipped* com decoração *Mochaware* que foram identificadas com os padrões fitomorfo ou algas dentrícticas, *Cat Eye* (olho de gato) e *Finger Painted*, encontram-se as louças *Bandedware* com representações de faixas e listras paralelas ou onduladas. As faianças finas, com decoração em *Transfer Printing*, apresentam padrões floral e geométrico, exótico e *Flow Blue* (azul borrão). e nas peças pintadas á mão livre têm-se o *Peasant Style* e *Sprig Style*, faixas e/ou frisos e *Shell Edged* (*Blue Edged*, *Green Edged* e *Red Edged*).

Este conjunto de faiança fina possui um grande quantitativo de fragmentos sem qualquer tipo de decoração. É importante ressaltar que isso não indica que esses fragmentos são considerados “sem pintura”, pois, os mesmos podem fazer parte da peça que recebeu decoração.

Foram identificados, de acordo com a morfologia fragmentos que faziam parte de peças pertencentes aos objetos de mesa e higiene pessoal como, entre outros, malgas, sopeira, pires, xícaras, tigelas, pratos, pires, potes, urinol, jarras. Os esmaltes *creamware*, *pearlware* e *whiteware*, utilizados na fabricação das louças estavam presentes no conjunto deste sítio arqueológico.

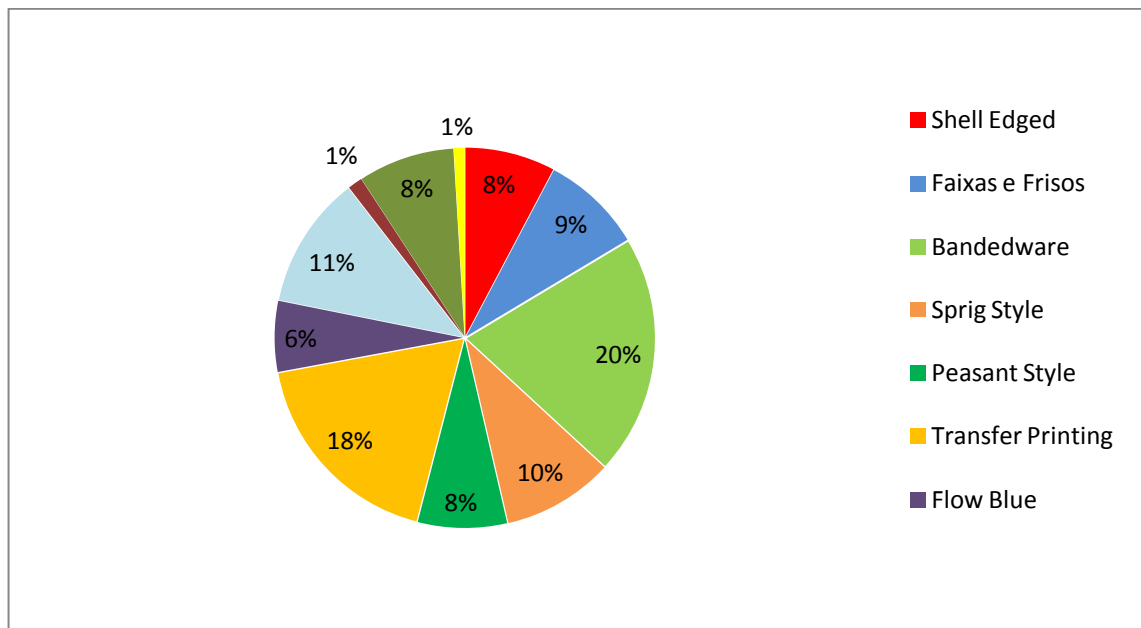
Como dito o sítio arqueológico Fazenda de São Bento tem uma representatividade de 4485, sendo que 50,3% (2256) dos fragmentos são decorados e 49,7% (2229) sem decoração.

De forma geral, citamos os tipos decorativos das peças encontradas no sítio, a predominância das decorações *Bandedware* e *Transfer Printing*, respectivamente, 20% (445) e 18% (402) da amostra. Em seguida, temos *Mochaware* 11% (253) e *Sprig Style* com 10% (212), faixas e/ou frisos 9% (193). Já com menores frequências aparecem as decorações *Shell Edged* (172), carimbada (184) e *Peasant Style* (170) com 8% e *Flow Blue* com 6% (135). E, por fim, faianças finas com decoração *Sponge* (28) e decoração plástica (21) com 1% (ver Gráfico 01).

Para Miller (1980) havia uma variação nos valores atribuídos às faianças finas devido a complexidade das técnicas decorativas aplicadas, porém as sem decoração permaneciam com valores baixos, pois não requeriam maiores complexidades na sua produção, isso fazendo referência na “lista de preços dos fabricantes de Staffordshire, Inglaterra, para o período entre 1796 e 1855” (SYMANSKI, 1998, p.168).

As louças *Bandedware*, *Shell Edged* e *Sponge* são simples e com valores baixos, consequentemente, mais acessíveis. Já a *Transfer Printing* são as mais caras e nesse sítio observamos a maior frequência de louças *Bandedware*, seguidas de louças *Transfer Printing*.

Gráfico 1 - Decoração da Faiança Fina – Sítio São Bento.



Fonte: Vanessa Rodrigues (2017).

Para a análise da função da louça dentro de um sítio arqueológico é necessário identificar a forma e tamanho dos objetos. Na amostra analisada foi possível identificar a morfologia dos fragmentos, a saber: bordas, bojos, bases, além de alças, tampas, artefatos que foram reutilizados como peça de jogo de tabuleiro (Figura 50) e fragmentos onde pode se observar a transição de borda/bojo e bojo/base.

Figura 50 - Peça de jogo de tabuleiro – Sítio São Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

As decorações são as mais variadas e bastante comuns nos sítios históricos e para transmitir as informações de forma mais didática iremos apresentar os dados das técnicas decorativas, suas decorações, estilos e/ou padrões mais comuns, variações e morfologias.

Ressaltamos que os dados apresentados a seguir representam as faianças finas do sítio arqueológico São Bento e possibilita mostrar a representatividade desse sítio por sua variação e frequência de fragmentos com diversificadas decorações.

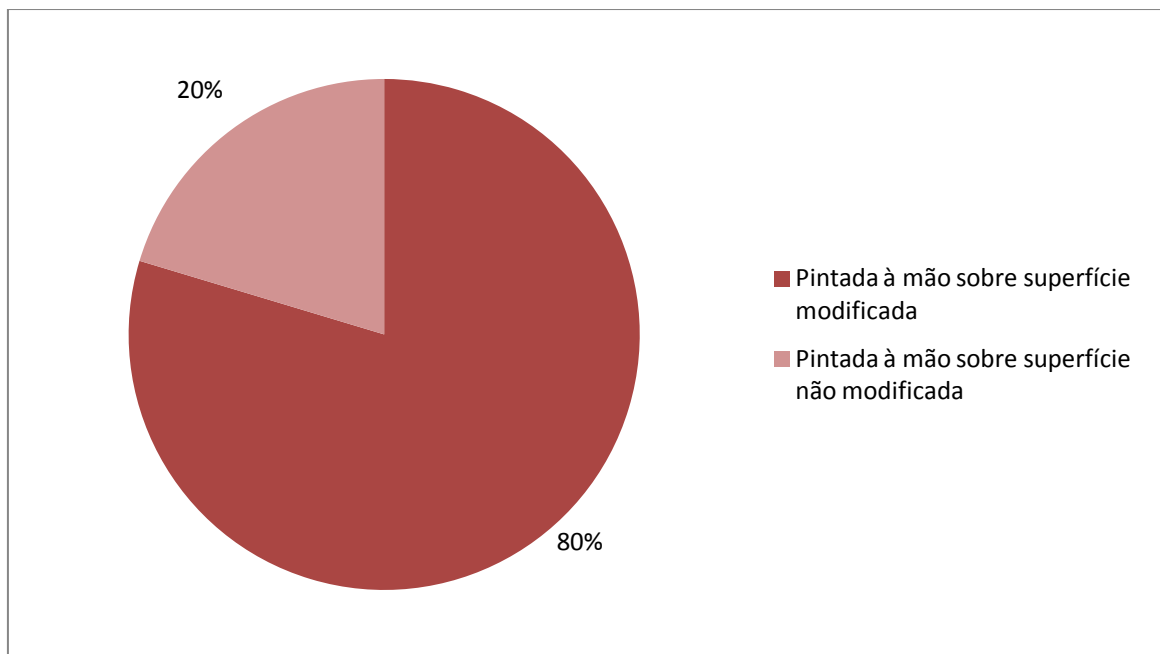
5.1.1 Faiança Fina – Sítio Arqueológico São Bento

A **técnica pintada a mão livre** presenteou-nos com variadas decorações, tipos, estilos e variações no tocante a decoração das faianças finas. Nessa categoria temos louça pintada em superfície modificada e não modificada. Têm-se decorações bastante conhecidas na arqueologia histórica e nos sítios arqueológicos do Brasil e que está presente no Litoral Norte de Pernambuco como, por exemplo, *Shell Edged*, Faixas e/ou frisos, *Sprig Style* e *Peasant Style*.

A *Shell Edged* Essa decoração bastante conhecida, podendo ser pintada a mão livre sobre superfície modificada ou não modificada. Como já explicitado acima o estilo *Shell Edged* que não possuem incisões ou é sem superfície modificada passaram a ser fabricadas no intuito de copiar ou falsificar as *Shell Edged* que tiveram sua fabricação encerradas e eram comum entre 1860 e 1890.

No caso do sítio São Bento teve-se a presença dos dois tipos de *Shell Edged*: totalizando 8% da amostra. Deste contamos com a presença de 137 fragmentos com superfície modificada e 35 fragmentos com superfície não modificada, respectivamente 80% e 20% da frequência da amostra (ver gráfico 02). Com relação a morfologia tem-se bordas associadas com bojos e bases e representam fragmentos de objetos como pratos e pires.

Gráfico 2 - Representação de faiança fina *Shell Edged* – Superfície Modificada e Não Modificada – Sítio São Bento.



Fonte: Vanessa Rodrigues (2017)

A faiança fina *Sprig Style*, pintada a mão livre, apresenta pequenos elementos florais e finas pinceladas. Esse estilo deixa boa parte da peça sem decoração. O período de produção data do século XIX. No sítio São Bento a frequência de fragmentos com esse estilo é de 212 fragmentos. A morfologia dos fragmentos analisados correspondem a 91 bordas, 104 bojos, 17 bases, estes correspondem a fragmentos de jarros, pratos, malgas, pires, xícara, além de fragmentos que não foi possível identificar sua funcionalidade.

A *Peasant Style* faiança fina pintada a mão livre com elementos florais e traços grossos que cobrem muito da superfície da peça. No sítio São Bento a frequência de

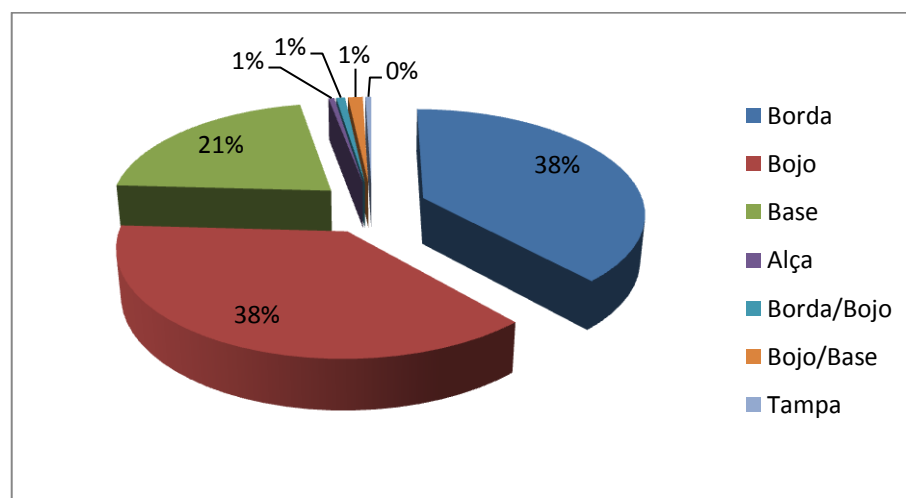
fragmentos com esse estilo é de 20% da amostra (170 fragmentos). A morfologia dos fragmentos analisados correspondem a 32 bordas, 122 bojos, 10 bases, 01 alça, 04 borda/bojo e 01 bojo/base. estes correspondem a fragmentos de tigelas, jarros, pratos, malgas, pires, xícara, além de fragmentos que não foi possível identificar sua funcionalidade.

A decoração **Faixas e/ou friso** é produzida com a peça girando no torno e com pincel fixado nas mãos do artesão. Geralmente são apresentados associados, porém há variações que apresentam ambos sozinhos. No sítio São Bento a frequência desse tipo é de 9% da amostra analisada (193 fragmentos). A morfologia dos fragmentos analisados correspondem a 123 bordas, 53 bojos, 10 bases, 05 alça, 02 borda/bojo/base, estes correspondem a fragmentos de pratos, malgas, pires, xícara, além de fragmentos que não foi possível identificar sua funcionalidade. Os custos da produção eram considerados baixo, popularizando as louças com essa decoração.

A técnica **transfer printing** é considerada uma das técnicas decorativas mais caras, também, presente em vários sítios arqueológicos históricos brasileiros. No sítio São Bento totaliza a maior frequência com 18% da amostra (402 fragmentos)

A morfologia dos fragmentos analisados correspondem a 154 bordas, 151 bojos, 85 bases, 02 alças, 03 borda/bojo, 05 bojo/base e 02 tampas (ver gráfico 03)., estes correspondem a fragmentos de jarros, copo, tigela, pratos, malgas, pires, xícara, além de fragmentos que não foi possível identificar sua funcionalidade.

Gráfico 3 - Morfologia da faiança fina com Técnica Decorativa *Transfer Printing* – Sítio São Bento.

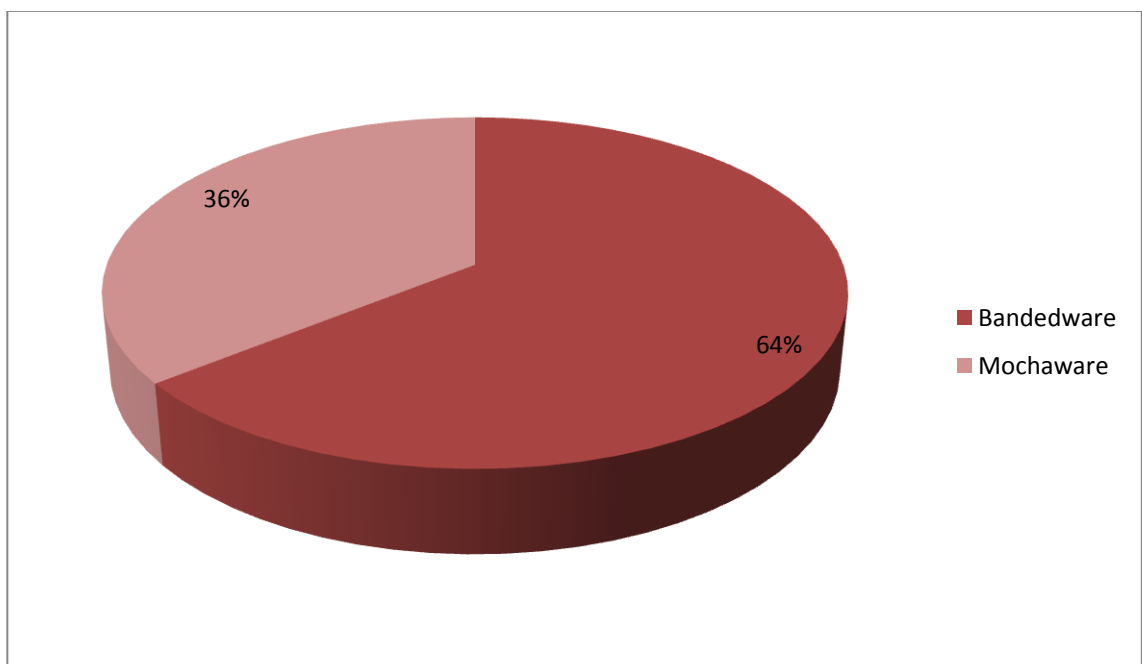


Fonte: Vanessa Rodrigues (2017)

Essa decoração é conhecida como *Flow Blue* (Borrão Azul) que é originada através do escorrimento da tinta intencionalmente dentro do esmalte produzindo um aspecto borrado. No sítio São Bento foram identificados 6% da amostra (135 fragmentos) com essa decoração. A morfologia dos fragmentos analisados correspondem a 25 bordas, 50 bojos, 49 bases (sendo 18 bases em pedestal), 07 borda/bojo, 03 bojo/base, estes correspondem a fragmentos de jarros, travessa, pratos, malgas, pires, xícara, além de fragmentos que não foi possível identificar sua funcionalidade.

A louça *Dipped* é produzida através do uso de uma camada fina de argila colorida na forma de faixas e listras, ocasionando um leve relevo na superfície. Ampla produção a partir de 1790 até o início do século XX. Possui diversificada variação e estas foram identificadas no sítio São Bento, a saber: *Mochaware e Bandedware* ou bandado (Ver gráfico 04) com suas variações *Engine-Turned, Cat Eye, Finger Painted ou Worm, fitomorfo, Wave* e faixas e friso ou *banded line*.

Gráfico 4 - Representação da Decoração *Dipped* – Sítio São Bento.



Fonte: Vanessa Rodrigues (2017)

Dentro de cada decoração há, também as variações decorativas. No caso específico da decoração *Dipped* o sítio São Bento foi contemplado com um acervo bem diversificado. A *Bandedware* possui uma frequência de 446 fragmentos de louça com decoração faixas e

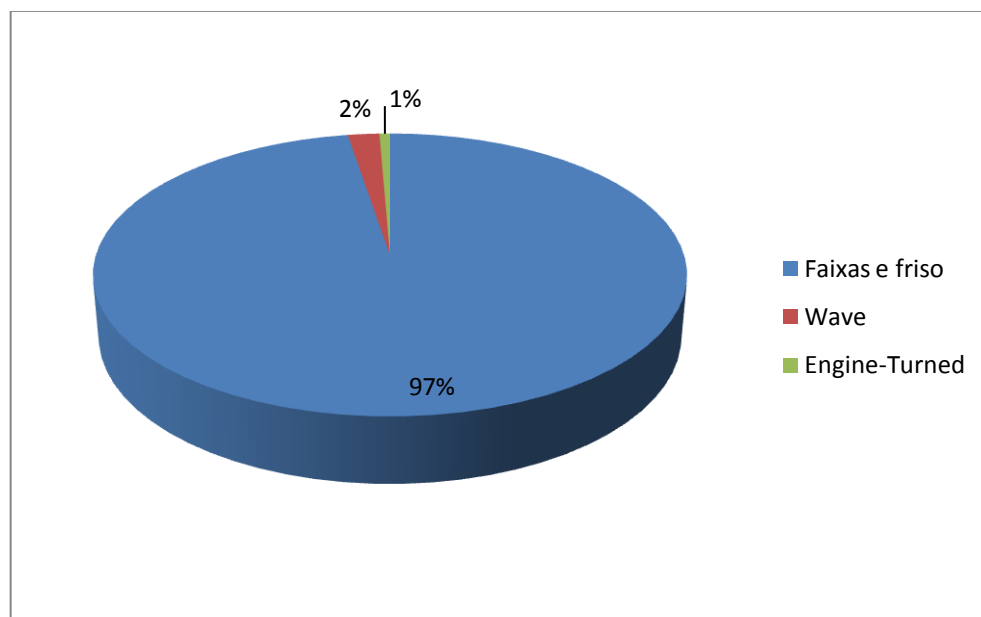
frisos, 09 fragmentos com a variação decorativa *Wave* e 03 de *Engine-Turned* representando, respectivamente, 97%, 02% e 01% (Ver gráfico 05).

A morfologia dos fragmentos com decoração *bandedware* analisados correspondem a 119 bordas, 298 bojos, 04 bases, 13 borda/bojo, 02 bojo/base, estes correspondem a fragmentos de malgas e xícara, além de fragmentos que não foi possível identificar sua funcionalidade.

Já a decoração *Mochaware*, também, foi encontrada com diversidade de suas variações totalizando 253 fragmentos (ver gráfico 06), onde pode-se 42% do fragmentos correspondem a decoração *Finger Painted (worm)*, 45% faixas e friso, 10% fitomorfo, 03% *Cat Eye* (olho de gato) e 02% com decoração não identificada.

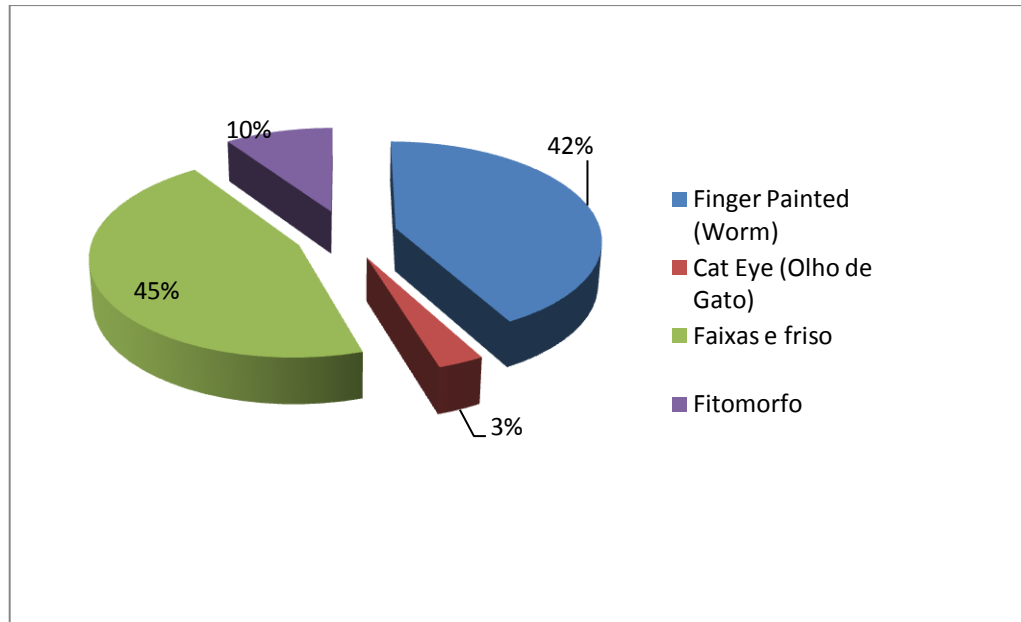
Com relação a morfologia tem-se 72 fragmentos de borda, 174 bojos, 05 bases, 02 borda/bojo. O esmalte desses fragmentos corresponde a *pearlware* e *whiteware*.

Gráfico 5 - Variações Decorativas – *Bandedware* – Sítio São Bento.



Fonte: Vanessa Rodrigues (2017)

Gráfico 6 - Variações Decorativas – Mochaware – Sítio São Bento.



Fonte: Vanessa Rodrigues (2017)

A técnica **carimbada** corresponde a 184 fragmentos com esmalte *pearlware* e *whiteware*. Sendo que 177 fragmentos correspondem ao padrão decorativo geométrico e floral.

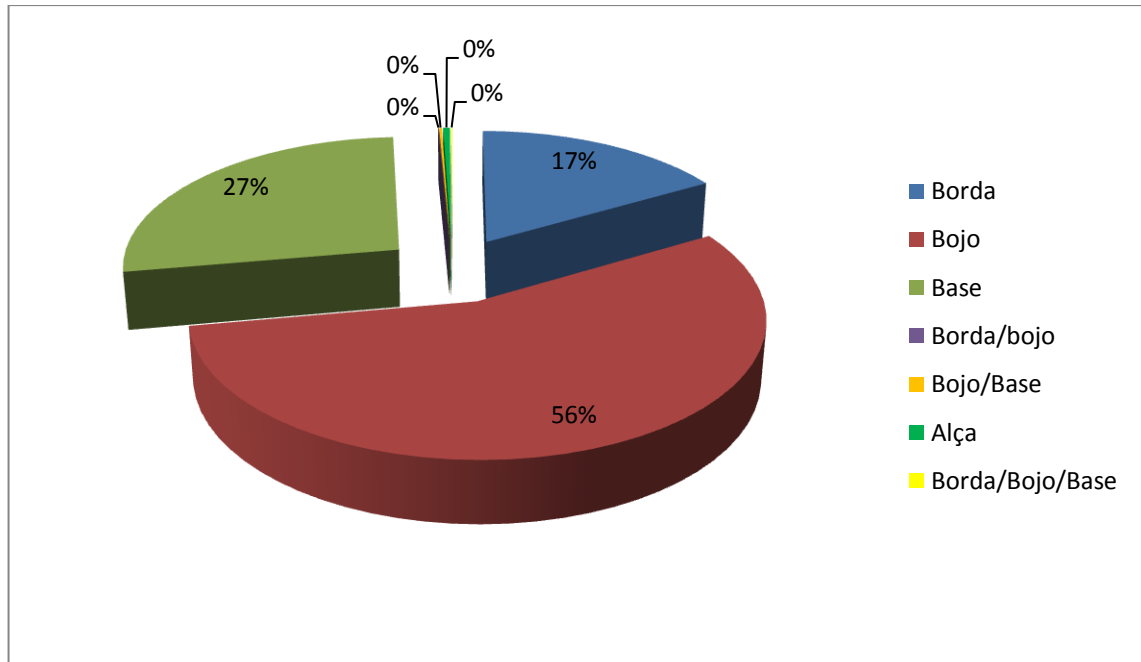
Além de 03 fragmentos com técnica carimbada associado ao *Peasant Style* e 04 associados a *Sprig Style*.

Morfologicamente o material analisado corresponde a 66 bordas, 108 bojos, 07 bases, 02 alças e 01 borda/bojo de pratos, xícaras, potes e malgas.

Essa técnica decorativa **Sponge** ocorre com frequência menor, apresentando 28 fragmentos que corresponde a 05 fragmentos de bordas e 23 de malgas.

As loiças com **decoração plástica**, também, em quantidade pequena apresenta uma frequência de 21 fragmentos, sendo 12 bordas, 08 bojos e 01 base/bojo que corresponde a fragmentos de pratos e xícaras.

O acervo do sítio arqueológico São Bento apresenta 49,7% (2229 fragmentos) da amostra **sem decoração**. No conjunto apresentado no gráfico 7, nota-se uma frequência mais alta de bojos com 56%, seguidos por bases com 27%, bordas (17%). Também, em menor quantidade, alças, borda/bojo, bojo/base, borda/bojo/base, respectivamente, 01, 04, 10 e 02 fragmentos. Neles foram identificados os três esmaltes em seus pontos de acúmulo: *creanware*, *pearlware* e *whiteware*.

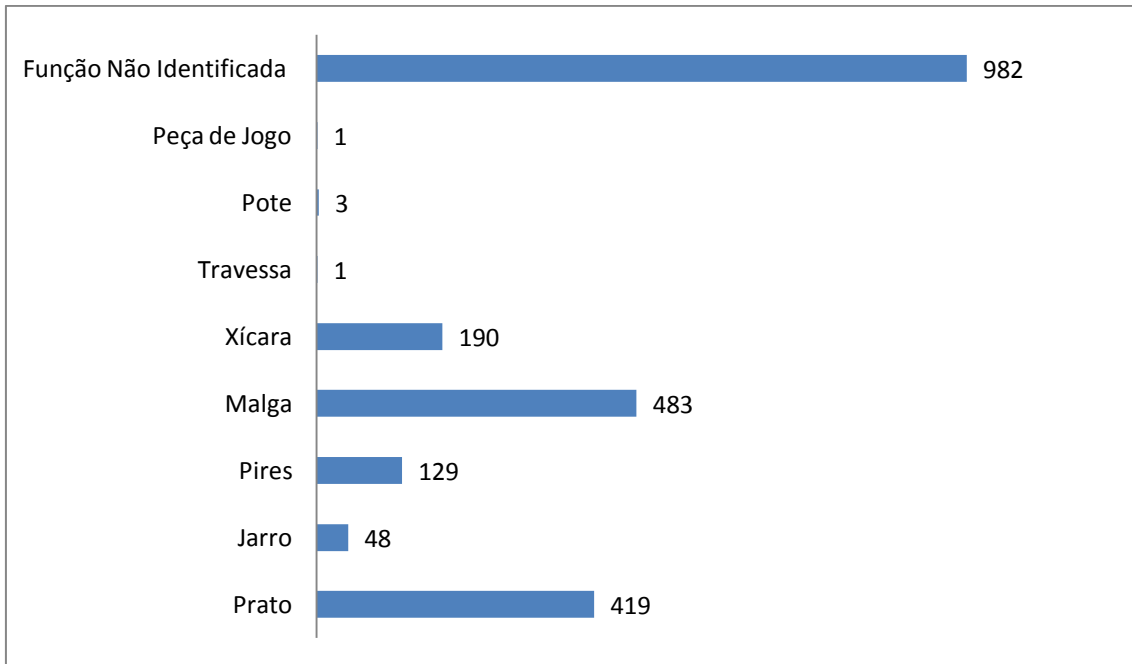
Gráfico 7 - Morfologia das Louças Sem Decoração – Sítio São Bento

Fonte: Vanessa Rodrigues (2017)

5.1.2 Frequência de Formas

O gráfico 8, refere-se às formas das louças com decoração, onde entendemos que a maior frequência é de fragmentos que não foi possível identificar a forma e sua provável função. Verificam-se, nesse conjunto, fragmentos de malga (21%), prato (19%), xícara (8%), pires (6%), jarro (2%). A maior frequência corresponde aos fragmentos que não foi possível identificar a função (44%). Já menores frequências correspondem aos fragmentos de travessa, pote e peça de Jogo não chegando a 1% da amostra.

Gráfico 8 - Frequência das Formas das Louças no Sítio Bento



Fonte: Vanessa Rodrigues (2017)

5.1.3 Marcas de Fabricantes

As marcas de fabricantes possibilitam saber a origem e período de produção dessas louças. No sítio São Bento encontra-se grande variedade de fabricantes: Villeroy & Boch (1815), Davenport (1805), J & G. Meakin England (1890), W. Adams (1812), Patent Ironstone China (1814), Stone China (1805) e Ironstone China (1813).

Pode-se, então, entender que os moradores, que viveram na Fazenda de São Bento, tinham acesso a ampla diversidade das louças, principalmente inglesa e, também, francesa.

5.2 AS LOUÇAS DO ENGENHO JAGUARIBE

O conjunto de fragmentos de louças do Engenho Jaguaribe é composto por 788 fragmentos de faiança fina que, também, possui frequência de diversas técnicas, padrões e motivos decorativos. Os fragmentos compunham peças de pratos, malgas, xícaras, jarros, pires, tampas e asas de jarros, além de fragmentos que não tiveram sua funcionalidade identificada que fizeram parte do conjunto de utensílios dos moradores do Engenho Jaguaribe.

Neste conjunto também predomina as louças de origem inglesa e, em menor frequência, as com indicação de produção nacional com inscrições incompletas onde fragmento EJ-404.1 apresenta “CAJÚ”, “J.”, “PE” e o fragmento EJ-404.1 apresenta “Brasil”.

Igualmente ao sítio São Bento a análise do acervo da louça do Engenho Jaguaribe buscou identificar os atributos e estabelecer a frequência das técnicas de produção, dos tipos de padrões, esmaltes, cor da decoração período de fabricação e morfologia das peças. Os fragmentos de faiança fina apresenta uma quantidade menor se comparada a coleção do Sítio São Bento, que pode ser justificada pois foi a primeira campanha arqueológica realizada e os trabalhos na área do engenho terão continuidade afim de nos revelar mais informações sobre o sítio.

No engenho Jaguaribe foi identificada a faiança fina com decorações diversas equiparando qualitativamente a Fazenda São Bento, a saber: Pintada a Mão Livre com decoração *Peasant style* e *Sprig style*, faixas e/ou frisos e *Shell Edged (Blue Edged, Green Edged e Red Edged)*; *Dipped* e suas variações decorativas de *Mochaware* que foram identificadas com os padrões fitomorfo ou algas dentríticas, *Cat eye* (olho de gato) e *Finger painted*. Ocorrem ainda as louças *Bandedware* com representações de faixas e listras paralelas e *Wave*. Além das louças com técnica *Sponge*, *Transfer printing*, apresentam padrões floral e geométrico e *Flow Blue* (azul borrão) e fragmentos de faiança fina com decoração plástica.

Neste conjunto de faiança fina 55,3% da amostra (436) corresponde as louças sem decoração. É importante ressaltar que esses fragmentos podem fazer parte da peça que não recebeu decoração.

De acordo com a morfologia os fragmentos analisados faziam parte de peças pertencentes aos objetos de mesa e higiene pessoal como, entre outros, malgas, sopeira, pires, xícaras, tigelas, pratos, pires, potes, urinol, jarras. Os esmaltes *creamware*, *pearlware* e *whiteware*, utilizados na fabricação das louças estavam presentes no conjunto deste sítio arqueológico.

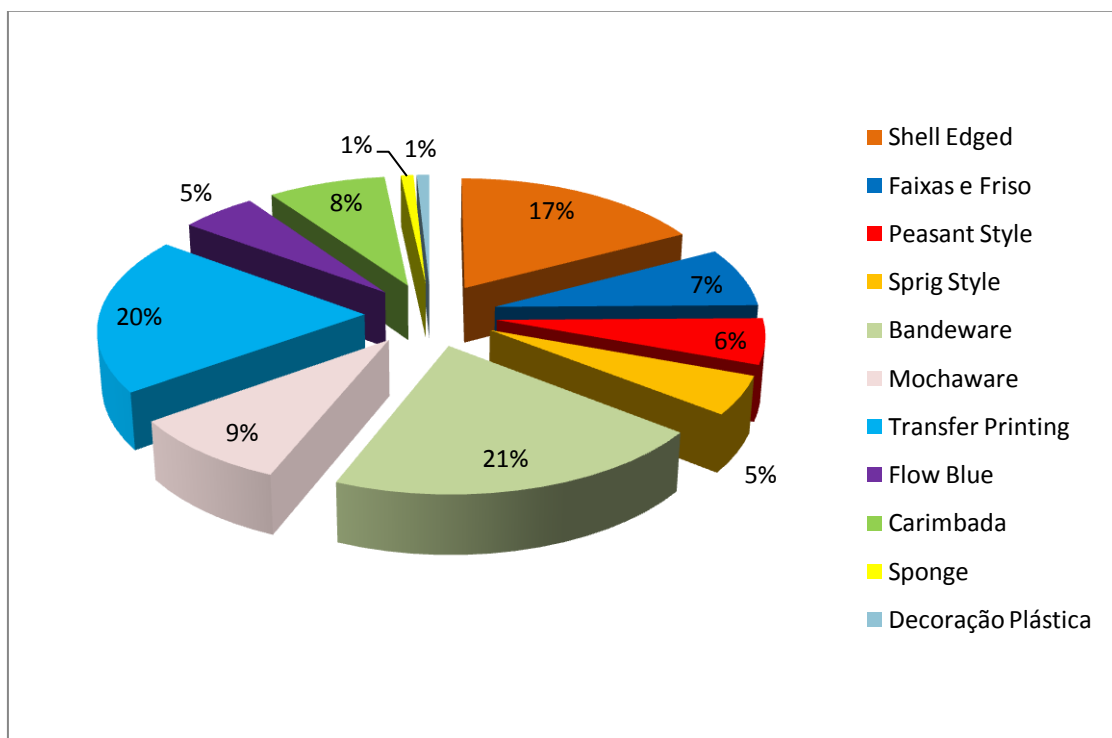
De forma geral, citamos os tipos decorativos das peças encontradas no sítio com predominância das decorações *Bandedware* (72) e *Transfer Printing* (69), respectivamente, 21% e 20% da amostra. Em seguida, temos *Shell Edged* (60) com 17%, *Mochaware* (31) 09%, carimbada (28) com 08%, faixas e/ou frisos (26) com 07%, *Peasant Style* (20) com 6%, *Sprig Style* (17) e *Flow blue* (18) com 05%. E, por fim, faianças finas com decoração *Sponge* e decoração plástica ambas com 03 fragmentos correspondendo a 1% da amostra (ver Gráfico 8).

Igualmente, ao sítio São Bento, as técnicas decorativas apresentadas no sítio Engenho Jaguaribe demonstram maior frequência de fragmentos sem decoração, onde cabe ressaltar que os fragmentos podem de fato ser parte de objetos produzidos sem decoração como,

também, fragmentos que fazem parte de objetos decorados e que não receberam decoração. Já os fragmentos decorados têm a maior frequência 21% de faianças finas *Bandedware* (mais barata), seguida de 20% de *Transfer Printing*, considerada uma técnica cara e aplicando nesses objetos valores maiores, tornando-as mais caras.

Na amostra analisada foi possível identificar a morfologia dos fragmentos, de bordas, bojos, bases, além de alças, tampas, artefatos que foram reutilizados como peça de jogo de tabuleiro e fragmentos onde pode ser observar a transição de borda/bojo e bojo/base.

Gráfico 9 - Tipos de Decoração da Faiança Fina – Sítio Engenho Jaguaribe

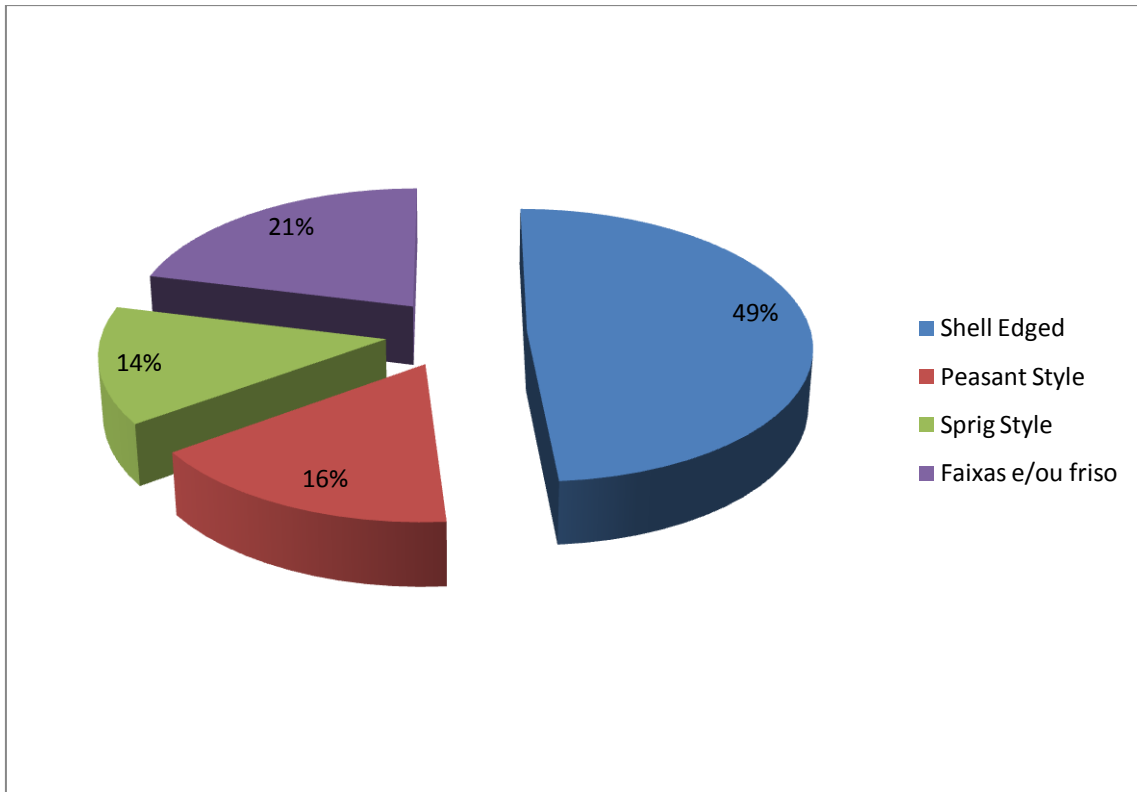


Fonte: Vanessa Rodrigues (2017)

5.2.1 Faiança Fina – Sítio Arqueológico Engenho Jaguaribe

A técnica **pintada a mão livre** presenteou-nos decorações com tipos, estilos e variações. Nessa categoria temos louça pintada em superfície modificada e não modificada. Têm-se decorações bastante conhecidas na arqueologia histórica e nos sítios arqueológicos do Brasil e que está presente no Litoral Norte de Pernambuco como pode ser observado no gráfico 9, por exemplo, *Shell Edged* com 49%, Faixas e/ou frisos (21%), *Peasant Style* (16%) e *Sprig Style* (14%).

Gráfico 10 - Variações Decorativas - Pintada a Mão Livre – Sítio Engenho Jaguaribe



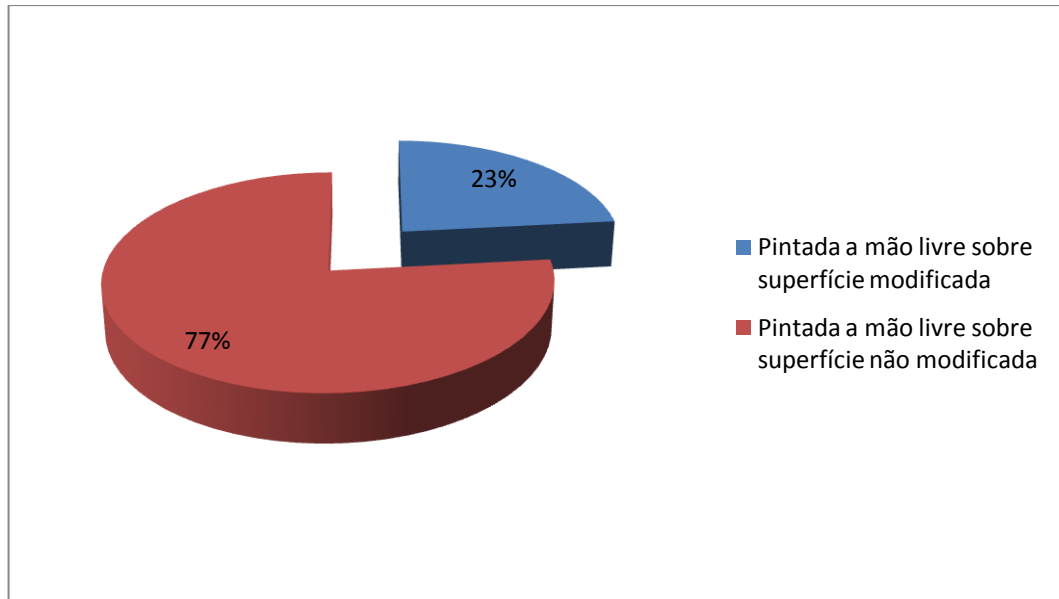
Fonte: Vanessa Rodrigues (2017)

Com relação a morfologia dos fragmentos analisados temos 86 fragmentos de bordas, 36 de bojos e 01 de base que representam malgas, xícaras, pratos e pires.

Como já citado, a decoração *Shell Edged* pode apresentar variações decorativa podendo ser pintada a mão livre sobre superfície modificada (figura 51) ou não modificada (figura 52). Como já explicitado acima o estilo *Shell Edged* que não possuem incisões ou é com superfície não modificada passaram a ser fabricadas no intuito de copiar ou falsificar as *Shell Edged* que tiveram sua fabricação encerradas e eram comum entre 1860 e 1890.

No caso do sítio Engenho Jaguaribe teve-se a presença dos dois tipos de *Shell Edged*: com superfície modifica com 14 fragmentos e 46 fragmentos com superfície não modificada, respectivamente 23% e 77% da frequência da amostra (observar gráfico 11). Com relação a morfologia, o acervo apresenta 57 bordas e 03 bojos que representam fragmentos de objetos como pratos e pires.

Gráfico 11 - Representação de faiança fina *Shell Edged* – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2017)

Figura 51 - *Shell Edged* – Superfície Modificada – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 52 - *Shell Edged* – Superfície Não Modificada – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

No sítio Engenho Jaguaribe a frequência de fragmentos *Sprig Style* é de 17 fragmentos correspondendo a 7% (figura 53). Esse estilo apresenta traços leves e finos. A morfologia dos fragmentos analisados corresponde a 07 bordas, 09 bojos, 01 bases, estes correspondem a fragmentos de pratos, malgas, pires, xícara, além de fragmentos que não foi possível identificar sua funcionalidade.

Figura 53 - Decoração *Sprig Style* – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

O estilo *Peasant Style* apresenta elementos florais e traços grossos que cobrem muito da superfície da peça (figura 54). No sítio Engenho Jaguaribe a frequência de 6% (20 fragmentos) da amostra. A morfologia dos fragmentos analisados correspondem a 05 bordas, 15 bojos, estes correspondem a fragmentos de pratos, malgas, xícaras, além de fragmentos que não foi possível identificar sua funcionalidade.

Figura 54 - Decoração *Peasant Style* – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

No sítio Engenho Jaguaribe há a frequência de 7% (26 fragmentos) da decoração **Faixas e/ou friso** (ver gráfico 9). A morfologia dos fragmentos analisados correspondem a 17 bordas, 09 bojos, estes correspondem a fragmentos de pratos, malgas e xícaras, além de fragmentos que não foi possível identificar sua funcionalidade. Os custos da produção eram considerados baixo, popularizando as louças com essa decoração (ver figuras 55 e 56).

Figura 55 - Decoração *Faixas e/ou friso* – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 56 - Decoração *Faixas e/ou friso* – Sítio Engenho Jaguaribe

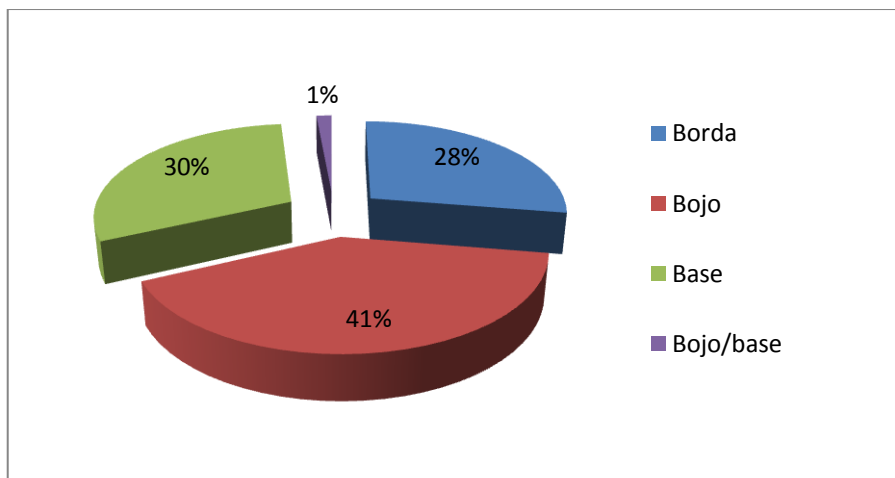


Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

A técnica *transfer printing* (ver figura 57 e 58) é considerada uma das técnicas decorativas mais caras, também, presente em vários sítios arqueológicos históricos brasileiros. No sítio Engenho Jaguaribe totaliza frequência de 69 fragmentos (ver gráfico 9).

A morfologia dos fragmentos analisados correspondem a 19 bordas, 28 bojos, 21 bases, 01 bojo/base, respectivamente, de acordo com o gráfico 12, temos 20%, 41%, 30% e 01%, que correspondem a fragmentos de pratos, malgas, pires, xícara e jarro, além de fragmentos que não foi possível identificar a funcionalidade.

Gráfico 12 - Representação morfológica da faiança fina *Transfer Printing* – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2017)

Figura 57 - Decoração *Transfer Printing* – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 58 - Decoração *Transfer Printing* – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

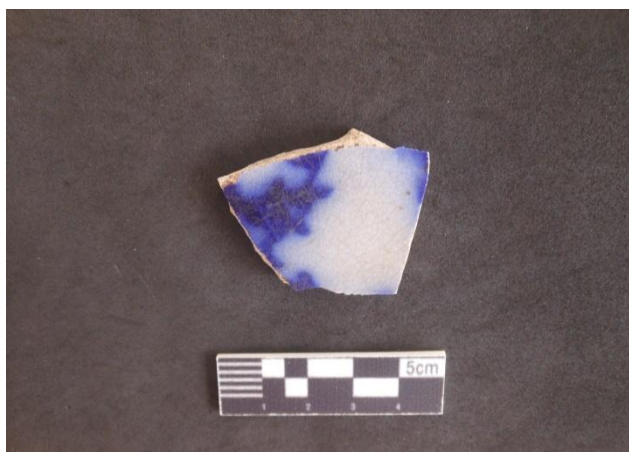
No sítio Engenho Jaguaribe foram identificados 18 fragmentos com a decoração *Flow Blue* (ver gráfico 9). A morfologia dos fragmentos analisados correspondem a 05 bordas, 06 bojos, 05 bases, 01 asa e 01 tampa que correspondem a fragmentos de jarros, pratos, malgas, além de fragmentos que não foi possível identificar sua funcionalidade (ver figuras 59 e 60).

Figura 59 - Decoração *Flow Blue* – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 60 - Decoração *Flow Blue* – Sítio Engenho Jaguaribe



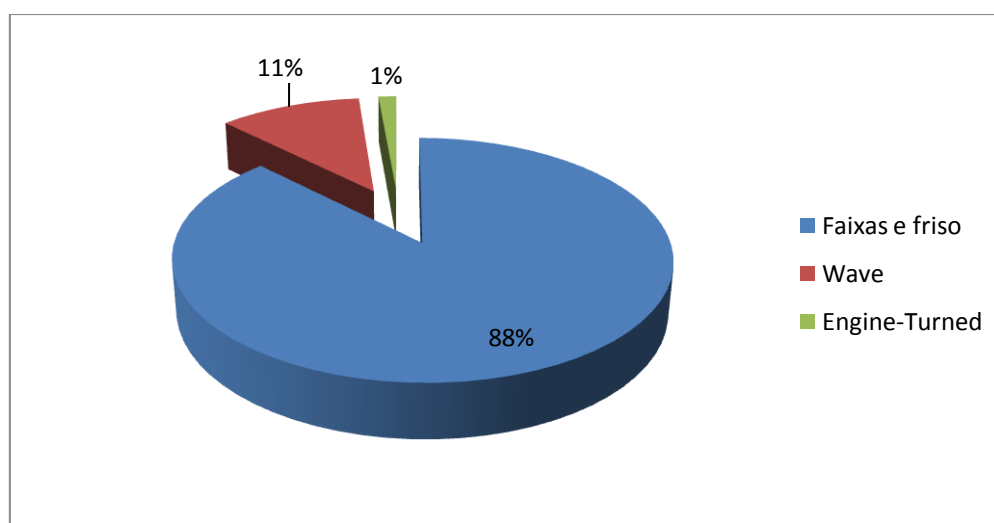
Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

No sítio Jaguaribe as variações temos as variações da decoração *Dipped*, a saber: *Mochaware e Bandedware* ou bandado com suas variações *Engine-Turned, Cat Eye, Finger Painted ou Worm, fitomorfo, Wave* e faixas e friso ou *banded line*.

Bandedware possui 72 fragmentos (ver gráfico 9), sendo que 88% representado (ver gráfico 13) por faiança fina com variação de faixas e frisos (ver figura 61), 11% com decoração *Wave* (ver figura 62) e 01% representado por *Engine-Turned* (ver figura 63).

Com relação a morfologia dos fragmentos *Bandedware* analisados temos a 22 bordas, 49 bojos, 01 bases que correspondem a fragmentos de malgas, além de fragmentos que não foi possível identificar sua funcionalidade.

Gráfico 13 - Variações Decorativas – *Bandedware* – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2017)

Figura 61 - Decoração *Faixas e Friso* – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 62 - Decoração *Wave* – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 63 - Decoração *Engine-Turned* -- Sítio Engenho Jaguaribe

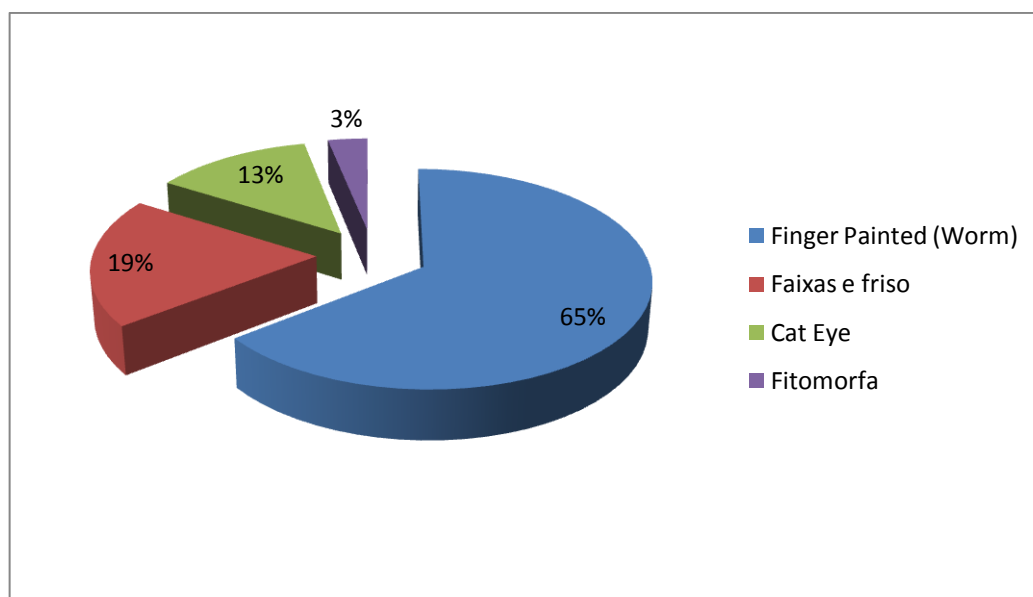


Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Já a decoração *Mochaware*, também, foi encontrada com diversidade de suas variações totalizando 31 fragmentos (ver gráfico 9), onde 65% do fragmentos correspondem a decoração *Finger Painted (worm)* (ver figura 64), 19% faixas e friso, 13% *Cat Eye* (ver figura 65), 03% fitomorfo (ver gráfico 14).

Com relação a morfologia tem-se 72 fragmentos de borda, 174 bojos, 05 bases, 02 borda/bojo. O esmalte desses fragmentos corresponde a *pearlware* e *whiteware*.

Gráfico 14 - Variações Decorativas – Mochaware - Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2017)

Figura 64 - Decoração *Engine-Turned* – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 65 - Decoração *Cat Eye* – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

A técnica **carimbada** corresponde a 28 fragmentos (ver gráfico 8), sendo que 26 fragmentos correspondem a decoração floral e 02 fragmentos com decoração geométrica (ver figura 66 e 67).

Com relação a morfologia o material analisado que apresenta decoração carimbada corresponde a 11 bordas, 14 bojos, 02 bases, 01 borda/bojo que correspondem a fragmentos de malgas, pires, pratos e xícaras.

Figura 66 - Decoração Carimbada – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 67 - Decoração Carimbada – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

A técnica decorativa *Sponge* ocorre em menor frequência, apresentando 03 fragmentos que correspondendo a 1% da amostra do acervo (ver gráfico 9). Sendo morfológicamente representado por 1 borda (ver figura 68) 02 bojos que corresponde a fragmentos de malgas.

Figura 68 - Decoração Sponge – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

As louças com **decoração plástica**, também, ocorre em frequência pequena com 03 fragmentos de bordas que corresponde a fragmentos de pratos.

Temos como exemplar o padrão Trigal (ver figura 69) que tem como representação ramos de trigo em relevo moldado. A produção dessas louças teve início em 1851 por Edward Walley's, na Inglaterra e “foi chamado, até o final do século XIX, de *Ceres*.” (TOCCHETTO; MEDEIROS, 2009).

Figura 69 - Decoração Padrão Trigal – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

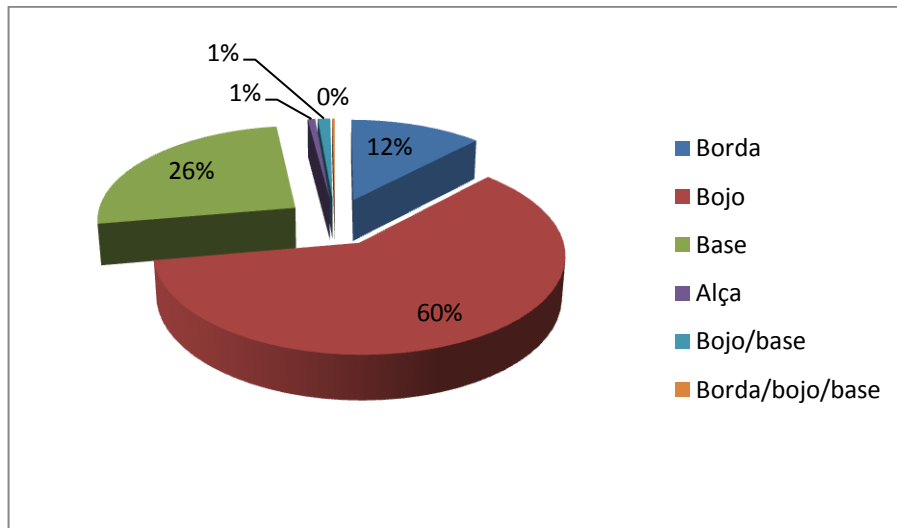
O acervo do sítio arqueológico Engenho Jaguaribe apresenta uma frequência de 55,3 % (436 fragmentos) **sem decoração**. Com relação a morfologia, nota-se uma frequência mais alta de bojos com 60%, seguidos por bases com 26%, bordas (12%) (Gráfico 15).. Em menor quantidade temos as alças, bojo/base, borda/bojo/base com 01% do total (ver figura 70).

Figura 70 - Fragmento sem decoração – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

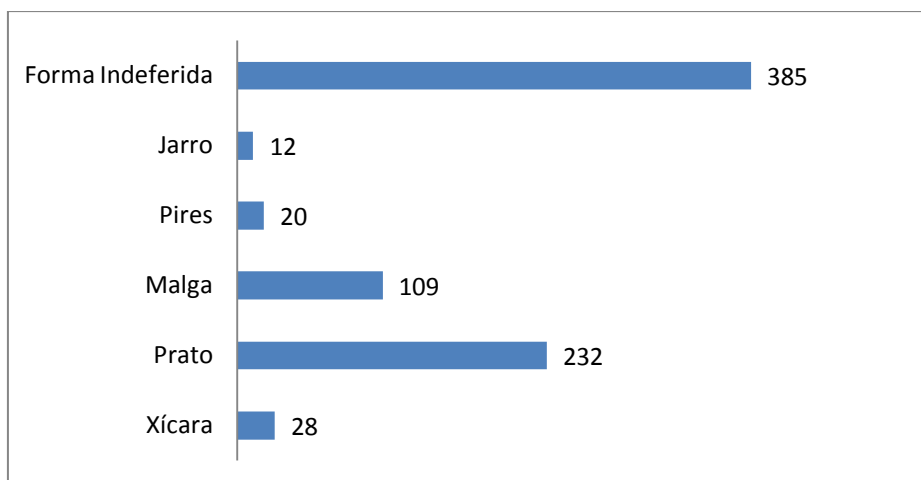
Gráfico 15 - Morfologia das Louças - Sem Decoração do sitio Engenho Jaguaribe.



Fonte: Vanessa Rodrigues (2017)

5.2.2 Frequência das Formas

No sítio Engenho Jaguaribe ocorre um conjunto de utilitários que compõe as mesas de jantares como fragmentos de prato (29%), malga (14%), xícara (4%), pires (3%), seguido de 49% de louças com a função não identificada (49%) e da menor frequência que corresponde a fragmento de jarro (1%). A representatividade das formas indica cuidado em por a mesa e na recepção de visitantes. No gráfico 16, pode-se observar as formas das louças decoradas, onde nota-se a maior frequência de fragmentos que não foi possível identificar as formas dos objetos.

Gráfico 16 - Frequência das Formas das Louças do Sítio Engenho Jaguaribe

Fonte: Vanessa Rodrigues (2017)

5.2.3 Marcas de Fabricantes

No sítio arqueológico Engenho Jaguaribe foi contemplado com marcas de fabricantes incompletas e menos conhecidas, impossibilitando afirmar os fabricantes. Além de, apresentar dois fragmentos o EJ-404.1 que apresenta “CAJÚ”, “J.”, “PE” (ver figura 76) e o fragmento EJ-404.1 apresenta “Brasil” (ver figura 77). Ambos os fragmentos apresentam elementos nacionais como Caju e apresentam a técnica pintada a mão livre *Peasant Style*, porém não tivemos indícios suficientes para informar o fabricante dessas peças, pois não conseguimos identificar o fabricante.

Figura 71 - Técnica pintada a mão livre - *Peasant Style* – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

Figura 72 - Técnica pintada a mão livre - *Peasant Style* – Sítio Engenho Jaguaribe



Fonte: Vanessa Rodrigues (2016)

6 CONSUMO E PODER

6.1 ENGENHO E FAZENDA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Os engenhos e fazendas desde o início de suas instalações requeriam grande valor financeiro para seu funcionamento. Só quem podia tê-los eram famílias que tinham poder econômico significativo na época.

Os senhores de engenhos buscavam investir na produção, construindo espaços mais adequados para instalar a moenda, casa de purgar e casa de caldeiras, além de grandes e seguros espaços para armazenar o que era produzido. Todo o investimento era mais voltado para a produção.

A casa-grande para controlar todas as etapas de produção, trabalhadores e pessoas que tinham acesso ao engenho e a igreja por ser considerada importante e sagrada encontravam-se em lugares mais altos do terreno. Na maioria dos engenhos da época, principalmente, os primeiros eram mais simples no interior de suas dependências.

Já as fazendas tinham objetivo principal de moradia, além de criação, por esse motivo os seus proprietários tinham cuidado em decorá-las e embelezá-las com as melhores mobílias, utensílios e objetos de uso pessoal e decorativo, pois recebiam visitas e precisavam impressioná-los. A preocupação com objetos decorativos e de uso doméstico se tornou

constante nos ambientes que recebiam fluxo considerado de pessoas. Algumas eram geridas por religiosos, como exemplo, a Fazenda de São Bento, administradas por beneditinos, também, era utilizada como recinto para doutrinação religiosa.

Segundo Barbosa (2012 p. 171) durante o século XIX a sala de jantar dos engenhos possuía uma configuração fortemente estabelecida, que não permitia adequações além daquelas que eram impostas pelo bolso.

Oferecer um jantar passou a ser considerando um dos mais importantes deveres sociais, tornando a cerimônia e, conseqüentemente, a sala de jantar em um espaço destinado não só ao cotidiano familiar, mas também destinado a objetivos sociais como, por exemplo, selar alianças políticas e econômicas. Sendo assim, o jantar tornou-se um ritual onde assegurava a determinadas famílias uma posição hierárquica na sociedade (BARBOSA, p.172, 2012).

A criação de um cômodo durante este período especialmente dedicado às refeições na casa demonstra o significado que este assumiu para aquela sociedade, que foi corroborado pelo mobiliário e por todo aparato de objetos destinado ao consumo alimentar (LIMA, p. 137, 1995 *apud* BARBOSA, p. 171, 2012). Acreditamos que nesse cômodo da casa era possível apresentar aos convidados o poder econômico que a família possuía diante da sociedade.

As faianças finas apresentam em forma não verbal a cultura de determinado grupo, moradores e consumidores de determinado local e acabam por contribuir para compreensão da relação destes com os demais membros da sociedade.

Citando Lima (1995 p. 138) “dar um jantar passou a ser considerado o mais importante dos deveres sociais”, assim o trato com o aparelho de jantar era importante para impressionar os convidados. Nota-se a distinção social através dos objetos utilizados por pessoas de determinado grupo, onde estas pessoas põe a mesa seus aparelhos de jantar muitos destes sofisticados e considerados para época. Assim, como afirma Bezerra (2015 p. 198):

Dentre os rituais de comensalidade praticados no Brasil, destaca-se o jantar, tendo sido este incorporado do cotidiano europeu. Para atender às necessidades do referido ritual, foram agregados diferentes itens para compor a mesa, como aparelho de jantar, copos de cristais, talheres (garfos, facas e colheres), tigelas, sopeira, entre outros. A diversidade de itens e modelos possibilitou uma distinção social através dos objetos, pois nem todos os grupos podiam adquirir produtos com a mesma qualidade (BEZERRA, 2015).

A sala de jantar era o espaço da casa reservado para receber os convidados e, da mesma forma como os itens que compõem o ritual, o jantar em si deveria estar impecável (Bezerra, 2015). E o status social refletia no uso de louças mais cara ou popular.

Os sítios arqueológicos são dotados de informações que refletem o passado dos grupos humanos. O sítio Fazenda de São Bento e Engenho Jaguaribe mostra-nos semelhanças no trato de seus utensílios de uso doméstico, apesar de se tratar de unidades com objetivo de uso distinto, e como já mencionado administrada por religiosos com objetivo de criação e doutrinação religiosa (Fazenda) e não religioso (Engenho) que visava a produção e expansão das instalações.

Nessa pesquisa foram analisados ambos os sítios e as louças resgatadas nas campanhas arqueológicas realizadas. Como exposto no decorrer do trabalho as louças possuem uma cronologia de produção e de uso bem definidas, além refletir algumas questões como status social e situação econômica dos grupos que as utilizava.

A análise comparativa do material arqueológico estudado percebe-se que não tem distinções com relação as louças encontradas em ambos os sítios, tanto a Fazenda São Bento quanto o Engenho Jaguaribe possuem frequência da faiança fina mais simples *Bandedware* seguida da mais cara *Transfer Printing*.

A diferença é apenas com relação ao quantitativo das louças resgatadas cada sítio, como explicado acima os trabalhos arqueológicos na Fazenda encontram-se mais avançados com três campanhas registradas e como alguns trabalhos já publicados enquanto no Engenho houve apenas uma campanha realizada e pretensão para mais pesquisas no mesmo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revolução industrial permitiu, por um lado, penetração do produto industrializado europeu no mercado brasileiro, por outro lado, um mercado onde os consumidores buscava emular os hábitos e costumes europeus. Produtos como tecidos, prataria, louças, entre outros, eram adquiridos e utilizados em suas residências.

O que buscou-se nesta pesquisa através do estudo faiança fina foi identificar comportamento de consumo que refletiria as questões socioeconômicas dos moradores da Fazenda São Bento e do Engenho Jaguaribe no período dos séculos XVIII-XIX, pois sendo unidades residenciais distintas, fazenda e engenho, inferiu-se que haveria comportamento de consumo distinto entre seus proprietários quanto a aquisição e o uso da faiança fina.

Um dos materiais arqueológicos mais encontrados nos sítios arqueológicos históricos são as louças, que estão carregadas de informações as quais permite compreender o cotidiano de grupos que as utilizavam e, porventura, vieram a descartar.

O estudo das louças permitiu compreender o contexto social e econômico dos moradores da Fazenda São Bento e do Engenho Jaguaribe. Verifica-se que a fazenda seria um ambiente onde seus moradores deveriam ter mais preocupação com seus utensílios de mesa e jantar e, este último por ser unidade de produção, teria maior preocupação com o investimento e melhoria de infraestrutura de forma a expandir a produção. Entretanto, os dados analisados refletem que ambos os sítios possuem comportamento de consumo semelhante, como veremos a seguir.

A faiança fina da Fazenda de São Bento apresentou resultados que demonstra preocupação com os objetos de uso doméstico como xícaras, pires, malgas, pratos, jarros muito destes de valor considerado barato pela escala de valores de Miller (1991), porém nota-se, como já apresentada anteriormente, a frequência maior de *Bandedware* e *Transfer Printing*, louça de valor baixo a cara, respectivamente, 20% (445) e 18% (402) da amostra.

O Engenho Jaguaribe, um dos cinco primeiros engenhos instalados na Capitania de Pernambuco, apesar desse tipo de estrutura possuir no seu interior tipicamente com mobílias e utensílios simples, o que se observa nas análises das louças é que os moradores do engenho, também, utilizavam louças de valor baixo a cara, respectivamente, *Bandedware* com 72 fragmentos (21%) e *Transfer Printing* com 69 (20%) da amostra analisada.

Nesse sentido, ambos os sítios estudados possuem maior frequência *Bandedware* seguida pela faiança fina *Transfer Printing*, esta considerada por Miller louças mais caras. Assim, o que se observa é a presença de utensílios domésticos de uso cotidiano e mais popular como, também, havia os utensílios com valores mais elevados que eram utilizadas em ocasiões especiais.

A identificação da função das faianças finas é importante, pois indica o uso a qual o utensílio foi destinado e nesse sentido podemos inferir, por exemplo, que as louças de valor mais elevado eram utilizadas em ocasiões especiais na recepção de visitas importantes e as de menor valor eram utilizadas no cotidiano das pessoas.

No acervo analisado da fazenda São Bento foi identificado itens de mesa e jantar que correspondem a 21% de malgas, seguido por 19% de pratos e em menores frequências temos as xícaras com 8%, os pires com 6% e os jarros com 2%. Já no engenho os itens característicos a sala de jantar correspondem 29% de fragmentos de pratos seguidos por 14% de malga em menores frequências xícara representada por 4% da amostra, pires com 3% e jarro com 1%. O exposto acima reforça a preocupação dos moradores com itens que compõem o conjunto de mesa e jantar.

No tocante ao comportamento de consumo identifica-se não haver distinções dos moradores dessas duas unidades físicas. Pois seguindo a escala econômica de Miller (1980), como já citado, têm-se louças com técnicas decorativas mais elaboradas e, conseqüentemente, são mais caras no comércio e adquirida por pessoas com maior poder aquisitivo e outras mais populares com valores mais acessíveis. De acordo com análise das louças aqui estudadas tanto o sítio São Bento quanto o sítio Engenho Jaguaribe apresentaram maiores frequências de técnicas decorativas *Bandedware* e *Transfer Printing*, apesar de serem unidades distintas e moradores com hábitos característicos: *Fazenda Beneditina (religioso) e Engenho Jaguaribe (não religioso)*.

Durante a análise das louças foram identificados, também, fragmentos com elementos nacionais como o caju, o que pode indicar que os produtores ingleses produziam utensílios de louças direcionados para compradores nacionais, ou seja, viam no mercado brasileiro consumidores reais e potenciais para seus produtos.

Os estudos de comportamento de consumo na área da Sesmaria Jaguaribe permite-nos identificar o status social de seus moradores. Esse trabalho na área é novo e pretende-se aprofundar as pesquisas na área. Como citado anteriormente, o trabalho no Engenho Jaguaribe

teve apenas a primeira campanha arqueológica ao passo que no sítio São Bento ocorreu escavação em uma área bem mais ampla, com vestígios localizados em diferentes unidades construtivas e acumula diversas dissertações e artigos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Marcos. **Arqueologia Histórica: Uma releitura dos descobrimentos**. Anais da IX Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro, 22 a 26 de setembro de 1997. Publicação digital. p. 3.
- ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. **Arraial Novo do Bom Jesus: consolidando um processo, iniciando um futuro**. Recife/PE: Ed. Graftorre Ltde.. 1997.
- ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; WALMSLEY, Doris. **Fortes de Pernambuco: imagens do passado e do presente**. Recife/PE - Graftorre , 1999
- ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu; VELOZO, Jango Nery. **A faiança fina inglesa dos sítios arqueológicos históricos brasileiros**. CLIO Arqueológica n.9 – 1993.
- ANDRADE. Ana Paula Guedes de. **A Casa de Vivenda do Sítio São Bento de Jaguaribe: Uma Reconstituição Arqueológica**. UFPE, Recife, 2006.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A Civilização Açucareira**. In.: QUINTAS, Fátima (org.). A civilização do açúcar. Recife: SEBRAE / Fundação Gilberto Freyre, 2007.
- ARAÚJO, Astolfo Gomes de Mello; CARVALHO, Marcos Rogério Ribeiro de. **A louça inglesa o século XIX: considerações sobre a terminologia e metodologia utilizadas no Sítio Florêncio e Abreu**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n. 3, p. 81-95, 1993.
- BARBOSA, Rute Ferreira. **“Para o Povo Ver”: A materialidade dos Engenhos Banguês do Norte de Alagoas, no século XIX**. Dissertação de Mestrado -UFPE– Recife, 2012.
- BARDI, Pietro Maria; PENIDO, Dom Basílio; FONSECA, Edson Nery; GONSALVES DE MELLO, J. A.; MENEZES, José Luiz Mota. **Benedictinos em Olinda – 400 anos**. São Paulo: Editora SANBRA, 1986.
- BEZERRA, Ana Paula Gomes. **Capitalismo e Elite no Ceará: Produção, Distribuição e Consumo de Louças Europeias em Aracati (1850 A 1890)**. Fortaleza –Ceará, 2015.
- CAMPELLO, Katarine Maria de Oliveira; OLIVEIRA, Cláudia Alves de; MACHADO, Francisco Oliveira. **O município de Abreu e Lima/PE e o seu potencial Histórico-Cultural: Uma contribuição para o desenvolvimento do Turismo no Litoral Norte do Estado de Pernambuco**. IX ENTBL – Encontro Nacional de Turismo com Base Local: Turismo, Inclusão Social e Sustentabilidade, 2005.
- CARRÉRA, Mércia. **Reconstituição de uma fazenda colonial: estudo da casa de Fazenda de São Bento de Jaguaribe**. 2005. 123f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
- CESNIK, F. S; BELTRAME, P. A. **Globalização da cultura**. Barueri: Manole, 2005.
- COSTA, Diogo M. **Arqueologias Históricas: Um panorama espacial e temporal**. Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. Volume 4, Número 2, julho-dezembro 2010. ISSN 1981-5875.

COVOLAN, Fernanda Cristina; GONZALEZ, Everaldo Tadeu Quilici. **Sesmarias, Lei de terras de 1850 e a cidadania – Sistema legal x sistema social.** Trabalho publicado nos Anais do XVII Congresso Nacional do CONPEDI, realizado em Brasília – DF nos dias 20, 21 e 22 de novembro de 2008.

DICKENS JR., R. S. **Archaeology Of Urban America. The Search for Pattern and Process. Studies in Historical Archaeology,** Academic Press, New York, 1982.

DI BACO, H. M; FACCHIO, N.B; LUZ, J. R; **Das raízes da pesquisa arqueológica a arqueologia processual: um esboço geral.** V.3, Nº 1, p. 206 - 233, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Teoria e Arqueologia Histórica: A América Latina e o mundo.** Vestígios- Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. Volume 1, Número 1, janeiro- Junho de 2007. ISSN 1981-5875.

FRANCO, Tassio. **Catarina Paraguaçu - A Mãe do Brasil.** Editado pela Relume Dumará. Rio de Janeiro, 2001.

HENRY, Susan L. **Factors influencing consumer behavior in Turn-of-the-Century Phoenix, Arizona.** In: Consumer choice in historical archaeology. University of Massachusetts Boston, Massachusetts, 1987.

LIMA, T. A.; FONSECA, M. P. R. da; SAMPAIO, A. C. de O.; FENZL-NEPOMUCENO, A. & MARTINS, A. H. D. **A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro.** Revista Dédalo, S. Paulo, pub. avulsa, p. 205-230, 1989.

_____. **Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX.** Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material, São Paulo, v. 3, p. 129-191, 1995.

_____. Arqueologia Histórica: Algumas considerações. I Seminário de Arqueologia Histórica. SPHAN/FNPM, outubro 1985. Rio de Janeiro. Universidade de São Paulo.

LIVRO DO TOMBO DO MOSTEYRO DE SÃO BENTO DE OLINDA. Separata da: Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Recife, v.41, 1948.

LUNA, Dom Joaquim G. de. **Os monges beneditinos no Brasil.** Rio de Janeiro: Edições “Lumen Christi”, 1947.

MEDEIROS, Mércia Carréra de. **Reconstituição de uma fazenda colonial:** Estudo de caso da fazenda São Bento de Jaguaribe. Dissertação de Mestrado, UFPE, 2005.

MENEZES, Catarina Agudo. **A cultura do açúcar: uma herança dos os antigos engenhos de Alagoas.** V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 27 a 29 de maio de 2009 Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

MILLER, George. **A revised set of cc index values for classification and economic scaling of English ceramics from 1787 to 1880.** New York: Historical Archaeology, 1991.

_____. **Classification and economic scaling of 19th. century ceramics.** New York: HistoricalArchaeology, 1980.

- MOREIRA, Adriano. **A lei das sesmarias**. Disponível em: <http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=2168620&seccao=Adriano%20Moira&tag=Opini%E3o%20-%20Em%20Foco>. Acesso em: 11 de Nov. 2013.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. **Sesmarias em Portugal e no Brasil**. Politeia: Hist. e Soc, Vitória da Conquista, v.1, n.1, p. 111-139, 2001.
- NOZOE, Nelson. **Sesmarias e Aposseamento de Terras no Brasil Colônia**. Universidade de São Paulo (FEA-USP), São Paulo, Brasil. Revista economia, 2006.
- NUNES, Edson de Araújo; OLIVEIRA, Cláudia Alves. **Conflitos indígenas na Sesmaria Jaguaribe do século XVI**. XVII Congresso de Iniciação Científica I Congresso de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, CTG-UFPE, 2009.
- O'BRIEN, M. J; LYMAN, R.L; LEONARD, R.D. **Basic Incompatibilities between Evolutionary and behavioral archaeology**. American Antiquity, 1998, p. 485-498.
- OLIVEIRA, Cláudia; LIMA, Maria Lúcia Ferreira da Costa. Novas perspectivas para o turismo no Litoral Norte de Pernambuco. **Anais do VII ENTBL – Encontro Nacional de Turismo com Base Local. Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-BA, 2003.**
- OLIVEIRA, Cláudia; LIMA, Maria Lucia; CAMPELLO, Katarine; SILVA, Severina Gorette; SILVA, Josangela; HENRIQUES, Josilene; SANTANA, Vilckma. **Educação Patrimonial no Município do Paulista – PE**. V Encontro Nordestino de História/ V Encontro Estadual de História. Recife, UFPE – 10 a 15 de Outubro, 2004.
- OLIVEIRA, Cláudia. **Memórias Perdidas da Sesmaria Jaguaribe**. V Encontro Nordestino de História/ V Encontro Estadual de História. Recife, UFPE – 10 a 15 de Outubro, 2004.
- OLIVEIRA, Cláudia Alves. **Os Primeiros Engenhos Coloniais Sesmaria Jaguaribe – PE**. Relatório Final, UFPE, 2011.
- OLIVEIRA, Cláudia Alves. **Prospecção Arqueológica na Sesmaria Jaguaribe – PE**. Relatório I, UFPE, 2005.
- PEIXOTO, Luciana da Silva. **A louça e os modos de vida urbanos na Pelotas oitocentista**. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas – RS, 2009.
- PROWN, Jules David. **Mind in Matter: An Introduction to Material Culture Theory and Method**. In: Winterthur Portfolio, V. 17, n. 1, 1982, pp.1-19. University of Chicago Press.
- ROCHA, Mateus. **Manuscritos do Arquivo do Mosteiro de São Bento de Olinda**. Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Recife, v.42, 1948.
- SIMONSEN, Roberto C. **História Econômica do Brasil. 1500-1820**. Brasília: Senado Federal, 2005.
- SILVA, Érica Marcela da. **A faiança Fina: Vestígios materiais do Forte Orange século XIX**. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.
- SILVA, Fabíola Amaral Jansenda. **O cativeiro rural colonial: reconstituição arqueológica da senzala da fazenda de São Bento de Jaguaribe – Município de Abreu e Lima, Pernambuco**. Dissertação de Mestrado, UFPE– Recife, 2006.

SOARES, Fernanda Codevilla. **Vida material de desterro no século XIX: As louças do Palácio do Governo de Santa Catarina, Brasil**. Tese de Doutorado da Universidade de Tras-os-Montes e Alto Douro - Vila Real, 2011.

SOUTH, Stanley. **Method and Theory in Historical Archaeology**. New York: Percheron Prerss, 2002.

SCHIFFER, Michaael. **Behavioral Archaeology: First principles**. Foundations of archaeological. Inquiry. 1975. p.46-54.

_____. **Archaeology as Behavioral Science**. In: Schiffer, Michael Brian. Behavioral Archaeology. First principles. Foundations of Archaeological Inquiry. 1975. p.46-54.

_____. **Formation processes of the archaeological record**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.

_____. **Archaeological Context and Systemic Context**. In: Schiffer, Michael Brian. Behavioral Archaeology. First principles. Foundations of archaeological Inquiry. 1972. p.156-165.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. **Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

_____. **Práticas econômicas e sociais no sertão cearense no século XIX: um olhar sobre a cultura material de grupos domésticos sertanejos**. Revista de Arqueologia, 21, n.2, p. 73-96, 2008.

_____. **Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1998a.

_____. **Bebidas, panacéias, garrafas e copos: a amostra de vidros do Solar Lopo Gonçalves**. *Revista de Arqueologia*. São Paulo, 11:71-86, 1998b.

SPENCER-WOOD, Suzanne. **Consumer choice in historical archaeology**. New York, Plenum Press, 1987.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial 1550-1835**, São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TOCCHETTO, Fernanda; MEDEIROS João Gabriel Toledo, Medeiros. **A louça em lixeiras urbanas: reflexões sobre atributos, datações e consumo em Porto Alegre**. Revista de Arqueologia, v.22, n.1, (jan-jul.2009): 125 - 134, 2009.

